

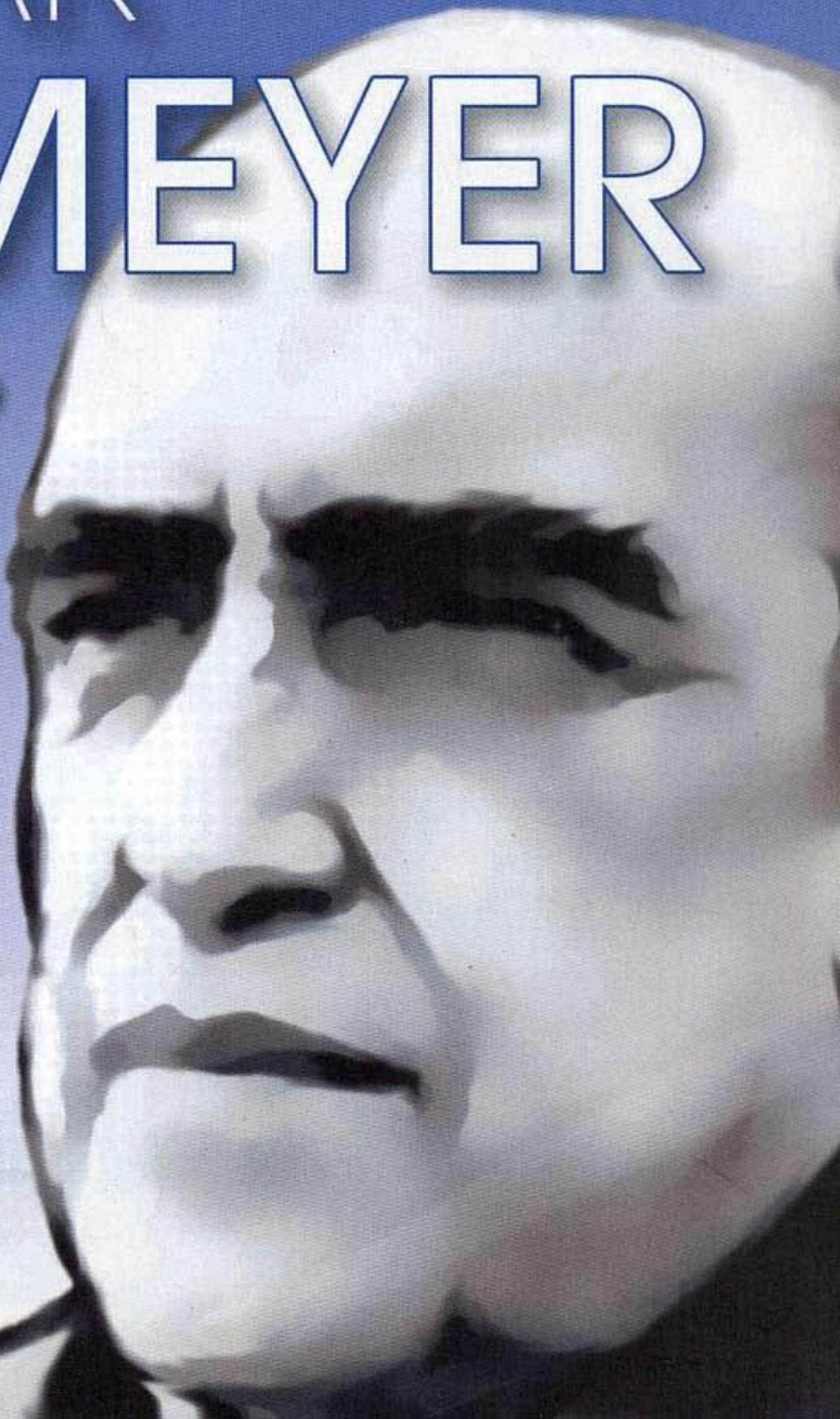
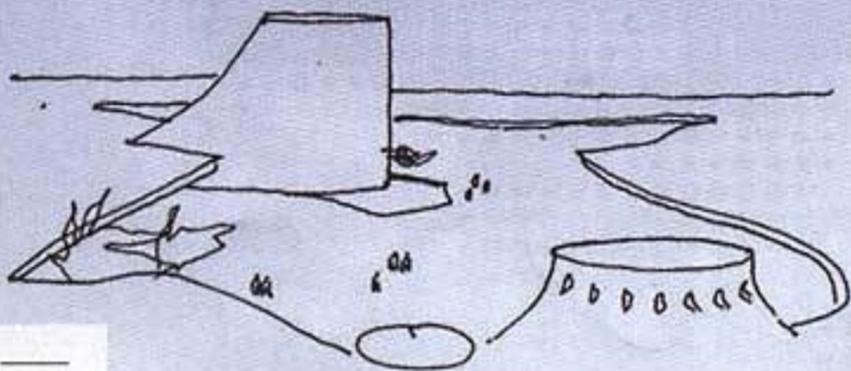
DEZEMBRO/2007 ■ JANEIRO/2008 Nº93 R\$ 8,00

Princípios

REVISTA TEÓRICA, POLÍTICA E DE INFORMAÇÃO

OSCAR NIEMEYER

Os cem anos do homem que tornou o mundo mais bonito e sempre lutou para libertá-lo das injustiças

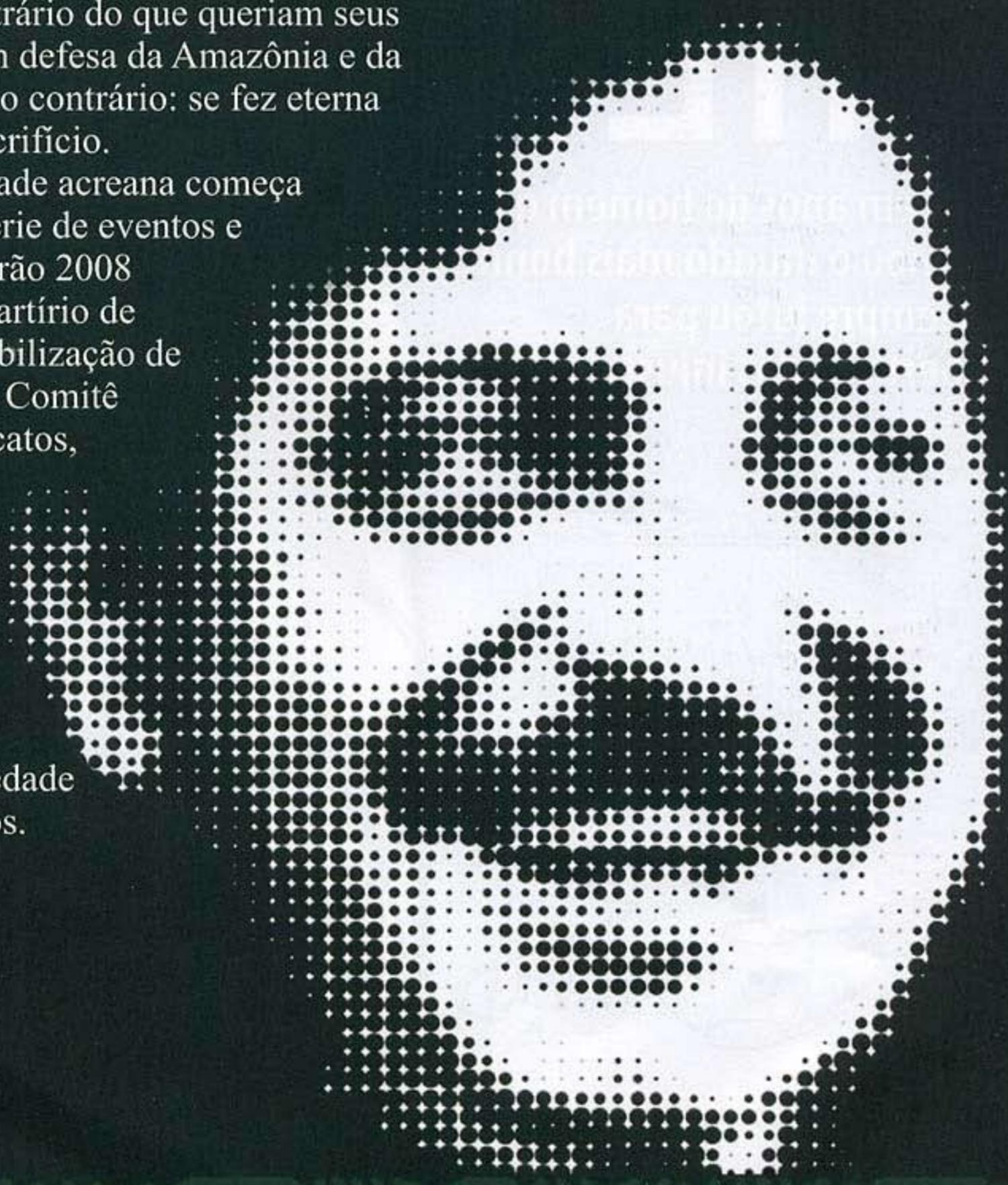


Chico Mendes

20 anos de uma luta eterna.

Chico Mendes foi assassinado em 22 de dezembro de 1988. Mas ao contrário do que queriam seus carrascos, sua luta em defesa da Amazônia e da vida não cessou ali, ao contrário: se fez eterna no instante do seu sacrifício.

Agora a sociedade acreana começa a desenvolver uma série de eventos e atividades que marcarão 2008 como o Ano 20 do martírio de Chico Mendes. A mobilização de organizações como o Comitê Chico Mendes, sindicatos, instituições civis e governamentais quer lembrar ao mundo que a luta de Chico está viva e é para sempre. Para isso, o povo acreano conta com a solidariedade de todos os brasileiros.



Oscar Niemeyer

Completa cem anos o brasileiro criador de uma arquitetura de formas livres e leves, adversária do ângulo reto e amante das curvas. A imaginação rebentando as grades da razão. Cavalos selvagens – as mãos rejeitam os caminhos sulcados e gastos pela mesmice. Em vez disso, as veredas desconhecidas a que ordena o faro da intuição!

Em centenas de projetos espalhados por vários países, sua arquitetura fez brotar em concreto armado belas criaturas, tornando o mundo mais bonito. Aos cem anos se parece com uma dessas frondosas árvores frutíferas de seu país tropical que, mesmo com idade avançada, não param de florir, nem de produzir frutos.

Mas, esse brasileiro além de ocupar o século de existência a que já teve direito, embelezando o planeta com sua arquitetura, sua escultura, tem lutado para libertá-lo das injustiças, das guerras e da exploração capitalista. Desde cedo sua vida vinculou-se à causa do povo e ao inquebrantável compromisso com os ideais libertários do socialismo.

O exílio e sua arquitetura o fizeram viajar pelo mundo, que o recebeu com admiração, espanto e respeito. Tantas obras (consta cento e oitenta e um monumentos espalhados em quinze países) poderiam retratar essa admiração de diferentes nacionalidades por seu trabalho, mas, para efeito simbólico, sua participação destacada no projeto da sede das Nações Unidas, em Nova Iorque, nos EUA, marca o reconhecimento mundial do valor de sua arquitetura.

Contudo, se declaradamente amou países, como França, Argélia, URSS, Itália, entre outros, sua grande paixão é o Brasil e o povo brasileiro. Eric Hobsbawm, historiador cuja reputação dispensa comentários, sentenciou: “É impossível imaginar o Brasil do século XX sem Oscar Niemeyer. É impossível pensar na arquitetura do século XX sem ele. É quase igualmente impossível pensar que este revolucionário criativo e notável tenha quase a mesma idade do século”.

Brasília é a prova maior desse seu amor pelo Brasil. Cidade de substantiva e imperativa beleza. As curvas e as colunas, os vãos, as cúpulas, forçando a matemática a fazer cálculos tidos como impossíveis, obrigando a engenharia a pospor seus limites. Tudo para o concreto armado adquirir flexibilidade.

À sua pátria tem dado o melhor de si como cidadão e arquiteto. Em suas andanças por belas e históricas cidades, como Paris, nunca ficou calado a qualquer crítica estrangeira ao seu país. Obviamente, tem consciência de suas desigualdades, dos saques e males provenientes do imperialismo, dóem-lhe na alma a pobreza e os infortúnios a que secularmente tem sido condenada grande parte de seus compatriotas. Mas, a vastidão e a juventude do Brasil e o caráter criativo e laborioso do povo sempre alimentaram suas esperanças de um presente e futuro melhores.

Em *O ser e a vida*, livro recém-publicado – título, aliás, que lembra o diálogo sempre empreendido por sua inteligência entre Sartre e Marx, e nas palavras a que dirigiu à *Princípios*, em novembro último em seu escritório em Copacabana – ele mais uma vez mostrou a coerência de um cidadão que nunca se omitiu quanto ao destino da América Latina e do Brasil. Defende o governo Lula dos ataques da reação e faz uma conclamação à juventude para protestar contra as violências e injustiças que o capitalismo espalha e contra as ameaças desferidas pelo imperialismo contra o Brasil e toda a América Latina.

Um homem desapegado do dinheiro e apegado ao trabalho e de uma solidariedade sem limites aos seus companheiros e a todos quantos cruzam seu destino.

Um século de vida, um tesouro de realizações. Tesouro de tal valor, a ponto de outro grande brasileiro, Darcy Ribeiro, na ânsia de sublinhar o legado de seu compatriota, ter dito certa vez que o único brasileiro a ser lembrado no Século XXX seria Oscar Niemeyer.

Como outrora, taças ao alto: Vida ainda mais longa, ao camarada Niemeyer!

Princípios

Índice

TEORIA

O capitalismo contemporâneo e a nova luta pelo socialismo
Renato Rabelo..... **6**



Gramsci e a Escrita da História
Lincoln Secco..... **16**

Ignácio Rangel e a Economia Política do Brasil
Elias Jabbour..... **17**

CAPA

“É uma utopia querer consertar o capitalismo”
Entrevista com Oscar Niemeyer..... **26**

Um século de vida, um tesouro de realizações..... **28**

Belas criaturas em concreto armado tornando o mundo mais bonito! **36**



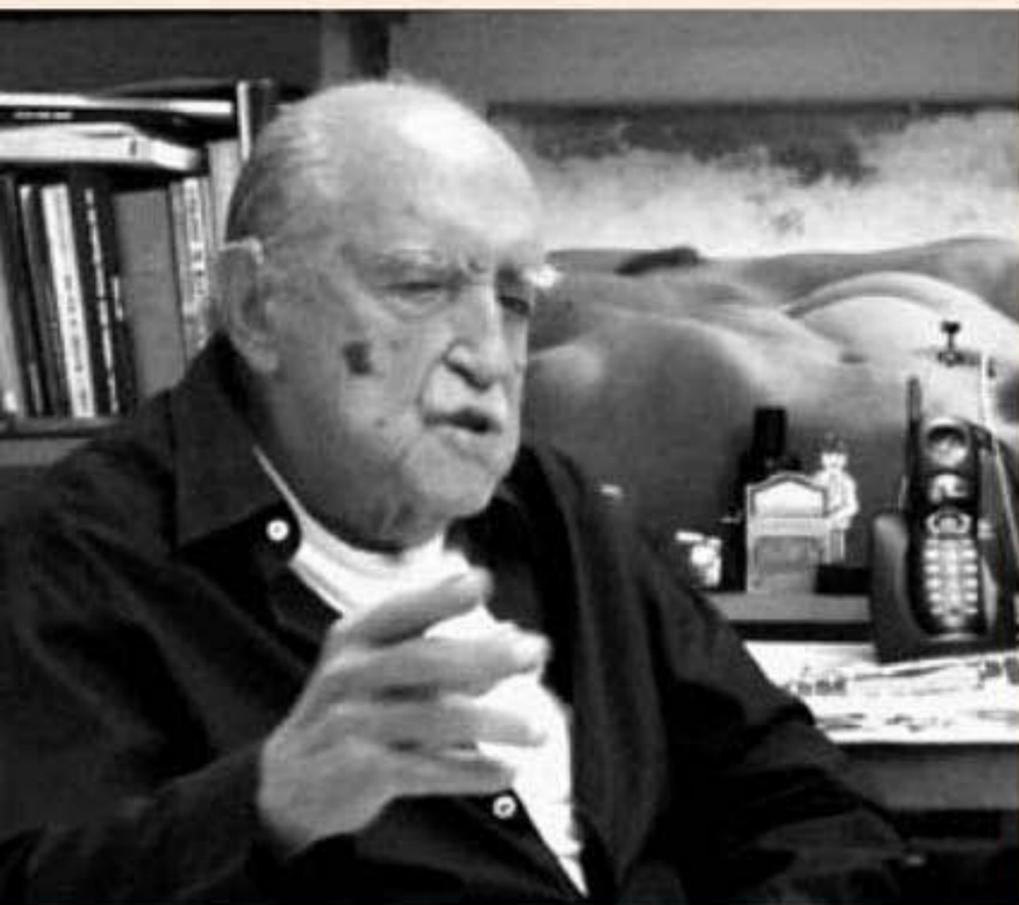
Arquitetura de Niemeyer por Niemeyer..... **46**

Um modernismo tropical, sensual e brasileiro
Carolina Ruy..... **51**

Desafio contemporâneo da arquitetura: a relação entre o público e o privado
Entrevista com José Magalhães Júnior..... **54**

Ano nacional Oscar Niemeyer
Inácio Arruda..... **57**

Depoimentos e testemunhos..... **60**



INTERNACIONAL

A causa da Revolução de Outubro vive e triunfa
Guennadi Zyuganov..... **64**



BRASIL

A geopolítica e as fontes energéticas
José Divanilton Pereira Silva..... **70**



HISTÓRIA

Para que o Araguaia não seja esquecido
Priscila Lobregatte..... **74**

MEMÓRIA

Edvar Bonotto: breve e intensa vida em prol do socialismo
Adalberto Monteiro..... **77**



RESENHA

Aconteceu Longe Demais – A luta pela terra dos posseiros entre Formoso e Trombas
Paulo Eduardo A. C. Cruz..... **80**

O capitalismo e a nova luta

O Partido Comunista do Brasil e o Instituto Maurício Grabois – no âmbito das comemorações dos 90 anos da Revolução de Outubro – realizaram nos dias 19 e 20 de novembro, na cidade de São Paulo, o Seminário Capitalismo Contemporâneo e a Nova Luta pelo Socialismo, do qual participaram intelectuais e lideranças políticas do Brasil e do exterior. Princípios publica o pronunciamento de Renato Rabelo, presidente nacional do PCdoB, feito no encerramento desse evento, quando dialoga com as principais idéias e opiniões que afloraram nos debates, tais como: o mundo em transição, a hegemonia dos EUA posta em xeque, a financeirização como sistema de poder, a nova luta pelo socialismo. Idéias que, segundo ele, demandam uma agenda de pesquisas e estudos

contemporâneo pelo socialismo

Renato Rabelo

Este seminário, em sua primeira parte, realizou um esforço para tentar indicar as particularidades do capitalismo contemporâneo. Objetivo esse muito importante, na atualidade, para que um partido político possa definir sua estratégia e sua tática. Não podemos ficar simplesmente nas generalidades, naquilo que já conhecemos do capitalismo. Precisamos captar, penetrar naquilo que define essa singularidade atual. Valorizo o esforço teórico e político realizado pelos conferencistas, pelos participantes do Seminário, em busca dessas particularidades.

O Seminário também empreendeu uma reflexão para melhor compreender a realidade e a geopolítica do mundo atual. Que mundo temos diante de nós? Que política prevalece? Que sistema de poder mundial vigora? Consideramos essencial, para responder a tais indagações, a discussão travada na primeira parte do Seminário, no seu primeiro dia. O PCdoB não é grupo de diletantes. Toda essa discussão serve à definição da política partidária. Esse foi o esforço realizado.

Desde o último Congresso do PCdoB, procuramos investigar qual seria a particularidade do capitalismo contemporâneo. Na concepção marxista a economia política é “uma ciência essencialmente histórica”, portanto, sujeita, conforme essa visão, “a mudança constante”. Por isso, um dos propósitos deste evento é aprofundarmos uma compreensão mais justa sobre as mudanças contemporâneas do sistema capitalista-imperialista. Neste particular, destaca-se o tema relativo à “financeirização”. O Seminário deu algumas contribuições para que possamos persistir no aprofundamento das reflexões e pesquisas. Porque o grande problema não é constatar que estamos diante de uma finança mundializada – de um vasto



mercado da riqueza como se diz – ou até mesmo afirmarmos que há uma dominância financeira. Até aí não vejo particularidade, não vislumbro nisso uma singularidade.

A financeirização, como sistema de poder

Quando se afirma que o rentismo, que também não é novo, passou a ser “institucionalizado”, comecemos a examinar uma peculiaridade do tempo presente. Alguns aqui se referiram ao período de John Maynard Keynes (1883-1946) e em tom de humor dizemos que ele iria se revolver em sua sepultura ao ouvir falar desse rentismo, que consiste na forma de vasta especulação institucionalizada.

O cerne da questão é saber se a financeirização está no centro das relações econômicas e sociais. Isso é verdadeiro? Dado significativo está expresso pela forma de concentração e universalização das finanças contemporâneas, que mobiliza volumes enormes de ativos financeiros por meio dos instrumentos ditos derivativos, constituindo-se estes, em meios privilegiados de especulação, onde o capital especulativo, parasitário, tem função primordial. Ou melhor, se procurarmos aprofundar mais a questão, surge a pergunta: o capital portador de juros, tal como foi denominado por Karl Marx (1818-1883), está no centro das relações econômicas e sociais hoje no mundo? Como se sabe, a mais-valia auferida não é só parte do lucro do capital, mas também a parte dos juros. E essa parte dos juros passa a ter um crescimento maior de valor, passando a estar no centro das relações econômicas e sociais. Há maior exigência de aumentar a mais-valia, para haver mais remuneração para a esfera financeira, prevalecendo o “viés” financeiro, retirando assim recursos para o reinvestimento na produção.

Mais explicitamente, como discorreu na sua exposição o economista e professor Luiz Gonzaga Belluzzo, a financeirização passa a ser um sistema de poder e controle, porque por trás estão setores poderosos, da classe dominante capitalista que passam a ter em suas mãos grandes meios de alavancagem, através da mobilização de gigantescos volumes de ativos financeiros. Então, passa a ser uma

relação de poder no centro do sistema. As próprias empresas produtivas passam a ficar presas à lógica financeira, à mercê da criação de grandes departamentos financeiros, e os Bancos Centrais em última instância se tornam dependentes do poder da riqueza “financeirizada”. É um padrão sistêmico que impõe sua lógica a tudo, na distribuição de renda, na própria definição da política salarial e dos direitos trabalhistas.

Estas são as questões que devemos aprofundar em nossa apreciação, em nosso debate, para podermos realmente localizar essas particularidades do capitalismo atual, porque isso tem relação com o poder, com a fração da burguesia detentora de maior poder. E tal situação pode ter consequência no ajuste da nossa visão teórica e estratégica. Sabemos que a ação política do Partido torna-se cada vez mais eficaz se concentrarmos bem o nosso alvo no inimigo mais poderoso e, desta forma, neutralizar

parte de forças retrógradas importantes e ganhar um número muito maior de forças para o lado do progresso social. Ou seja, é preciso sempre ter nítido qual o alvo a ser alvejado, que pressupõe compreender essa particularidade atual. Qual fração das classes dominantes hoje tem mais poder? Contra ela é que temos de canalizar nosso combate, nossa ação.

O cerne da questão é saber se a financeirização está no centro das relações econômicas e sociais

Assim, nossa luta se torna mais eficaz. Essa história de ampliar o alvo, buscando muitos inimigos, não é da experiência exitosa, dos comunistas. Evidentemente, os alvos podem variar, conforme as fases da luta política. Mas, saber concentrar o alvo de ataque no tempo certo é fundamental para o êxito da nossa tática política.

Na dinâmica do capitalismo contemporâneo outro componente abordado foi o papel da moeda. Dentre as diversas problematizações apresentadas, essa me parece importante. A moeda não é algo restrito à economia – mas, antes de tudo é uma questão política. Desse modo, a força do dólar não pode ser avaliada pelo lastro material. Alguns conferencistas se referiram a isso. Aliás, nem há mais lastro físico, digamos assim, há uma desmaterialização da moeda, isso é um “aperfeiçoamento” do capitalismo. O lastro físico é uma condição do passado do sistema. Hoje não é mais necessário esse mecanismo. Mas de onde vem, então, a força do dólar? Vem exatamente da força da hegemonia política, econômica, militar,

cultural da principal potência imperialista – os EUA. E quando o dólar começa a enfraquecer é um sintoma importante do nível de enfraquecimento dessa hegemonia. É uma espécie de “termômetro” que indica um sintoma doentio de uma causa maior, estrutural.

Mesmo de comentaristas econômicos de extração neoliberal pode-se ouvir que “realmente há um enfraquecimento do dólar e isso tem impacto na hegemonia exercida pelos Estados Unidos”. Esse tema foi abordado no Seminário. É uma realidade em si controversa. Como o imperialismo norte-americano, diante de uma situação assim descrita, mantém a sua hegemonia, impondo sua agenda? Evidentemente, ele procura se fortalecer sustentando a sua hegemonia, como centro financeiro mundial e produtor de tecnologia de ponta, e cada vez mais recorre à expansão do poder bélico para exercer seu domínio. Mas nas circunstâncias atuais esse imperialismo não pode fazer o que fazia antes, impondo simplesmente a sua agenda. Nas condições atuais com a desvalorização crescente do dólar os Estados Unidos enfrentam um impasse: não podem subir a taxa de juros (para valorizar sua moeda como fizeram em 1979, quando Paul Volcker, presidente do FED, agiu de forma unilateral e peremptória). E como disse o professor Belluzzo, hoje eles têm de se sentar para resolver tal dilema com a China, por seu poder econômico, grande credora mundial, detentora de volumosa reserva internacional e de apreciável fundo soberano de investimentos. Hoje, possivelmente, não poderão tratar essa questão de forma unilateral, como faziam antes. Como vão resolver esse impasse? Eles não têm mais condições de utilizar os mesmos métodos econômicos unilaterais do passado.

Portanto, acredito que temas como esses, no terreno econômico do sistema capitalista e outros, têm uma implicação estratégica e tática muito importante para nossa prática política. E temos de considerá-los e estudá-los adiante. Como também verificar os reflexos destes fenômenos, porque no caso da moeda, a sua desvalorização constante é um sintoma das dificuldades, ou da crise, dessa hegemonia, que à primeira vista aparece como uma

hegemonia colocada em xeque. Porque os EUA não conseguem fazer o que faziam antes e não podem impor totalmente a sua agenda. O caso do Irã é um exemplo típico, que contraria a sujeição imposta pelo império. A linha política que a Venezuela de Chávez adota hoje, com soberania, com independência, aqui na América Latina é uma atitude de enfrentamento aos desígnios do imperialismo norte-americano, mesmo com todas as tentativas de provocação, com toda a mídia do lado deles... Portanto, estamos diante de uma realidade nova em desenvolvimento.

Um mundo em transição

Tais fatos são indícios de que vivemos uma realidade de um mundo em transição, diagnóstico assinalado por vários conferencistas, sendo que essa transição não é pacífica. Reafirmo: caminhamos, sim, para uma transição no mundo atual, mas não uma transição pacífica. A não ser que tivéssemos a ilusão de que não existisse mais o capitalismo. Ao contrário: ele prevalece, predomina. Trata-se, então, de uma transição conflitiva, prenhe de tensões. Isso é importante para que nos armemos do ponto de vista político e ideológico, e até mesmo quem sabe de outros meios, a depender, evidentemente, da evolução da situação.

Essa aferição é relevante porque no início da década de 1990, havia aquela euforia liberal a proclamar, inclusive, o fim da história. Esse triunfalismo das forças conservadoras se dissipou num tempo curtíssimo da história, em pouco mais de dez anos.

Recordemo-nos daquele período da chamada poeira da Queda do Muro, o momento em que muitos de nós aqui lutamos por manter a identidade comunista. Naquela quadra, quantos capitularam? É ilustrativo recuperar tais imagens porque no presente vivemos uma situação distinta – de retomada. Vivemos um reinício de lutas importantes. As esperanças começam a brotar, num tempo histórico curtíssimo. Porque dez, quinze, anos para a história é um período muito efêmero.

Ao nos aproximarmos do giro da primeira década do Século XXI, o mundo de predominância ampla do capitalismo se caracteriza, sim, pelas desigualdades,

Reafirmo: caminhamos, sim, para uma transição no mundo atual, mas não uma transição pacífica. A não ser que tivéssemos a ilusão de que não existisse mais o capitalismo

pelas discrepâncias, pela instabilidade, pela insegurança, pela guerra.

Nessas circunstâncias é que temos de analisar essa transição atual na qual surgem formas de crescimento – inédito – nos países do chamado terceiro mundo, nos países em vias de desenvolvimento buscando alternativas inovadoras, transformando-se em potências médias. Passa a existir pólos dinâmicos importantes no enfrentamento à exacerbada concentração de riqueza e poder no mundo atual. Então, é inevitável que surja essa contraposição, um movimento anti-hegemonista.

Esse movimento eclode na periferia, em países que compõem essa constelação de países em vias de desenvolvimento. Nesse universo jogam um papel importantíssimo a China e a Rússia, que retoma seu papel de potência crescente. Temos de levar em conta, portanto, que há uma tendência objetiva a uma realidade composta por uma principal potência econômica e militar, contraposta pelo surgimento de potências médias emergentes que leva a novas tensões e disputas, porque o imperialismo não abre mão do seu poder hegemônico unipolar, não permitindo o crescimento de potências médias, regionais.

Podemos dizer que esse fenômeno é inevitável: diante da monopolização do poder e da riqueza sempre haverá uma contraposição a isso, não havendo lugar para a existência de um ultra-imperialismo. Porque é absoluto o desenvolvimento desigual de capitalismo, na justa constatação de Lênin. Ressalta-se na situação atual uma singularidade, na qual surgem pólos dinâmicos, potências médias, que se desenvolvem na área dos países emergentes. Portanto, essa é uma tendência que devemos considerar.

Ascenso da luta antiimperialista, progressista na América do Sul

Essa análise repercute na nossa visão sobre a luta pelo socialismo nas condições atuais. Temos destacado que ela se realiza do ponto de vista revolucionário ainda num período histórico de defensiva estratégica. Mas a partir de meados da década passada já há um florescer de batalhas e um crescimento progressivo da luta antiimperialista. Hoje há um cenário político novo na América Latina, considerando mais especificamente a América do Sul, onde há uma retomada das lutas dos povos, um revigoramento da luta progressista. Trata-se de um alento para os povos e para o campo das forças revolucionárias.

Do nosso ponto de vista o que se passa agora na América Latina – sobretudo, aqui, na América do Sul – tem uma importância muito grande em relação a nossa compreensão de acumulação estratégica de

forças. Por exemplo, essas experiências que se desenvolvem na Venezuela, Bolívia e em outros países são relevantes na formação de um pensamento revolucionário atual, considerando na análise as particularidades próprias de países como estes.

No contexto atual são experiências que têm peso por serem experiências avançadas, em defesa da soberania nacional e do progresso social. Como sabemos a construção da teoria revolucionária não surge simplesmente porque um indivíduo a formula, porque um partido a defende. A teoria revolucionária é produto de um tempo determinado, historicamente situado, e de uma experiência política avançada, revolucionária. Porque a teoria surge da prática, é o óbvio. Não surge abstratamente, porque se assim for, será uma teoria formal. Desse modo, a experiência política atual das forças progressistas e de esquerda na América Latina é muito significativa para definição de novos rumos.

É um começo, ainda disperso e contraditório, é verdade, mas é assim que a teoria revolucionária se desenvolve. Porque sem teoria revolucionária – já dizia Vladimir I. Lênin – não pode haver movimento revolucionário. E é exatamente esse movimento que enriquece a nossa teoria. Por isso a experiência da América do Sul é para nós relevante. Hoje, derrotar a política de guerra do imperialismo, derrotar sua política econômica, sua política financeira tem um sentido tático e estratégico fundamental.

Reformas democráticas e a luta pelo socialismo

A luta por reformas democráticas, atualmente, tem uma importância política essencial para o PCdoB. Pelo entendimento nosso, no Brasil o processo de acumulação de forças, de construção de novas forças avançadas no contexto do governo Lula, passa necessariamente pela vitória da luta por reformas democráticas. E essa luta por reformas democráticas se faz em três vertentes – temos insistido nisso, o partido tem procurado desenvolver essa idéia:

1) a participação em governos democráticos, no próprio governo da República, que abre possibilidades democráticas nesse sentido.

Nós participamos do governo da República, uma participação ainda limitada. Mas em alguns aspectos de grande responsabilidade. De governos estaduais democráticos, e de prefeituras democráticas, numa tentativa de ampliarmos a influência política do PCdoB.

2) A outra vertente, que não se separa dessa, mas

para nós fundamental, é a presença e atuação no movimento social, a fusão do Partido com o movimento de massas, a ligação estreita com as camadas marginalizadas da população. Porque aqui está a força-motriz necessária às grandes transformações. E se essa força-motriz não é organizada, não é posta em movimento, não haverá transformações de fundo.

3) Por fim, a vertente da luta teórica, da luta de idéias, da luta ideológica. Porque aqui também é importante para nós construirmos a alternativa, embasarmos a alternativa à dominância neoliberal.

Então, por intermédio dessas três vertentes articuladas e inseparáveis se realiza a construção do partido e se processa a acumulação de forças avançadas. Na atualidade, tudo tendo em vista colocarmos como centro a luta por reformas democráticas. Trata-se de uma decisão recente do PCdoB, que definiu seis reformas democráticas para fazer avançar o processo de construção da democracia no país e elevar o patamar das conquistas no segundo mandato do presidente Lula. Essa diretriz tem importante atualidade para não ficarmos na defensiva diante de reformas de cunho neoliberal, às vezes propostas de forma enviesada, por círculos financeiros dominantes, algumas das quais conseguimos inclusive contrapor e derrotar. Não há avanço democrático e acumulação de forças progressistas e revolucionárias sem o êxito das reformas democráticas.

Por isso, a luta pelo socialismo hoje passa por um engajamento cada vez maior do nosso Partido na luta antiimperialista, na luta pela soberania do país, na luta por uma democracia mais ampla, na luta pelos direitos dos trabalhadores e do nosso povo. Essa conduta eleva o seu prestígio junto ao povo. Não podemos inventar batalhas. Temos de levar em conta o nível da batalha em andamento. Mas se impulsionarmos essas lutas a um patamar mais avançado, adquirindo maior consequência política estaremos dando passos maiores no sentido de nossos objetivos estratégicos.

Portanto, a luta pelo socialismo ganha força,

ganha expressão nas lutas atuais. Na jornada dos povos por soberania, desenvolvimento, democracia e a paz – nesse conjunto de lutas e bandeiras – podemos acumular forças gigantescas no sentido da nova luta pelo socialismo. Assim nós compreendemos a fase atual.

A Revolução de Outubro

Gostaria, neste encerramento, de referir-me a esse pano-de-fundo da realização do nosso Seminário: a comemoração da Revolução de Outubro na Rússia, já discutida e debatida. A contribuição acerca do legado e de lições da experiência soviética apresentada na primeira sessão do último dia de nosso evento,

agora se somou às relevantes análises e informações a nós apresentadas nesta sessão derradeira pelos estimados convidados que relataram as experiências concretas de China, Vietnã, Cuba e a experiência recente da Venezuela. Países que sempre foram um fator de grande estímulo para nós. E fontes, evidentemente, de referências significativas.

Sublinho uma vez mais que para nós, comunistas, a revolução socialista de 1917 é o mais significativo acontecimento na evolução social e política da humanidade.

Esse extraordinário evento plasmou uma nova situação política no mundo, influenciando política e ideologicamente os grandes movimentos transformadores do Século XX. Como disse Luis Fernandes, nós somos filhos desse processo extraordinário, revolucionário que abriu praticamente o século passado. O Partido Comunista é exatamente filho de toda essa criatividade extraordinária do proletariado, daquelas tendências mais avançadas que batalharam pelo êxito da revolução.

Para nós, não se trata somente de evocar esse grande acontecimento histórico como fato do passado de glorioso significado. Tampouco nos compete sustentar dogmas, e de afirmar fundamentalismos revolucionários. O PCdoB e os comunistas de hoje não são fundamentalistas. Longe disso, aprenderam com a vasta experiência revolucionária do século passado! Mas os ideais dessa revolução continuam a nos inspirar porque eles continuam atuais. Mais do que atuais, eles reafirmam nossa convicção transformadora. Essa Revolução é um vasto manancial de

Desse modo, a experiência política atual das forças progressistas e de esquerda na América Latina é muito significativa para definição de novos rumos

experiências do qual precisamos extrair ensinamentos dessa primeira tentativa de construção real da sociedade socialista.

Como isso já foi bem exposto, não vou aqui salientiar descritivamente mais uma vez as extraordinárias conquistas da Revolução de Outubro. Que pôde transformar a União Soviética – de países atrasados – numa grande potência política, econômica e militar. E que abriu uma nova etapa de grandes conquistas de direitos sociais, políticos e econômicos. Ela influenciou até mesmo no alcance do sufrágio universal na própria Europa, que se dizia civilizada – e nos Estados Unidos. E contribuiu decisivamente para o fim da opressão colonial e estimulou a luta contra a segregação racial e foi a força principal na vitória contra a maior ameaça da burguesia imperialista no mundo: a Alemanha nazista.

A análise da URSS requer domínio das circunstâncias históricas

Nosso Seminário concentrou-se em compreender as contradições objetivas que levaram ao desenvolvimento desse empreendimento revolucionário, as características e singularidades da época e de que modo prevaleceu o regime que se impôs na União Soviética.

O período stalinista – sempre o mais estigmatizado, digamos assim, o mais controverso da experiência revolucionária soviética – não pode ser compreendido (aliás, quem levanta essa questão me parece bem posta é o professor Domenico Losurdo), sem levarmos em conta uma espécie de mistura entre autoritarismo e um exaltante progresso e promoção social nele presentes. Na realidade, o regime soviético teve de enfrentar uma permanente e longa situação de exceção. Isso também já foi por demais salientado. De 1917 a 1953 – considerando esse período até a morte de Stalin – é caracterizado por pelo menos quatro ou cinco guerras e por duas revoluções.

Conforme o historiador Eric Hobsbawm descreve, depois da Primeira Guerra de 1914 há trinta anos de guerras, revoluções, instabilidades, crises profundas. E o professor Losurdo, comparando com os acontecimentos nos Estados Unidos após Pearl Harbour, acentua que Franklin D. Roosevelt, presidente dos EUA, abandona nos campos de concentração cidadãos americanos de origem japonesa, inclusive mulheres e crianças, sem nada provado, simplesmente porque eram de origem japonesa. Roosevelt chega à presidência num período como esse – estou situando períodos semelhantes –, sob a onda da grande cri-

se, e imediatamente é investido de amplos poderes, eleito por quatro mandatos consecutivos. E se não morresse no quarto era capaz que ainda continuasse no centro do poder.

Portanto, a análise de um processo tão complexo e pleno de conflitos e contradições torna-se incompreensível e corre o risco de falsas conclusões quando tratada fora do contexto histórico concreto. Evidentemente, quando se compara com os processos revolucionários em geral – aliás, vários debatedores falaram sobre isso e me parece uma questão importante – há um deslocamento, uma defasagem, digamos assim, entre o projeto subjetivo, o que proclama a ideologia e seus objetivos maiores, e o outro, o resultado objetivo do empreendimento revolucionário. Isso é evidente em todo processo revolucionário. Ou como deduz Carl von Clausewitz, o grande teórico da guerra, segundo o qual “o objetivo estratégico perseguido não se pode ver quase nada porque é um tempo futuro”.

Diferente da tática, que se pode ver quase tudo, porque é um tempo presente. Então, para alcançar o objetivo estratégico temos de fazer grande esforço e dominar o curso dos acontecimentos com suas variações para nos aproximarmos dele. O exemplo da Revolução Russa é bem ilustrativo. Depois das duas revoluções, Lênin vinha a dizer que “não foi exatamente o que prevíamos”. É que a realidade tem seus caprichos e a vida é plena de importantes e, muitas vezes, decisivas circunstâncias imprevisíveis, requerendo mudanças e adaptações significativas do projeto original.

Essas imposições do processo real, concreto, me parece são determinantes à compreensão dos processos revolucionários. Eu poderia dizer – num esforço de reflexão –, que não há verdade fora de um tempo determinado. Por isso, essa história do “ecologicamente correto”, “politicamente correto” é um grande idealismo, uma visão completamente falsa dos processos objetivos. Não existe política fora da realidade. Não tem verdade fora de um tempo determinado.

A necessidade imperativa da industrialização rápida

Em relação à polêmica sobre a considerada segunda revolução na URSS a partir de 1929 quando se inicia o processo de coletivização forçada da agricultura e da aceleração industrial, afirmando-se terem sido usados para isso métodos de terror, muitos historiadores renomados, não-comunistas, concluem que a União Soviética só foi capaz de vencer a agressão hitleriana por causa dessa ação

de comando centralizado que impôs rapidez na industrialização, modernização na agricultura e formação de muitos quadros com capacitação técnica e científica.

Em suma, o crescimento acelerado, era uma resposta decisiva para um tempo de guerra, uma questão de vida ou morte para o poder soviético. Ou como afirmava o próprio Josef Stalin diante das constantes sabotagens e ameaças dos inimigos, a União Soviética estava cercada de capitalismo por todos os lados, e, sobretudo, diante da iminência da Segunda Guerra, desde então prevista, tornava-se crucial para a existência do Estado soviético a rapidez da industrialização e da modernização da agricultura do país.

Nessa fase o modo abrupto dessa jornada modernizadora pode ser justificado pela iminência da guerra. O que pode ser questionado é a necessidade da forma de procedimento adotada, imposta por condições históricas determinadas. Mais especificamente, o comando ultracentralizado poderia ser necessário na fase de guerra, mas não posteriormente, quando a URSS já tinha um Estado mais consolidado. Mas na realidade acabou prevalecendo a institucionalidade de um partido-estado desvinculado das massas trabalhadoras, do seu impulso, do seu papel criador, resultando no sistema de representação político-institucional um definhamento da democracia popular.

Ademais, alguns autores marxistas insistem que a violência estatal, ou a burocratização estatal que acabou prevalecendo – sobretudo se considerarmos tal situação no segundo pós-guerra, – se juntou a uma concepção de opressão nacional que passou a ser defendida, chegando ao nível de teorização, principalmente no período de Breschnev, com a formulação da denominada soberania limitada para os países que compunham o campo socialista, transformando-se numa ideologia chauvinista. Aliás, a dissolução do campo socialista teve começo com a rejeição inicialmente difusa do que se denominou de exportação do socialismo soviético, e de certa forma pela sublevação à imposição prevalecente da soberania limitada na relação da URSS com os países do Leste europeu.

O PCdoB e os comunistas de hoje não são fundamentalistas. Longe disso, aprenderam! Mas os ideais dessa revolução continuam a nos inspirar porque eles continuam atuais. Mais do que atuais, eles reafirmam nossa convicção transformadora

Por outro lado, se a industrialização acelerada, de comando centralizado revelou-se acertada e necessária para o pré-guerra, tal modelo era inadequado na década de 1950, no pós-guerra, quando se exigia sua passagem para uma nova fase, uma fase que alcançava a exigência da industrialização intensiva. Essa passagem não se sucedeu a contento e em consequência a economia se ressentiu da falta de um dinamismo próprio para tal sucessão, prevalecendo, como vimos em nosso debate, uma tendência à estagnação econômica, comparativamente a fases anteriores. Mas, o contraste à estagnação, se tornou mais agudo nesse período, porquanto o capitalismo atingia um auge de grande crescimento e de inovação tecnológica, quando se exigia mais do desenvolvimento econômico da URSS. Em contrapartida, não se conseguiu, portanto, construir mecanismos de renovação e inovação tecnológica necessários para a intensificação industrial.

O regime soviético após a segunda guerra, e pós-Stalin, no período dirigido por Nikita Kruschev (1894-1971), apesar dos imensos avanços e conquistas históricos alcançados – esse é um período que consideramos chave –, foi incapaz de delinear as reformas a fim de iniciar a renovação econômica e política necessária para a nova etapa. (É o que faz o Vietnã hoje, no seu processo de renovação, exposto muito bem aqui pelo professor da Academia Nacional de Política e Administração de Ho Chi Minh, Nguyen Viet Thao, levando em conta as condições do Vietnã para a etapa que atravessa). Mas na prática o que aconteceu na URSS, se considerarmos como ponto referencial o XX Congresso, realizado em 1956? Questão situada neste Seminário pelo professor João Quartim de Moraes.

A tendência à estagnação econômica na URSS

Na realidade, as resoluções do XX Congresso são uma excomunhão do passado e foram incapazes de descortinar as reformas necessárias para a nova fase do curso socialista. Esse Congresso provocou, ao contrário, uma fratura moral, ideológica, rebaixando a trajetória das grandes conquistas e desarmando o

Partido e o povo, não retirando lições do período passado para o avanço à nova etapa socialista. E como acentua precisamente o professor vietnamita N.V. Thao, países e partidos que excomungam seu passado detonam seu futuro.

Sem encontrar o caminho da inovação econômica, através de novos mecanismos de impulso à produtividade, da renovação política e da atualização e do desenvolvimento teórico – não se concentrando em retirar ensinamentos precisos na realidade, disse muito bem Ângelo Alves, camarada da Comissão Política do Partido Comunista Português (PCP) – o marxismo-leninismo se restringiu à finalidade de ser uma doutrina de Estado para justificar as diretrizes e ação do governo. No plano político, a plena soberania popular – essencial ao avanço do socialismo – não foi exercida, sendo contida por proclamadores oficiais da doutrina.

Relação entre a mudança na base material e a consciência social

Na construção da economia de uma sociedade socialista nos deparamos sempre com uma contradição: a mudança da base material (mudança das relações de produção), na sua relação com a evolução da consciência social. A mudança da base material não significa também a mudança automática da consciência social. E essa consciência social que ainda reflete valores da velha sociedade, pode se voltar contra as mudanças das relações econômicas freando-as ou forçando uma volta atrás.

Daí a imprescindibilidade da transição, onde se convive por muito tempo com uma sociedade com múltiplos componentes econômicos heterogêneos, sobretudo, considerando sociedades mais atrasadas. Diferente da transição da sociedade feudal ao capitalismo na qual os componentes capitalistas já vão surgindo no declínio do feudalismo, na transição do capitalismo ao socialismo os componentes socialistas não existiam anteriormente, dependendo, para o seu curso inicial, da mudança do poder de Estado, onde forças populares poderosas passam a estar interessadas em caminhar pelo rumo de construção da nova sociedade.

Mas se aprofundamos mais essa análise surge

a seguinte questão: qual o fator estimulador para o avanço do curso socialista? Este fator emulador não pode se esgotar na motivação política e ideológica, tem de haver um fator material, econômico, sobretudo se forem consideradas as transições até agora experimentadas, as quais se passaram em países de capitalismo atrasados, periféricos.

Nestes países, nas transições, há ainda fatores motivadores capitalistas, ou o fator político de defesa da pátria e das conquistas revolucionárias. As agressões externas à Rússia no início e posteriormente à URSS resultaram em vitórias e consolidação do poder soviético. Entretanto, a União Soviética desabou por dentro.

Portanto, ressalta-se, qual o fator motivador material, emulador para o avanço do curso socialista, no qual a consciência social ainda não é predominantemente formada de novos valores de solidariedade, coletividade, generosidade? A experiência vivida demonstra que prevalece, mesmo após mudanças radicais na base estrutural econômica, valores seculares da velha sociedade. Como o novo sistema econômico e social, através de mecanismos econômicos socialistas,

pode alcançar uma produtividade média da produção e do trabalho superior ao sistema capitalista? Tais questões merecem maiores reflexões e debates considerando-se a nossa perspectiva, a nova luta pelo socialismo.

A nova luta pelo socialismo

Portanto, todas essas questões, lições e ensinamentos demandam um aprofundamento constante. Porque a riqueza dessas experiências é muito fecunda.

Mas o fim do socialismo na URSS e nos países do Leste europeu deu início – na última década do final do século passado – a um ciclo político conservador, e contrário até mesmo a qualquer vestígio revolucionário. Essa ofensiva capitalista imperialista atingiu todos os terrenos. Foi uma grande investida política ideológica na qual o imperialismo utilizou seus arsenais de política econômica, neoliberal, domínio cultural, monopólio dos meios de comunicação, militarização, guerras etc.

(...) países e partidos que excomungam seu passado detonam seu futuro

O gigantesco desenvolvimento das forças produtivas, alcançado nos marcos do atual sistema ao invés de diminuir as desigualdades entre ricos e pobres aumentou, ao invés de incluir a população pobre no curso do desenvolvimento gerou mais marginalização, ao invés de permitir maior utilização do trabalho vivo conteve-o, ao invés de ampliar os direitos sociais e trabalhistas limita-os e revoga-os.

Ou seja, é uma prova cabal de que nos marcos desse sistema por mais que as forças produtivas cresçam as contradições se tornam mais profundas e intensas. Nos marcos do atual sistema não comporta mais esse nível de desenvolvimento das forças produtivas que ao mesmo tempo diminua as desigualdades e incorpore a população marginalizada. Aprofundam-se, portanto, as assimetrias geradas pelo capitalismo no sistema atual, com maior concentração de riqueza e poder. A prova é que o sistema capitalista é cada vez mais incapaz de assegurar a soberania nacional, a democratização ampla e o progresso social.

Dialeticamente, à ofensiva das forças contra-revolucionárias gera um amplo movimento de resistência antiimperialista dos povos e nações. Apesar da investida e do ambiente conservador não estarem superados, há um renascer de lutas, desde meados da década passada. Reinicia-se, do nosso ponto de vista, objetiva e subjetivamente, um novo período de acumulação estratégica de forças e a retomada da luta revolucionária nas novas condições do século atual. Essa situação é que exige diferentes desafios. Nós denominamos essa fase, essa situação presente, como nova luta pelo socialismo. A necessidade histórica pelo socialismo é mais forte no mundo. O socialismo começa, está na infância, como disse muito bem o histórico dirigente do Partido Comunista Português, Álvaro Cunhal. Eu tenho dito, na forma de agitação, que os ideólogos do capitalismo são geriatras e os ideólogos do socialismo são pediatras. E é exatamente isso, porque na cena da história se iniciam as experiências socialistas. Estas, têm como característica a singularidade de cada país, apresentando-se nesse período histórico o socialismo como algo híbrido nessa fase de transição. Com múltiplos componentes econômicos e várias formas

de propriedade.

Na transição é permanente a luta entre o novo e o velho, entre a velha sociedade e a nova sociedade. Fica cada vez mais nítido que a transição pode ser mais tortuosa e difícil quanto mais atrasado for o país e quanto mais adverso for o cenário mundial em que está inserido. Essa é uma importante lição retirada da experiência passada.

Portanto, não temos dúvida, cada país conduzido por forças revolucionárias, forças amantes do socialismo – em fusão com o seu povo, com os trabalhadores – descortinará novo caminho para edificar a sociedade socialista. Essa é a nossa convicção. Não temos dúvidas também em estreitar sempre mais as relações com base no princípio do internacionalismo proletário, nas condições atuais, do PCdoB com os partidos-irmãos, e apoiar aqueles partidos que, no poder, mantêm a perspectiva socialista.

Esse é um esforço permanente que temos a fazer. Esse intercâmbio de idéias, com base no respeito mútuo, a troca de informações, tudo isso é uma exigência da fase que atravessamos. Essas reuniões que realizamos, compondo, reunindo as forças

comunistas atuais, têm um grande significado para o PCdoB. No bojo dessa troca de opiniões e idéias, no intercâmbio de cooperação entre partidos comunistas e revolucionários podemos construir a alternativa do processo revolucionário atual.

A presença neste Seminário dos partidos-irmãos, compondo as mesas de debate nos trouxe informações valiosas sobre a experiência de cada país. Também as múltiplas e constantes viagens que temos feito, no sentido da troca de informações e intercâmbio de idéias, de melhor compreensão do que se passa em diferentes sociedades permitem aos comunistas brasileiros formar um cabedal importante, com base na realidade própria de nosso país, que possa nos orientar no rumo da luta revolucionária que temos de travar. Assim nos preparamos na realidade atual para reavivar a nossa esperança e tornar realidade o nosso grande ideal socialista.

Renato Rabelo é presidente do Partido Comunista do Brasil (PCdoB)

(...) tenho dito na agitação que os ideólogos do capitalismo são geriatras e os ideólogos do socialismo são pediatras

Gramsci e a Escrita da História

LINCOLN SECCO

Gramsci utilizou a literatura como documento histórico. Mesmo no cárcere, isolado da luta política, contribuiu com a teoria marxista, analisando a história a partir dos elementos que lhe eram possíveis

Nenhum teórico marxista estabeleceu um diálogo mais fecundo da modernidade com a tradição ocidental antiga e medieval do que Antonio Gramsci. O objetivo destes apontamentos é tão somente tecer algumas reflexões rápidas sobre a relação de Gramsci com a História (e a tradição) e sobre as mudanças que se operam em sua “escrita” na sua fase pré-carcerária e na fase do cárcere. Cabe notar que antes de ser preso em 1926, ele se preocupou mais com o pensamento idealista italiano, escreveu artigos rápidos sobre o cotidiano em jornais socialistas (*Avanti, Il Grido del Popolo*) e fundou algumas publicações (como *La Città Futura, L’Ordine Nuovo e L’Unità*); depois, já aprisionado pelos fascistas, escreveu de uma forma muito diferente os Cadernos do Cárcere. Será aqui dada maior atenção à segunda “fase” e, nesta, a um exemplo de crítica literária dotada de muitas conexões com a História e na qual Gramsci manteve seu engajamento através de uma leitura política do “Canto X” do *Inferno* de Dante Alighieri sem perder o rigor do crítico literário.

Antonio Gramsci não era um historiador, no sen-

tido acadêmico do termo, e nem mesmo um cientista político ou crítico literário. Estudou Lettere (voltado mais para a linguística) em Torino e abandonou o curso em favor de uma atividade jornalística e militante. Sua escrita tem todas as qualidades e limitações de suas atividades.

Antes de sua prisão em 1926, Gramsci escreveu sempre textos circunstanciais. Estampava seus artigos apenas em jornais. No cárcere sua escrita sofreu uma alteração fundamental. Ele escrevia *Für Ewig* (para a eternidade) como dizia. Desde a juventude ele se viu na condição de comentarista de eventos históricos e, mais tarde, como analista de processos de longa duração (ou orgânicos, como ele preferia chamá-los). Mais ainda: sob formas inusitadas, refletindo sobre a história ao analisar a literatura.

Nas duas etapas, entretanto, ele manteve sua fidelidade à história e à revolução. Em que sentido? Ele era historiador do presente e não desejava fazer como aqueles que “têm a cabeça voltada para trás como os condenados dantescos”, conforme escreveu. Assim, sua obra está articulada a partir do presente. Mas de um presente in flux. Um presente como his-

tória. Exatamente a História é o ponto de articulação metodológico que serve como contextualização dos conceitos e como crítica da filosofia.

Gramsci afirmava a identidade entre História e política. Da identidade entre História e Política ele passou à identidade entre História e filosofia através da qual pôde questionar Benedetto Croce como filósofo da História; afinal este deveria ter feito o contrário, uma História da Filosofia. Gramsci viu em Croce um anacronismo: este partiu do presente para justificá-lo, por isso sua História da Europa tem uma periodização que oculta as rupturas revolucionárias. Faltava-lhe o historicismo que havia em Lênin, o qual era capaz de ver o marxismo como análise concreta da situação concreta. Educado na tradição idealista de Croce, Gramsci progressivamente supera essa formação através da leitura de Lênin. Também irá se contrapor ao marxismo italiano dominante (evolucionista) através de Lênin, entendendo o marxismo como um historicismo. Para Gramsci, o historicismo (como o historicismo de Leopold Von Ranke) é a afirmação da singularidade dos fatos, alheia a qualquer filosofia da história. Assim, ele reconhece implicitamente a existência de um método histórico que é aquele capaz de abordar o desenvolvimento das sociedades humanas ao longo do tempo.

Numa passagem dos *Cadernos do Cárcere* Gramsci se pergunta: “Como estudar História?”. Escolhendo (construindo) os fatos mais significativos e não aplicando leis. Mas nos momentos em que os fatos nascem, como saber se são os mais importantes? Ele tenta responder: numa outra passagem dos *Cadernos* em que fala acerca da autobiografia: quando surgem fatos novos que aparentam mudar o curso da história, os historiadores costumam fazer perguntas vãs porque lhes falta a documentação de como se “preparou a mudança molecularmente, até o ponto em que explode”. Diz ele: “Ora, o movimento molecular é o mais perigoso”. Num certo momento o quantitativo se torna qualitativo. Veja-se que os fatos explosivos são os resultados de um acúmulo de mudanças moleculares, as mais perigosas...

Mas no momento em que escrevia seus artigos de jornal ele não tinha plena consciência de que os fa-

tos que narrava eram orgânicos. Ele faz uma aposta, ou melhor, uma previsão e nela se engaja politicamente. Ele não dá a resposta de um historiador, mas a de um militante e, por isso, não pode ter certeza científica, apenas ideológica. Ele sabe que os fatos fortuitos só assumem importância numa totalidade quando servem para reforçar ou minar uma dada estrutura, mas tomar consciência da necessidade histórica só é possível *post festum* (ou seja, depois do acontecido). Pois os homens e as mulheres fazem história em grande medida sem o saber e o fazem contra o fatalismo do marxismo da Social-Democracia da II Internacional. Isso evidentemente revela um gap intransponível entre o saber do teórico marxista (o qual é baseado na História, a “única ciência” que Marx e Engels reconheciam em *A Ideologia Alemã*) e

a prática revolucionária. Um gap não no sentido de uma abertura ou fenda através da qual se pode vislumbrar o “outro lado”, mas como um espaço vazio, um hiato. Sabe-se só depois, não antes. Eis a contradição insanável.

Era assim que Gramsci pensava nos seus escritos de juventude ao avaliar o significado histórico da Revolução Russa, a revolução feita “contra *O Capital* de Marx”, ou seja, contra as previsões deterministas dos que esperavam o socialismo como inevitável produto da evolução capitalista:

“Os bolchevistas desmentem Karl Marx ao afirmarem, com o testemunho da ação desenvolvida e das conquistas obtidas, que os cânones do materialismo histórico não são tão esquemáticos”.

Os homens e as mulheres não conhecem inteiramente quando agem, o que dá uma vantagem ao historiador. Ao contrário do que pensamos habitualmente o historiador sabe sempre mais e não menos do que os que viveram o passado. São saberes distintos, é verdade. O materialismo histórico é uma explicação a posteriori e não existe como causa a priori. Pois se soubéssemos antes, o seu estatuto categorial seria outro: ele funcionaria como causalidade e não como explicação. Tomamos consciência parcial dos fatos, previmos princípios gerais, mas não os fatos em si mesmos. Essa consciência é ideológica, participante e interessada, mas é também o terreno em que se toma consciência das necessidades da história. Necessidades criadas pelos próprios homens e não forças iminentes e mecânicas.

Ele era historiador do presente e não desejava fazer como aqueles que “têm a cabeça voltada para trás como os condenados dantescos”, conforme escreveu

Necessidades que podem deixar de ser necessárias, que podem não se realizar.

A História no Cárcere

Nos cerca de dez anos em que esteve no cárcere fascista (1926-1937), Antonio Gramsci escreveu os *Cadernos do Cárcere*. Sob a rigorosa censura carcerária ele não podia obter muitas informações acerca dos fatos diários. Desde suas primeiras missivas, ele se preocupou muito com o fornecimento de livros e periódicos. Era sua obsessão. Na prisão de Ustica (9/12/26), quando lia *O homem que queria ser rei*, de Kipling, pediu com urgência os dicionários e gramáticas para seus estudos de alemão e os livros sobre o Risorgimento e a unidade nacional.

No cárcere sua escritura sofreu uma alteração fundamental. Ele escrevia Für Ewig (para a eternidade) como dizia. Escreveu reflexões mais demoradas em 33 cadernos. Trabalhava neles muitas vezes ao mesmo tempo, o que em alguns casos impede que saibamos a ordem cronológica dos textos. Reescrevia passagens inteiras às vezes mudando uma ou outra palavra. Usava frases elípticas e mudava nomes de personagens do movimento socialista para iludir a censura carcerária. Assim, Stalin era Giuseppe Besarione e Trotsky Bronstein, por exemplo. Fazia comentários nebulosos sobre as relações do Vaticano com as igrejas nacionais parecendo falar das relações entre a Internacional Comunista e os partidos comunistas nacionais, entre outras coisas.

A prisão de Gramsci em fins de 1926 o colocou numa situação absolutamente nova, portanto. Desaparece a estrutura dialógica dos textos e a montagem de escasso fôlego para atingir o leitor de jornal. Desaparece o tema diário onde o autor selecionava o acontecimento do dia e fazia dele a janela para abrir as perspectivas da história, da política e da luta revolucionária. Agora, ele terá de escrever em 33 cadernos onde anotará tanto as leituras feitas quanto as idéias que brotam no cárcere da reflexão aprofundada e sem acesso aos acontecimentos diários. Mais ainda, sem a crítica do leitor ou dos adversários (diálogo) sua escrita assume uma forma de fragmentos aparentemente desconexos e cuja unidade precisa ser restabelecida pelo possível futuro leitor da cidade nova, liberta das amarras do cárcere maior que é o capitalismo.

Sem poder ler por algum tempo, exceto os livros da biblioteca da prisão, ele teve de se esforçar para fazer perguntas novas a uma literatura que era, em grande medida, romances franceses de capa e espada. E o fez! As fontes e o conteúdo determinaram que usasse não a narrativa histórica para “fazer história”. Desprovido de fontes “tradicionais” para documentar a história

e sem poder fazer apontamentos do que lia (*leggere senza scrivere*), pois se proibia que ele tivesse lápis ou a pena no início, Gramsci fez não só a política, mas a história através da crítica da literatura. Por quê?

A Crítica “Literária” do Fascismo

Uma recente biografia de Gramsci mostrou como o diálogo entre Gramsci e o dirigente da Internacional Comunista, Palmiro Togliatti, através de Piero Sraffa (economista amigo de Gramsci), se dava por meio de assuntos literários. Aparentemente Gramsci tratava de literatura. Aparentemente porque ele tratava de fato de literatura, mas sem deixar de fazer política. Não que a visse como arma política, afinal para ele a arte era política enquanto arte e não enquanto arte política.

A literatura popular na Itália era francesa. Ou seja, o popular estava separado do nacional. Há qualquer coisa de estranho à primeira leitura. Ele não está interessado nos romances populares como acadêmico, evidentemente. Nem só porque apenas isso lhe restava para ler nos primeiros tempos de cárcere. Quem recupera o nacional na Itália de 1926? O fascismo. Gramsci irá desmontar peça por peça o ideário fascista. Mas há algo mais: como ele observa que obras estrangeiras são populares, isso também quer dizer que um partido internacional (o comunista) pode exercer uma tarefa nacional?

Veja-se que da crítica literária surge uma narrativa da história do nacional – popular na Itália. A narrativa de mudanças e permanências estruturais e uma crítica da apropriação indevida da história no presente, como aquela que ele fizera a Croce. Porém, o mais importante é que a literatura é usada também como documento da história sem que se perdessem as especificidades da análise literária. É isto que ele vai fazer ao ler o “Canto X” do *Inferno* de Dante.

A História no Inferno

Gramsci era muito ligado ao professor Umberto Cosmo, um estudioso de Dante e da literatura italiana. Cosmo tinha sido um professor de Liceu que acabou substituindo por algum tempo o professor Arturo Graf na cadeira de Literatura Italiana na Universidade de Torino, segundo informações que encontramos na correspondência gramsciana. Cosmo e Gramsci eram muito unidos por um afeto mútuo. Em novembro de 1920 Gramsci escrevera um violento artigo contra Cosmo. Em 1922 Gramsci foi visitá-lo na embaixada italiana de Berlim e, ao ser anunciado, o viu descer as escadas em desabalada carreira e abraçá-lo entre lágrimas. Essas recordações foram

registradas por Gramsci em mais de uma carta quando ele recebeu de Piero Sraffa, pelo correio, o livro *Vida de Dante* do professor Umberto Cosmo.

Cosmo propusera-se a publicar textos de Gramsci sobre Maquiavel num livro, mas Gramsci sempre se recusou a escrever um livro. Preferia artigos de combate. Já na prisão tudo mudou, como vimos, e ele se voltou para o estudo do “Canto X” do *Inferno* de Dante e se recordou emocionado de Umberto Cosmo. Sua história de vida (passado recente e presente no cárcere) se cruzava com a história que ele queria narrar: neste caso dizendo como ele a deveria narrar. Portanto, voltou-se para considerações teóricas sobre a História. Por quais razões através do “Canto X”? Porque tinha uma predileção por tais estudos demonstrada anteriormente, é certo. Também porque não tinha toda liberdade para tratar de assuntos políticos nos Cadernos, como vimos por algo mais, como veremos. Gramsci se propõe a analisar o “Canto X” de Dante onde aparecem Farinata e Cavalcante. Farinata é sogro do poeta Guido Cavalcante (1255-1300), amigo de Dante e representante do dolce stil nuovo. Cavalcante é o pai deste. De início é preciso lembrar que, como certos historiadores, os condenados do inferno só enxergam o passado e, como certos utopistas, o futuro. O que eles não vêem é o presente. Assim, Farinata e Cavalcante vêem o passado e o futuro, mas nada sabem do agora. Dante os encontra em posições diferentes: Cavalcante, cabisbaixo, Farinata sobranceiro.

Cavalcante pergunta pelo filho. O que Dante pode responder? Essa a questão de Gramsci. Dante fora amigo de Guido e precisa mostrar que Guido já está morto. Não no passado, mas no presente. Cavalcante olha ao redor de Dante (“D’intorno mi guardo”) porque vê que Dante é uma alma vivente e só poderia ter ali chegado nesta condição por seu engenho e arte, coisas que não faltariam a Guido. O que Dante vai mostrar é que ele veio não por seu engenho (“Da me stesso non vegno”), mas por Virgílio que o conduz.

Ele se dirige àquela que talvez Guido desprezou: “forse cui Guido vostro ebbe a disdegno”. Quem é aquela? Os comentadores de Dante, ao longo dos séculos, tiveram várias respostas. O verso 62 do “Canto X” do *Inferno* se refere a Nossa Senhora, ao paraíso ou a Beatriz. Num caso Guido teria rejeitado a



religião, em outro a língua latina (escrevia em vulgar). Ou ainda teria desprezado Virgílio (símbolo da idéia imperial), pois Guido era guelfo (partidário do papado). Ou ainda teria tido desprezo pelos poetas, pois era dado também aos estudos filosóficos. De toda maneira havia um dissídio entre Dante e Guido.

A pergunta de Cavalcante pelo filho tem uma resposta indiferente com um verbo no passado: “ebbe”.

O pai faz, desesperado, três perguntas:

“– Come discesti: ‘egli ebbe’?”

- Non vive egli ancora?

- Non fiere gli occhi suoi lo dolce lome?”

Como Dante poderia ter dito o verbo no passado (“ebbe”)? Isso quer dizer que Guido não vive mais e que a luz não atinge os seus olhos? Dante hesita em responder e Cavalcante cai subitamente.

Gramsci observa que o traço estrutural, a alteração do verbo, não é só estrutura, é também poesia: a própria estrutura é poesia em si mesma. Isso poderia lhe render a acusação de fazer a crítica do não expresso,

do que nunca se tornou poesia. Ora, Gramsci permite-se figurar o presente como estrutura que contém o ser e o devir e que envolve o passado como forma (“ebbe”). A crítica é àqueles que, vendo o passado desinteressadamente, ignoram o presente e àqueles que, vendo o futuro somente, ignoram igualmente o presente. O presente só pode ser visto como história que se desenrola numa estrutura dada (o passado que continua e que sofre rupturas como a morte de Guido). Na duração Guido foi, é, e será, ainda que nunca na mesma maneira. Sobrevive na sua obra, numa forma “historicista”.

Que papel tem a estrutura? O papel de passado que resiste ao tempo. Conhecer o passado desinteressadamente não basta. Projetar o futuro como os utópicos, não basta. Agir no presente sem atenção à estrutura também não basta. A História deve captar a gênese e a estrutura combinadas. A narrativa da mudança de estrutura é em si mesma “poética”, ou seja, historiográfica.

A Fidelidade ao Projeto Comunista

Mas há uma razão outra para passar a política e a história com as vestes da literatura. Porque não se

tratava para Gramsci de passá-las através de qualquer literatura neste caso. Precisamos, agora, ir além da relação com Umberto Cosmo e com os estudos da universidade, meras reminiscências ainda que pessoalmente significativas, para explicar a escolha de Dante, do *Inferno* e do “Canto X”. É até provável que a explicação antes escolhida seja insuficiente. O que os condenados dantescos sabem? Pergunta crucial. Como vimos anteriormente, eles conhecem o passado como o historiador desinteressado e sabem o futuro (eles estão no futuro!). O que os condenados dantescos não sabem? O presente! Dante o sabe. Sua narrativa já tem um fim. É teleológica. Dante sabe o passado, o presente e o futuro.

Mas a indagação vale para Gramsci: o que ele sabe? O passado vivido e estudado certamente. E o futuro, pois ele entendia o marxismo como uma previsão. A história não é resultado nem só do mar das individualidades empíricas (expressão de Hegel) e nem de infalíveis leis econômicas. Marxismo é o socialismo projetado no futuro. Sua previsão é ideológica e científica.

Mas não deixa de ser ideológica, portanto, indeterminada em alguma medida. A previsão só existe se as pessoas se engajarem na realização dela. Portanto, Gramsci sabe o passado e o futuro, participante que é de um movimento comunista internacional. O que ele não sabe? Como os condenados dantescos ele não conhece o presente. Preso no cárcere, ele não tem acesso às informações do dia a dia que lhe permitiriam combater com a narrativa da história que acontece cotidianamente. Desprovido do diálogo com adversários e aliados políticos ele foi colocado fora da luta imediata. Como Cavalcante ele não sabe se Guido é morto ou vivo.

Se isso for verdade, estamos diante de uma fina escritura da história não só como biografia, mas também como autobiografia que por vias inéditas resolve a aporia dos condenados dantescos. Não se trata de autobiografia no sentido convencional. Neste sentido, ele já fazia autobiografia com as reminiscências sobre Umberto Cosmo e a reconstituição do contexto histórico imediato de sua leitura de Dante. Mas no sentido que une origem e permanências (o genético e o estrutural) estamos lidando com uma

autobiografia das estruturas de vida nas quais o indivíduo Gramsci está inserido não como indivíduo singular, mas como indivíduo concreto que sintetiza muitas determinações e que pode assim ler não só o que é aparente (sua condição de condenado) mas o que é estrutura (sua condição de símbolo “concreto” de um movimento objetivo da história).

Uomo sconfitto (homem derrotado) como o chamou sua biógrafa Laurana Lajolo, Gramsci toma consciência do presente como ausência. Mas ele toma essa consciência escrevendo para a eternidade e documentando também a sua condição de condenado. Cavalcante se desespera e cai enquanto Dante prossegue a viagem. Gramsci sabia

que o partidário do império universal Dante prosseguiria a viagem assim como o partido internacional (o novo império) também prosseguiria, mas sem ele. Dessa forma sua derrota se dilui numa batalha universal, torna-se um capítulo, certamente valioso, mas apenas um capítulo. Ela não acaba ali. Com ele. E prossegue sem ele.

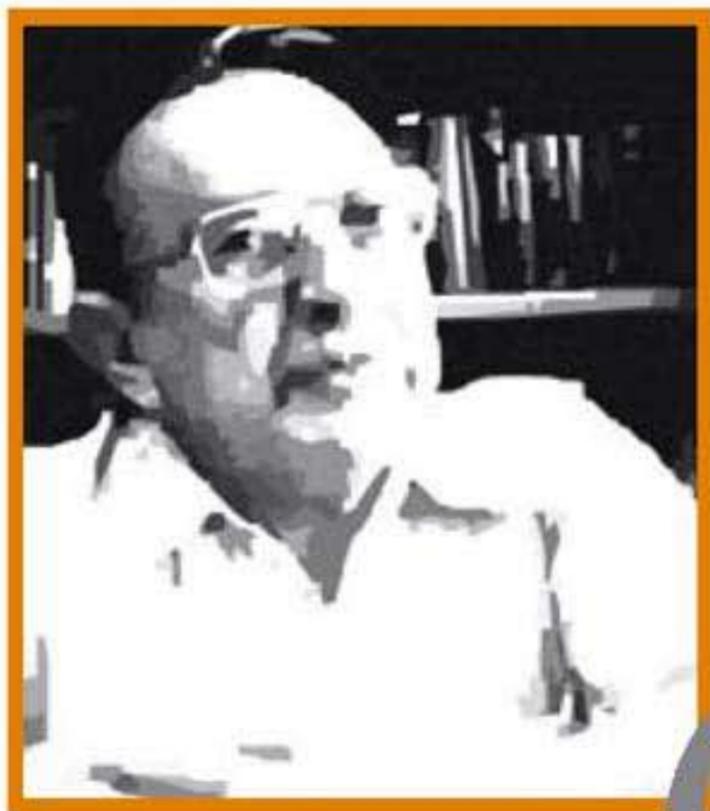
Sem ele? No sentido historicista, como Gramsci gostava de dizer, a luta prossegue com ele. Com a sua obra. Ao contrário dos condenados

dantescos, Gramsci percebeu os fatos orgânicos, as estruturas que resistem ao tempo. Nelas o presente é também história. Mesmo afastado dos fatos do dia a dia ele podia vislumbrá-los com maior capacidade de reflexão, o que antes, em verdade, lhe faltava. A história e a autobiografia são assim mais do que narrativas do condenado: são seu instrumento de luta. Conhecedor da estrutura em que as possibilidades da história se impõem ou não ele pôde, finalmente, como Dante no final de um dos Cantos do *Inferno*, cair como cai um corpo morto e manter vivente o espírito (a obra escrita) que, num sentido histórico, pode visitar o inferno. Mas ao contrário de uma leitura religiosa de Dante, em Gramsci o Paraíso (futuro) não pode ser previsto e antecipado (senão em linhas gerais). Ele é uma promessa imersa no reino da indeterminação. Sua primeira construção pode degenerar em tragédia e recomeço. Afinal, o drama do materialismo histórico (o hiato entre conhecer e agir) permaneceu a olhos vistos no século XX.

Lincoln Secco é Professor do Departamento de História da USP

Preso no cárcere,
ele não tem acesso
às informações do
dia a dia que lhe
permitiriam combater
com a narrativa da
história que acontece
cotidianamente

Ignácio Rangel e a Economia Política do Brasil



ELIAS JAËBOUR

Neste artigo analisa-se A Inflação Brasileira “obra de maior impacto de Ignácio Rangel”

O pensamento econômico brasileiro moderno é marcado por uma série de colaborações que até hoje servem de base ao pensamento nacional de caráter desenvolvimentista. Exemplos são muitos, entre eles Celso Furtado e sua obra magna, *Formação Econômica do Brasil*, a quem – independente das críticas a posteriori –, devemos a importante elaboração da constituição de um centro dinâmico interno à economia brasileira pós-crise de 1929.

Na mesma linha de raciocínio de nosso desenvolvimentismo clássico exposto desde nosso “Patriarca da Independência”, José Bonifácio, até Celso Furtado – porém com uma matriz centrada em variadas categorias do materialismo histórico – podemos auferir, numa visão particular, no Pensamento Independente de Ignácio Rangel o ápice do nacionalismo expressado sob forma de teoria econômica (1).

Assim, nosso objetivo aqui pela passagem dos 45 anos da publicação de *A Inflação Brasileira* – notadamente a obra de maior impacto de Ignácio Rangel – é expor a construção, as linhas mestras e a argumentação central por ele demonstradas nas páginas de tão importante, atual e indispensável obra.

Surgimento da teoria

Assim como todo o corpo teórico produzido pelo autor, *A Inflação Brasileira* é uma aplicação concreta de sua idéia de “dualidade básica da formação sócio-econômica brasileira”. Trata-se de um caso raro de relacionamento entre os elementos constitutivos de uma dada formação social com seus contemporâneos fenômenos macroeconômicos ⁽²⁾.

Naquele momento, em 1962, assim como hoje, no campo das idéias o pensamento econômico brasileiro se definia por uma idéia quase única sobre a natureza de nosso processo inflacionário, ou seja, a gênese de nosso processo inflacionário está tanto na demanda excessiva quanto na natureza inelástica da oferta ⁽³⁾. Ao não se perceber com exatidão a natureza das crises de realização no Brasil, enfatizam-se, até hoje, assertivas equivocadas, como a da insuficiência de poupança interna como causa primária da crise; quando, para Rangel, a crise é expressão justamente do contrário ⁽⁴⁾.

Porém, atualmente assiste-se a uma grande utilização de capacidade produtiva instalada o que não invalida a tese central de Rangel (excesso de poupança), tendo em vista que: 1) houve destruição de forças produtivas no Brasil na década de 1990 por conta das políticas “estabilizadoras” neoliberais; e 2) têm havido pífos investimentos em novas capacidades produtivas.

Concluir que a crise reside na abundância de poupança demandou um caminho teórico nada peculiar, pois se, de um lado, Rangel, tinha de passar pelo estágio em que suas análises dos aspectos reais do processo econômico (como a relação entre recursos ociosos e desenvolvimento econômico) demandavam uma futura percepção monetária ou, em outras palavras, uma melhor compreensão das peculiaridades da moeda brasileira, de outro, para sobrepujar o “pensamento único” de então, somente algo baseado em um conhecimento profundo do concreto poderia resistir às provas subseqüentes e, inclusive, à censura branca imposta à sua obra, somente há pouco tempo levantada.

Desta forma, Rangel levantou o que chamou de “véu monetário”, partindo das múltiplas determinações do processo que envolve a reprodução da moeda no Brasil. Entre as determinações des-

se processo podemos citar: os ciclos médios (Juglar-Marx) e longos (Kondratieff) da conjuntura, a taxa de exploração do sistema, o conceito de poupança interna partindo da categoria marxiana de capital constante e a pedra-de-toque de toda essa cadeia sintetizada na capacidade ociosa empiricamente demonstrada e sua relação direta com nossos ciclos endógenos de crescimento e conseqüentemente com a inflação. Afinal em Rangel a inflação é uma expressão cíclica que demonstra o nível de acúmulo de capacidade ociosa no sistema e, conseqüentemente, do nível de recessão da economia como um todo, resultante de um subconsumo oriundo da taxa, crescentemente elevada, de exploração da economia brasileira ⁽⁵⁾.

Assim, ao contrário do senso comum – anti-nacional – que demonstra a inflação como causa da crise, em *A Inflação Brasileira*, está exposto o contrário: a inflação como conseqüência do processo, um epifenômeno. Isso muda completamente a forma de

se enxergar o óbice econômico dado, cujo enfrentamento e superação são determinados por uma visão tipicamente de classe social ⁽⁶⁾.

se enxergar o óbice econômico dado, cujo enfrentamento e superação são determinados por uma visão tipicamente de classe social ⁽⁶⁾.

A mito da inflação por excesso de demanda

Influenciado pelo método utilizado por Lênin em *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia* – em que o teórico e prático russo parte para a análise da formação do mercado interno como a base para uma explicação consistente do processo de desenvolvimento daquela formação social –, Rangel buscou a raiz do processo inflacionário no Brasil justamente na forma e na história da formação do mercado interno brasileiro.

Em face do pacto de poder no Brasil pós-1930, capitaneado pelo latifúndio, tendo como sócio-menor o capital industrial, o nosso processo de expansão industrial ocorreu – numa típica Via Prussiana – sem uma reforma na arcaica estrutura fundiária no Brasil. Com o desenvolvimento industrial do país, que passou a suprir o campo de máquinas e insumos necessários para o desenvolvimento do campo, essa formatação é responsável

em Rangel a inflação é uma expressão cíclica que demonstra o nível de acúmulo de capacidade ociosa no sistema

pelas cíclicas crises de superpopulação rural que, ao se transferir para as cidades, pressionava para baixo os salários, viabilizando uma altíssima taxa de exploração no sistema. Resulta disso, como já citado, uma dita crise de subconsumo, ou um rebaixamento da demanda por bens de consumo em relação à capacidade produtiva instalada. A idéia de inflação por excesso de demanda impede grande parcela de nosso pensamento econômico de enxergar tanto o problema da capacidade ociosa quanto seu resultado: a alta taxa de exploração e sua relação direta com o fenômeno inflacionário. Em outras palavras, a inflação como efeito da má distribuição de renda no país.

A consequência imediata desse estado de coisas, para Rangel, é um descompasso entre o nível de desenvolvimento das forças produtivas e as relações de produção, demonstrado na excessiva permanência de mais-valia nas mãos dos proprietários concomitante com o aumento da produtividade do trabalho, porém com não correspondência no aumento da participação dos salários na renda nacional⁽⁷⁾. Esse é um lado da formação do problema.

Por outro lado, surge a questão da emissão monetária que, para o senso comum generalizante do pensamento econômico hegemônico, ensejava (e enseja) – no Brasil – uma expansão da demanda ao contrário da lógica marxiana que advoga a tese segundo a qual se aumenta a quantidade de dinheiro em circulação, dada a velocidade desta, o dinheiro perde valor e, no fundo, dada a quantidade emitida, não houve aumento da quantia de dinheiro. Ocorre que só pode haver aumento da demanda se houver investimento, caso contrário o que ocorre é puro e simples aumento de preços. Logo, o centro de gravidade do problema inflacionário no Brasil (devido ao fato de a alta taxa de exploração do sistema afetar a expansão da demanda e a emissão não suscitar o aumento desta) – em Rangel – está no mecanismo de formação de preços do sistema.

A intermediação de comercialização de produtos agrícolas é o outro lado do problema. Organizados como oligopsônios, porém agindo como monopólios, valiam-se da baixa elasticidade da demanda para impor uma elevada elasticidade da oferta de

produtos primários. Agindo dessa forma, desorganizam e induzem uma escassez da produção para a imposição de preços não condizentes com a realidade. Desta forma influenciam todo o conjunto da economia, pois na medida em que uma maior parte da renda obtida é destinada à compra de gêneros alimentícios, escasseia-se o consumo por outros bens. A capacidade ociosa torna-se uma realidade, da mesma forma que, no setor industrial e de serviços públicos – caracterizados por uma organização oligopólica – também se busca a manutenção de lucros anteriores, mesmo com a baixa utilização de capacidade produtiva. Como consequência da premência de uma conjuntura recessiva, surge a inflação⁽⁸⁾.

Como epifenômeno, o processo inflacionário por administração de preços que marca nossa história econômica, em *A Inflação Brasileira*, é diagnosticada – também – como mecanismo de defesa do sistema, afinal sendo alta a taxa de exploração do sistema o montante de mais-valia concentrado nas mãos dos

empresários tende (com a inflação, a desvalorização da moeda e de taxas de juros negativas praticadas pelos bancos), a ser empregado em novos projetos, investimentos, deprimindo, assim, a preferência pela liquidez do sistema e aumentando a taxa de imobilização do sistema. Esse movimento dialético, cíclico e determinado historicamente, serve para a manutenção de: uma demanda agregada e das taxas de lucro anteriormente auferidas⁽⁹⁾.

Retornando à questão da emissão monetária, e repetindo, Rangel fecha o circuito do ciclo inflacionário e dá um golpe mortal na essência da tese monetarista para quem a inflação é causada, também, pela emissão monetária que seria responsável, além de uma recomposição de demanda, por um aumento dos preços. Se para Marx a variável renda está relacionada com – porém independente – o investimento, logo numa economia oligopolizada, com altas taxas de exploração e onde o processo inflacionário transforma-se num mecanismo de defesa, a emissão monetária é uma resposta ao deliberado aumento dos preços, à diminuição da quantidade real de moeda e ao próprio déficit governamental causado pelo movimento para cima dos preços.

o centro de gravidade do problema inflacionário no Brasil (devido ao fato de a alta taxa de exploração do sistema afetar a expansão da demanda e a emissão não suscitar o aumento desta) – em Rangel – está no mecanismo de formação de preços do sistema

Da antítese à síntese

Da notável capacidade de abstração de Rangel pode-se extrair, em *A Inflação Brasileira*, sua capacidade de observar o conjunto do movimento econômico e sua história, para em seguida apontar seu óbice, sua antítese e sua síntese. Trocando em miúdos, assim como a pequena produção mercantil em vias de se transformar em indústria sinalizava a decadência do complexo rural e a necessidade de novas formas de enquadramento institucional, a inflação como uma anomalia típica de economias de mercado no Brasil suscitou, já na década de 1960, a superação de um tipo de capitalismo para outro baseado na fusão entre capital bancário com o capital industrial.

A inflação e as taxas de juros negativas dela suscitadas explicam, no todo, o paradoxo de se assistir uma economia em que a baixa eficácia marginal do capital que era uma tônica fosse propiciar o surgimento de um sistema financeiro. A inflação e sua vertente brasileira gerava duas condições objetivas para o surgimento deste capital bancário: a oferta de recursos monetários ociosos em fuga da erosão da moeda e uma demanda de capitais para investimentos que se tornavam rentáveis dada a atração exercida pela taxa de juros real negativa. Dialeticamente, da crise cuja inflação era expressão, surge a principal condição objetiva, não somente à retomada do crescimento no Brasil, mas à soberania nacional como um todo: o sistema de intermediação financeira formada por um sistema bancário nacional e privado, pronto para carrear recursos aos setores estrangulados da economia e quebrar o círculo vicioso da dominação financeira exercida pelo imperialismo sob o nosso país.

Do estudo de nossos ciclos breves, cujo conteúdo é marcado pela implantação de sucessivos setores que compõem nossa indústria – a indústria leve, a pesada e as infra-estruturas – é que Rangel tira síntese, segundo a qual, as infra-estruturas estranguladas são o novo ponto nevrálgico a se atacar tendo a indústria mecânica pesada criada durante o governo Geisel como seu complemento produtivo. Este nó, em Rangel, viria a ser rompido pelo papel progressista a ser cumprido pelo nas-

cente capital financeiro brasileiro em detrimento do capital externo causador de dependência.

O estrangulamento financeiro do Estado demanda a concessão das infra-estruturas estranguladas ao capital privado nacional – cujas encomendas de trilhos, locomotivas, geradores etc ao serem feitas a empresas nacionais gerariam efeitos multiplicadores em toda a economia – de forma que a solução para a questão social, ao invés de ser encontrada no retorno a formas primitivas de agricultura, é encontrada na abertura de novos campos de investimento na economia, sobretudo nas cidades.

Para Rangel e elencados, em *A Inflação Brasileira*, o conjunto de medidas para nosso salto qualitativo inclui uma chamada planificação do comércio exterior direcionado à abertura de novos mercados para nossos produtos, notadamente nos países socialistas e da periferia, conforme tem ocorrido hoje. Esta medida completaria, em

conjunto com a concessão de serviços públicos a empresas privadas nacionais, uma lenta e gradual quebra dos laços de dependência do nosso país para com o nosso inimigo maior, o imperialismo norte-americano (10).

Pensando estrategicamente, ao se aparelhar de um sistema de intermediação financeira e aumentar a capacidade do Estado Nacional – tanto de exportar capitais e financiar exportações, quanto de planificar

déficits comerciais com nossos vizinhos e países-irmãos africanos –, o Brasil estaria dando um passo na direção de um capitalismo de Estado que, por sua vez, é um passo decisivo e necessário na transição de nosso país ao socialismo.

Revisitar a obra, uma justa homenagem

A melhor homenagem a ser feita a uma obra da estatura de *A Inflação Brasileira* deveria ser sua revisitação, independente de preconceitos e miudezas típicas do verdadeiro “mercado de idéias” que vivenciamos no Brasil e no mundo. Esta revisitação é ainda mais necessária em momentos de “cotovelo da história” como vivemos em nosso país. País este que há mais de duas décadas vive experimentando soluções econômicas com aparência progressista, porém reacionárias em sua essência, como, por exemplo, o

o Brasil estaria dando um passo na direção de um capitalismo de Estado que, por sua vez, é um passo decisivo e necessário na transição de nosso país ao socialismo

Plano Real e o choque de “arrocho” dele derivado.

Especificamente para seu autor – que para R. Bielschowsky “foi o mais criativo e original analista do desenvolvimento econômico brasileiro” (1988, p. 209) –, cabe uma série de constatações elogiosas já feitas em diferentes momentos por intelectuais do nível de Armen Mamigonian, Carlos Lessa, Milton Santos, Luiz Gonzaga Belluzzo, Maria da Conceição Tavares, Bresser Pereira, entre outros. Porém, uma delas acreditamos ser especial, escrita em 1995 pelo professor da FEA-USP, Paulo de Tarso Soares e reproduzida na Introdução de Marcio Henrique Monteiro de Castro às Obras Reunidas de Ignácio Rangel, como segue:

“O grande pensador Ignácio Rangel faz muita falta aos seus amigos, mas faz mais falta ainda para a classe operária e para os defensores do socialismo

científico. Mesmo os que não concordam com as idéias políticas (...) da análise rangeliana, haverão de reconhecer que, em março de 1994, o Brasil perdeu um dos maiores pensadores de seu processo econômico. Homens com a independência intelectual e a coragem política de Rangel fazem muita falta para os que ficam”.

Artigo dedicado a Edvar Luiz Bonotto.

Elias Jabbour é Doutorando em Geografia Humana pela FFLCH-USP, professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Departamento de Geociências do CFH-UFSC, membro do Conselho Editorial de Princípios e autor de China: infra-estruturas e crescimento econômico (Anita Garibaldi, 2006, 256 p.) e China: desenvolvimento e socialismo de mercado (DG-CFH-UFSC, 2006, 86 p.).

Notas:

- (1) Uma notável síntese do pensamento de Ignácio Rangel pode ser encontrada no capítulo 5 de R. Bielschowsky: *Pensamento Econômico Brasileiro*, IPEA, 1988, no qual, conforme Mamigonian (1997): “(...) não se confunde Rangel com CEPAL ou estruturalismo como faz G. Mantega em *A Economia Política Brasileira*”.
- (2) Sobre a dualidade de nossa formação ler: RANGEL, I. “*A história da dualidade brasileira*”. In *Revista de Economia Política* n° 1, vol. 4, p. 5-34, jan-mar/1981. Disponível em: <http://www.rep.org/pdf/04.pdf>
- (3) RANGEL, I.: “*A Inflação Brasileira*”. In *Obras Reunidas de Ignácio Rangel*. Contraponto, Vol. 1, p. 555, Rio de Janeiro, 2005.
- (4) A adesão a essa opinião tem raiz na própria forma liberal de como se aborda o conceito de poupança. Sobre isto ler: RANGEL, I.: “*O que é poupança interna?*”. In *Obras Reunidas de Ignácio Rangel*. Contraponto, Vol. 2, p. 326-333, Rio de Janeiro, 2005.
- (5) Idem à nota 3, p. 595.
- (6) Isso se atesta pelo fato de a inflação e seu controle até hoje serem a principal variável a se considerar na elaboração de políticas econômicas no Brasil e também pelo seu controle – há quase 20 anos – ser feito pela via da compressão de demanda (juros) e pela abertura comercial (câmbio) demonstrando a supremacia da visão de mundo dos bancos e oligopólios estrangeiros. Em curtas palavras: da força objetiva e subjetiva do imperialismo no Brasil.
- (7) Ibid, ibidem à nota 3, p. 663. Importante notar que a opinião pública brasileira, notadamente quase a totalidade das esquerdas, foi ganha para o discurso do “combate à inflação” partindo do pressuposto da mesma como fator de perda do poder de compra dos trabalhadores, quando na verdade entre 1993 e 2003, no auge das políticas de “estabilização”, segundo dados do DIEESE, a participação dos salários na composição do PIB nacional caiu em 50%.
- (8) RANGEL, I.: “*A Inflação Brasileira*”. In *Obras Reunidas de Ignácio Rangel*. Contraponto, Vol. 1, p. 613, Rio de Janeiro, 2005. Atualmente é muito comum, em momentos de recessão, a indução de capacidade ociosa em setores como o automobilístico. Nota-se também que uma das “armas” contra a inflação utilizada no Brasil foi a substituição de oligopólios industriais nacionais por oligopólios estrangeiros como no setor alimentício, metal-mecânico e siderúrgico.
- (9) Empiricamente pode-se relacionar esse movimento com o fato de o Brasil, com ou sem inflação, ter sido o país do mundo que mais cresceu economicamente no século passado.
- (10) Sobre a solução aos impasses econômicos brasileiros e também sobre o futuro do processo de reprodução do capital em nosso país é importante a leitura de “*Posfácio à 5ª Edição*”, escrito por Rangel em *A Inflação Brasileira*. É atual a ponto de tranquilamente poder servir de base a uma plataforma nacionalista e desenvolvimentista para o Brasil.

“É uma utopia querer

Entrevista com Oscar Niemeyer

Carolina Ruy



Oscar Niemeyer recebe Princípios em seu escritório no Rio de Janeiro

POR PEDRO DE OLIVEIRA E CAROLINA RUY

O discurso sintético de Oscar Niemeyer é denso de idéias progressistas e de preocupação com o povo. Na conversa, realizada no dia 23 de novembro, com o arquiteto para gravação do programa televisivo do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e para a revista *Princípios*, Niemeyer mostrou-se otimista em relação ao Brasil e à América Latina, mas disse que, os jovens deveriam ter uma formação mais ampla e humanista. Foi enfático ao afirmar (mais de uma vez) que não é a arquitetura o que mais importa: “o importante é a vida, é a luta política”, ressaltou. Em seu famoso escritório na avenida Atlântica, onde nos recebeu, há uma vista exuberante para a praia de Copacabana. O apartamento é branco do piso às paredes, com espaços para estudos e para palestras, maquetes, e muitos livros e quadros. Nesse lugar novos projetos arquitetônicos são feitos sob sua direção. Um dos mais recentes é o monumento a Simon Bolívar com 100m de altura,

entregue ao presidente venezuelano. Lembrou que certa vez esteve com Hugo Chávez e, ao se despedir, disse: “A revolução continua!”. Chávez sorriu e se foi.

Princípios – Qual mensagem sobre o socialismo o senhor teria para o povo brasileiro?

Niemeyer – A gente quer muito pouco: uma sociedade igual, as crianças na escola, a vida tranqüila, todos juntos, a vivência mais simples, os grandes empreendimentos humanos: teatros, cinemas, estádios, ainda maiores para que o povo possa participar mais.

Ultimamente, ando muito ocupado. Quase todo dia vem gente aqui para fazer entrevista, mas eu levo a conversa para outro lado porque não vou falar de arquitetura e dos prédios que faço. Nada disso é muito importante. Os assuntos de ar-

consertar o capitalismo”

quietura têm importância relativa para quem é arquiteto ou para quem a arquitetura se destina. Mas acredito que o importante é a vida e a luta política.

Lembro que um dia cheguei a meu escritório e havia um garotinho vendendo balas na rua. Ele tinha uns dez anos. Do elevador até a minha sala a miséria dele me parecia a coisa mais triste do mundo. Quando cheguei resolvi pedir a alguém para chamá-lo. Perguntei ao garoto: onde você mora? Ele disse: durmo nas calçadas. Tentei levá-lo para o estudo, mas ele estava nessa vida de luta e de aventura correndo da polícia, e foi ficando difícil até que desisti. Depois de dez anos ele apareceu por aqui, já um homem – e não para pedir ajuda ou nada – só para saber se eu estava bem de saúde.

Hoje a arquitetura não fala para o povo. Ela trabalha para o povo eventualmente quando o governo é progressista.

Princípios – *Falando em governo, e os governos nacionalistas da América Latina e do Brasil? O senhor é esperançoso quanto ao futuro deles?*

Niemeyer – Neste momento nós estamos bem. A imagem do Bush está desaparecendo, ele é um idiota. O Lula compreende os problemas brasileiros, é um operário, faz jus às suas origens e está ao lado do povo. A América Latina está se organizando e seus povos tomando um caminho mais popular. Tem o Hugo Chávez e o Fidel, que são figuras fantásticas. A Revolução Cubana é um exemplo que podemos aproveitar para melhorar as coisas. É uma utopia querer consertar o capitalismo, achar que ele pode ser melhorado. Está tudo errado, é uma doutrina de miséria, de egoísmo. Não queremos melhorar o capitalismo que representa isso tudo, essa diferença de classes, os pobres sem ter onde morar etc. Queremos acabar com o capitalismo.

Princípios – *Em sua opinião, quais os ru-*

mos que a juventude brasileira vem tomando quanto à educação?

Niemeyer – Para mim, esse problema da educação e dos jovens é muito grave e é a principal coisa que temos de enfrentar. Os jovens entram para a escola e esperam sair como vencedores e então saem como especialistas não preparados para o mundo injusto que vão encontrar pela frente. Nós estamos fazendo uma escola em Niterói, na nova sede da Fundação Niemeyer, dirigida pela minha neta Ana Lúcia Niemeyer, que funcionará no ano que vem. São dois meses de curso. Primeiro a idéia era fazer uma escola de arquitetura, sobre as noções gerais da arquitetura, mas resolvemos fazer uma escola de arquitetura e humanidades.

Um dia eu estava aqui no escritório e ouvi duas moças conversando. Uma dizia para a outra: “você conhece a obra do Eça de Queiroz?”. A outra disse: “é filho da Raquel de Queiroz?”. Quer dizer: é uma ignorância total. É preciso sair para a vida não como especialista na profissão, que só fala na profissão, mas sair como um homem que conhece a vida, sabe a situação do ser humano sem perspectivas, da sociedade injusta em que vivemos. Quando vem gente aqui conversar sobre arquitetura eu não dou muita conversa não.

Princípios – *Neste momento da vida o que o senhor considera mais importante?*

Niemeyer – O importante é pensar na vida, na condição social mais do que na profissão. Como o sujeito quer ser um vencedor se não toma contato com as coisas mais importantes que é o mundo em que ele vai viver e participar? O sujeito vai aprender que a vida é um sopro. Cada um vem, dá o seu recado e vai embora, as coisas desaparecem. O importante é a solidariedade, saber que estamos no mesmo barco.

Pedro de Oliveira é jornalista, da Comissão Editorial de Princípios. Carolina Ruy é Secretária de Redação (interina) de Princípios



Carolina Ruy

Oscar Niemeyer - RJ 11/2007

Um século de vida, um tesouro de realizações

No encontro em que nos recebeu em seu escritório, em Copacabana, poucas palavras foram suficientes para nos contemplar com suas idéias progressistas.



No mais, os detalhes de sua vida, de sua militância política e de seu trabalho como arquiteto, já estão registrados em obras como O Ser e a Vida, e As Curvas do Tempo, ambas de sua autoria, das quais gentilmente nos cedeu o direito de reproduzir trechos selecionados.

Antes de entrar nos escritos de Niemeyer, vale ressaltar a dificuldade de selecionar, em suas obras os trechos mais significativos. Ao lê-las, todas as palavras parecem imprescindíveis

A mestiça árvore genealógica

Começarei lembrando de onde venho. Meu nome deveria ser Oscar Ribeiro Soares ou Oscar Ribeiro de Almeida de Niemeyer Soares, mas prevaleceu o nome estrangeiro e acabei conhecido como Oscar Niemeyer.

Minhas origens são muitas, o que me agrada particularmente: Ribeiro e Soares, portugueses; Al-

meida, árabe; e Niemeyer, alemão. E isso sem levar em conta algum negro ou índio que, sem sabermos, também faça parte da nossa família.



Lúcio Costa e Le Corbusier

Homenagem a Lúcio Costa e os primeiros passos na arquitetura

É bom falar do Lúcio, esse brasileiro ilustre que encontrei lá pelos anos 30, e a quem tanta coisa fiquei devendo.

Mas para isso tenho de voltar

atrás. Contar o tempo em que, generoso, aceitou que eu frequentasse o escritório que tinha com Carlos Leão.

Eram tempos difíceis para mim. Estudante, casado e com filha, vivendo de aluguel de uma casa que tínhamos na cidade. Mesmo assim, não aceitei trabalhar num escritório qualquer onde, como ocorria com meus colegas, encontraria a solução para os problemas práticos da profissão, com salário correspondente, e preferi trabalhar graciosamente no escritório do Lúcio Costa.

Hoje, ao lembrar esse episódio, sinto que não era um estudante medíocre que no escritório do Lúcio tivesse surgido como simples pára-queda, mas que a arquitetura me convocava e eu queria ser um bom arquiteto.

E, ali, compreendi melhor os assuntos da arquitetura, a importância da nossa velha arquitetura colonial, o idealismo que a profissão reclama.

Recordo os velhos tempos: eu debruçado sobre os projetos do Lúcio, surpreso diante das residências belíssimas que fazia, dos primorosos desenhos com que as apresentava.

E agradava-me seu ar civilizado, correto, diferente do Carlos Leão, que mais expansivo, nos levava, feliz, pelos bares da cidade.

É claro que pouco ajuda lhes podia dar, mas sabia desenhar, procurava atendê-los, e acabamos caminhando juntos como bons amigos.

E sentia com admiração seu enorme talento, tão autêntico, que lhe permitiu, de um dia para outro, se transformar em urbanista, inventando essa cidade bela e acolhedora que é a capital do nosso país.

Introvertido, Lúcio não superou os momentos sombrios com que o destino ofende nossas pobres vidas e, viúvo, se fez mais distante, hermético, embora atento a tudo que ocorria, pronto a defender seus velhos companheiros.

E foi, contente comigo mesmo, que um dia propus ao então governador José Aparecido de Oliveira construir na Praça dos Três Poderes o Espaço Lúcio Costa, desenhando-o com o carinho que meu amigo merecia.

“Prestes, fica com a casa. Sua tarefa é muito mais importante que a minha”

Nunca fora do partido comunista, embora já contribuísse para o Socorro Vermelho. Recordo-me do

dia, 1935 talvez, quando um dos seus velhos militantes – Honório de Freitas Guimarães – veio à minha casa, em Ipanema, apanhar um embrulho de roupas. Com que admiração o conheci! Homem rico, que tudo abandonara pela revolução.

E foi nessa casa da Rua Conde Lages que, em contato com Prestes e seus camaradas, a ouvir suas histórias de luta e sacrifício, decidi, um dia: “Prestes, fica com a casa. Sua tarefa é muito mais importante que a minha”. E a casa da Rua Conde Lages, antes residência familiar, depois delegacia, pensão de putas e escritório de arquitetura, se transformou no Comitê Metropolitano do PCB (...).

Passo os olhos neste livro e sinto que alguma coisa mais devo dizer sobre meu amigo Luís Carlos Prestes. Uma das figuras mais dignas do nosso tempo. Um homem que impõe respeito até aos seus mais declarados inimigos. Pessoa tão autêntica, tão veraz e proba, que se destaca como um iluminado, neste mundo de falsidades e conivências.

A história conhecida, é quase óbvio lembrá-la. A luta que pelo Brasil afora – de Norte a Sul – soube manter, a comandar sua coluna heróica,

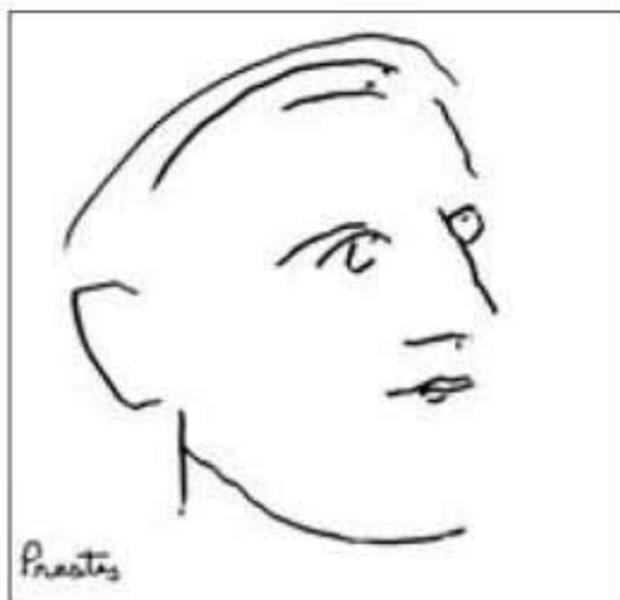
sua adesão ao comunismo, seus nove anos de cárcere, isolado da vida, sua mulher grávida levada para os campos de concentração nazistas, sua libertação e grandeza diante da situação política. Depois, a derrota de Hitler, o Partido na liberdade e Prestes aclamado nos grandes comícios de 45 a 46. Era o Cavaleiro da Esperança que o povo aguardava.

Pouco durou esse período de euforia. Em 1946, o partido comunista vai para ilegalidade e Prestes é obrigado a se esconder, para voltar, anos depois, com o mesmo entusiasmo e espírito de luta que na sua juventude anunciava.

Estamos em 1987 e Luís Carlos Prestes já com 89 anos de idade. Não pertence mais ao PCB, mas sua revolta contra a injustiça social continua a dominá-lo, sozinho, radical e intransigente, a falar pelas universidades, sindicatos, fábricas e centros políticos do país.

Com frequência, Prestes vem ao meu escritório de Copacabana. Os colegas o cercam e ele a discorrer sobre a política brasileira, com o calor e a lucidez de um jovem guerrilheiro.

Todos o estimam. Todos o acolhem e escutam com admiração. Todos o respeitam, emocionados com a sua inabalável convicção de revolucionário.



E, quando um de nós se despede, acompanho-o até o carro. Um hábito que adquiri quando, ainda vigiado pela polícia, preocupava-me em protegê-lo.

As viagens pelo mundo e ao mundo novo

“Fiz muitas viagens de navio entre o Brasil, a Europa e os Estados Unidos. Não gostava de andar a de avião. De navio, eram dez dias de férias no mar imenso, sem telefone, inteiramente livre (...).

Numa dessas viagens fui a Moscou. Levava Anni-ta e o meu amigo Eça. Queria que eles conhecessem o velho mundo (...).

Queríamos sentir a Revolução de Outubro com seus princípios de justiça e fraternidade que o capitalismo tenta combater. E Moscou não nos decepcionou. Com que prazer transitamos pela Praça Vermelha, surpresos com a monumentalidade do Kremlin e a graça desenvolva da catedral de São Basílio, com suas abóbadas douradas!

Com satisfação sentíamos o povo se recuperando, a vida a caminhar dentro dos preceitos de Marx e Lênin, fraternal e justa para todos.

E lá ficamos na longa fila que nos levaria a Lênin e Stalin, responsáveis pela vitória do socialismo, dormindo tranquilos nas suas caixas de vidro.(...)

Marx e Sartre

Minha posição diante da vida foi de invariável revolta. Ligado ao pensamento de Sartre, sempre a senti injusta e irrecusável tragédia.

Jovem ainda, com apenas 15 anos, já me angustiava pensando no destino dos homens, condenados, sem defesa, a completo desamparo. E a idéia de desaparecer me aterrorizava.

Como todo mundo, procurava esquecer tais pensamentos e usufruir os prazeres deste passeio tão curto e cheio de alegrias que, sem consulta, o destino nos oferece.

Extasiava-me diante da natureza fantástica que nos cerca e, abraçado aos amigos, punha de lado o que nas horas de solidão tanto me afligia.

E me vesti de falso otimismo, integrado nessa alegria contagiante que a juventude oferece.

E me fiz conhecer como figura alegre e espontânea voltada para a boemia, quando, no fundo, guardava uma imensa tristeza ao pensar na vida e nos homens.

Nos momentos de solidão indagava-me aflito sobre esse universo misterioso que nos cerca e lembrava o velho Gauguin a escrever num dos seus quadros, muitos anos atrás: “De onde vie-

mos, o que somos, para onde vamos?”.

Do mundo, da relação entre os homens, revoltame a injustiça imensa que existe, os separa e desmerece. E me fiz comunista, e contra a miséria me manifestei a vida inteira.

Às vezes, sentia que em alguns pontos discordava dos meus bons camaradas. Não acreditava, por exemplo, na idéia de que devemos ser otimistas, que não cabe contestar o drama do ser humano, que o importante não é a morte, mas a perpetuação da espécie.

E resistia a esse argumento, pensando que os momentos de angústia que me invadiam, nossos filhos os teriam também.

E reagi lembrando Gramsci a escrever na sua prisão, na Itália: “O otimismo é muitas vezes o desejo de não fazer nada e tudo aceitar”.

No existencialismo de Sartre e no progresso da ciência, apoiava-me, convicto de que tudo é precário, uma verdade que deve prevalecer.

Alguns diziam que seria niilismo, o fim das fantasias, das grandes conquistas, que dão ao homem algumas esperanças.

E reagia, insistindo em Sartre, que ao mesmo tempo que declarava toda a existência ser um fracasso, defendia Cuba, todos os povos oprimidos, dizendo aos amigos gostar de ter dinheiro no bolso para das esmolas.

Acreditava, como ainda acredito, na doutrina de Marx e antevia, otimista, o mundo melhor que desejamos.

Durante anos segui o partido comunista com a lealdade de um bom militante, apaixonado pela luta política, pela Revolução de Outubro, por Lênin, Stalin, Mao, Prestes, Fidel, por todos que pela justiça entre os homens se levantaram.

A crise do socialismo

Os tempos correram. Veio a crise soviética, o desmantelamento do mundo comunista, e eu permaneci o mesmo, certo de que alguma coisa devia explicar o ocorrido, alguma coisa que os velhos comunistas soviéticos saberiam eliminar.

Perplexo sentia que minha posição política não correspondia ao que se passava no país e no mundo. Que muitos aceitavam a derrota como consequência de velhos e irreparáveis erros, e outros, tranquilamente, não raro, como coisa desejada.

Recusei tudo isso. Passei a considerar que a crise soviética constituía uma fase natural pela luta política, que o ser humano não atingira ainda o nível que a sociedade comunista, solidária, exigia. E me refugiei na idéia de que o progresso promovido pela

Revolução de Outubro, que transformara a União Soviética, de um simples país de mujiques na segunda potência mundial, fora extraordinário. E isso me bastava.

E pensei que transformar o ser humano deveria ser a primeira etapa, tornando-o mais simples, mais humano, capaz de compreender, como disse Teilhard de Chardin, que “ser é mais importante do que ter”.

Mas não criticava Lênin, é claro. A Revolução de Outubro foi início indispensável. O sinal de que o mundo vai mudar, de que o fracasso ocorrido é acidente de percurso, de que a idéia de Marx continua imutável e a luta mais consciente e determinada.

Nunca foi contra qualquer movimento de protesto. É preciso protestar. Uma palavra que seja, dita com coragem, na hora certa, só merece apreço. Muitas vezes, quando a miséria é demais e os homens a esquecem, a solução é reagir.

E lembrava meus velhos companheiros do partido comunista mortos nos levantes políticos nas câmaras de tortura da reação, a luta heróica de Cuba e Fidel, líder desta América Latina tão sofrida e explorada. E me detive no caso da América Latina mais ameaçada com o afastamento de Moscou.

No dia em que o homem compreender ser filho da natureza, irmão dos bichos da terra, dos pássaros do céu e dos peixes do mar, nesse dia, ele compreenderá sua própria insignificância e, realista, será mais humano, mais simples e solidário.

Dentro das minhas limitações de simples arquiteto, sinto com tristeza a situação do meu país. A miséria imensa que o cobre e o desprezo da burguesia multiplicando-a. Vejo que uma decisão radical impõe: “Passar o país a limpo”, como disse Darcy Ribeiro. E às forças populares caberia essa tarefa.

A sede das Nações Unidas

Em 1947, Wallace Harrison convidou-me para fazer parte da equipe de arquitetos que deveria projetar a sede das Nações Unidas. E no mesmo dia em que cheguei a Nova Iorque Le Corbusier telefonou para o hotel pedindo que o encontrasse numa esquina da Quinta Avenida.

Fazia muito frio. Solícito, ele colocou seu capote

sobre o meu, dizendo: “Vou fazer como São Francisco”.

E, como a casa de Oscar Nitzke ficava perto, caminhamos até lá, ele contando sua história.

Seu projeto começava a ser criticado e ele queria que eu ficasse a seu lado, colaborando no seu trabalho. Aceitei. E durante alguns dias procurei ajudá-lo quando Wallace Harrison me convocou a seu gabinete: “Oscar, convidei você para, como todos os arquitetos, apresentar seu projeto e não para trabalhar com Le Corbusier”. Avisei a Le Corbusier o ocorrido e ele logo responde: “Você não pode ir, vai criar confusão”. Mas, dias depois, aconselhou-me: “É melhor

você ir. Estão esperando seu projeto”.

Em uma semana elaborei meu estudo. Confesso que não gostava do projeto Le Corbusier. Penso ter sido feito para outro local, e o bloco da grande Assembléia e dos

Conselhos, no centro do terreno, o dividia em dois.

Mantive no meu projeto o bloco indispensável das Nações Unidas e separei os Conselhos da grande Assembléia, colocando o primeiro num bloco extenso embaixo, junto ao rio, e ela no extremo do terreno. Tinha criado a Praça das Nações Unidas.

Budiansky, assessor de Le Corbusier, foi o primeiro a vê-lo: “Você fez melhor que Le Corbusier”. Este, que apareceu em seguida, depois de examiná-lo detidamente, comentou: “É um projeto elegante!”

Wallace Harrison convocou-me outra vez: “Oscar, todos preferem seu projeto, vou propô-lo na próxima reunião”.

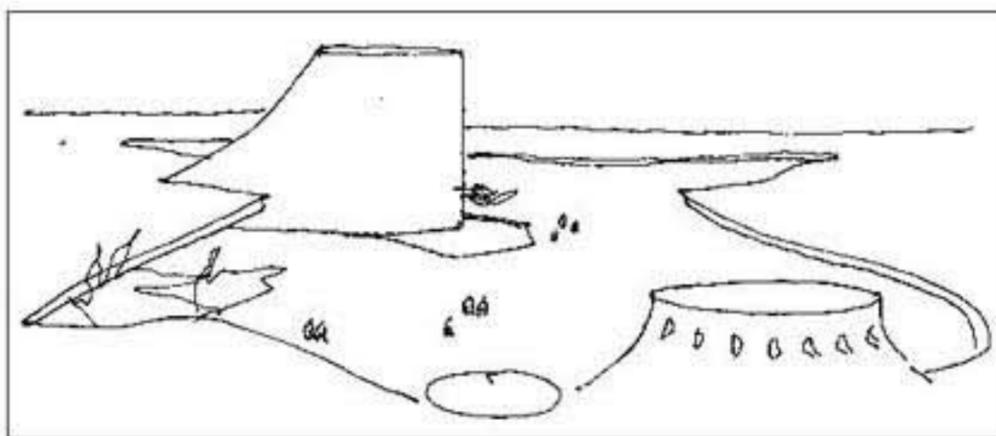
Nesse dia, subi no elevador com o arquiteto que representava a China, que me disse: “Hoje vou ficar a seu lado”.

Ao iniciar-se a reunião, Le Corbusier tentou mais uma vez defender seu projeto: “Não fiz desenhos bonitos, mas é a solução científica de todo o programa das Nações Unidas”. E eu compreendi que ele se referia aos meus desenhos.

A reunião começou. Wallace Harrison propôs o meu projeto, aceito por unanimidade. Todos me cumprimentaram. Até a secretária veio me abraçar. Meu projeto estava escolhido.

Mas, na saída, Le Corbusier pediu-me: “Quero falar com você, amanhã cedo”.

Atendi-o. O que ele queria era mudar a posição



da grande Assembléia, levando-a para o centro do terreno:

“É o elemento hierarquicamente mais importante, e lá é o seu lugar”. Eu não estava de acordo. Liquidaria com a Praça das Nações Unidas, dividindo de novo o terreno.

Mas Le Corbusier insistiu, e tão preocupado me parecia que resolvi aceitar. E juntos apresentamos um novo estudo, o projeto 23-32 (23 era o número de seu projeto e 32 o meu).

Wallace Harrison não gostou da minha decisão. Afinal, tinha me consultado antes.

E os trabalhos prosseguiram. Pequenas modificações foram feitas e, na realidade, o prédio construído corresponde, nos seus volumes e espaços livres, ao projeto 23-32 apresentado.

Mas devo considerá-lo como um trabalho de equipe; nossa tarefa foi apenas definir o partido arquitetônico. O resto, todos os detalhes, foi elaborado por Wallace Harrison, Abramovitz e seus colaboradores. Esses foram os fatos dos quais participei. Deles, Wallace Harrison, Abramovitz, só lembro correção e amizade.

Quanto a Le Corbusier, nunca comentou, nem falou sobre o projeto 23-32, mas recordo-o muitos anos depois, almoçando em seu apartamento, fitando-me longamente, e afirmando: “Você é generoso” (...).

Odisséia da construção de Brasília

“Os projetos de Brasília, começaram a ser elaborados no edifício do MES, mas logo depois compreendemos que deveriam ser feitos no local, seguindo as obras em curso, e para isso apressamos a construção das casas populares onde iríamos morar.

Antes de viajar, conversei com Israel Pinheiro. Dei-lhe a relação dos que deveriam seguir comigo, combinei salários etc.

Nessa ocasião ele falou do meu contrato. Receberia um salário normal de funcionário público, mas acrescentou: “Posso dar-lhe uma comissão”. Respondi logo: “Nada de comissão”. Era uma palavra que sempre detestamos. Se o nosso amigo tivesse falado diferente, houvesse dito, por exemplo, “Você vai receber um salário de tanto, mas lhe darei, como regula a tabela do Instituto dos Arquitetos do Brasil, uma percentagem sobre a obra”, eu talvez pudesse concordar. E foi pelo emprego da palavra “comissão” que elaborei todos os projetos de Brasília por apenas 40 mil cruzeiros mensais.

Mas o problema de dinheiro não me preocupava. Foi até bom para mim. Recebendo tão pouco, além de ter fechado, praticamente, meu escritório no Rio, sentia-me à vontade – desinibido – para muita coisa.

E uma delas, a que maior prazer me deu, foi contratar quem eu bem quisesse para comigo trabalhar na nova capital. E isso explica os amigos que convoquei. Primeiro, cerca de 20 arquitetos para os trabalhos programados; depois, outros amigos de profissões diferentes, pelo simples prazer de ajudá-los, sabendo-os com dificuldades financeiras.

Daí termos na nossa equipe um médico, um jornalista, um advogado, um goleiro do Flamengo e outros ainda de profissões indefinidas.

Todos me foram úteis e a equipe se fez mais variada, a conversa mais versátil, o trabalho mais completo, cada um atuando dentro de suas próprias aptidões.

Em pouco tempo formamos um grupo coeso e amigo. Todos juntos no correr das casas populares já construídas.

O conforto era pouco: uma sala, dois quartos, banheiro e cozinha. Meu quarto era pequeno: um catre, um pequeno armário provisório e um banco como mesa-de-cabeceira.

O resto era a terra vazia, desprotegida, coberta de poeira nos tempos de inverno e de água e lama nos meses de verão.

É claro que esses pequenos desconfortos se diluíam diante do trabalho que tanto nos ocupava. Mas ficava aquela sensação de fim de mundo, a lembrar a família e os amigos distantes, sem estradas e telefone. Apenas um pequeno rádio de campanha a nos servir. E tudo se agravava para os que lá estavam sozinhos, a imaginar como seria bom ter uma mulher do lado, com quem pudessem dividir suas angústias, e abraçá-la um pouco. E isso explicava muita coisa. Muita união escondida que aquele abandono justificava.

A fuga era nos reunirmos à noite para bater papo, discutir as obras em andamento, jogar cartas ou, então, o que ultimamente fazíamos, tocar nossas batucadas (...).

Outras vezes, ir para a Cidade Livre, o faroeste da nova capital. Uma rua larga coberta de lama, repleta de jipes, carroças e cavalos, ladeada de construções baixas de alvenaria, onde ficavam o pequeno comércio, bares, restaurantes, boates e as prostitutas da cidade.

Sentados numa boate, ficávamos a ver, satisfeitos, a confraternização que aquele fim de mundo provocava; a caipirinha a correr pelas mesas e nossos companheiros, arquitetos, engenheiros e operários, a dançar na pista de tabuado.

Era a nostalgia do cerrado, a saudade das terras distantes que os reunia ali solidários.

As obras prosseguiram, a poeira vermelha marcava as ruas em construção e os canteiros de serviço

quebravam o antigo silêncio daquela área que começava a se povoar.

Determinado, JK nos dava seu exemplo, indiferente às críticas com que a reação procurava torpedear o empreendimento. Rindo dos que diziam que o lugar fora mal escolhido, que não haveria vegetação nem jardins, que a água do lago projetado iria desaparecer na terra porosa da nova capital (...).

E a idéia de JK – nossa, inclusive – não era de uma cidade qualquer, pobre e provinciana, mas de uma cidade atualizada e moderna, que representasse a importância de nosso país (...).

A ditadura militar. O exílio. Sua arquitetura se espalha pelo Velho Mundo

Depois de Jânio e João Goulart, chegaram os negros tempos da ditadura e a reação assumiu o poder com o apoio do imperialismo norte-americano. De um dia para o outro, uma carta-renúncia inoportuna foi o pretexto para alijar Jânio da presidência (...).

Jango prossegue com política progressista, o povo a participar das grandes manifestações públicas, as esquerdas a se exibirem livremente. E isso levou os que expulsaram Jânio a expulsá-lo também.

E veio o golpe de Estado e essa ditadura que durante 20 anos ocupou o país, oprimindo, torturando, matando os que lutaram heroicamente pela liberdade e pela democracia.

Ninguém procurou deliberadamente desfigurar a nova capital. Desprezaram-na, apenas. E prédios ruins, de má arquitetura, surgiram, quebrando a unidade que pensávamos preservar (...).

Eu estava na Europa quando ocorreu o golpe de Estado. Meu escritório e a revista *Módulo* foram invadidos e vasculhados pelas forças policiais. E, quando voltei ao Brasil, no final de 1964, levaram-me, no dia seguinte, a um quartel do Exército, onde confirmei que escrevera, numa revista soviética, que apoiava Cuba, e todos os povos subdesenvolvidos da América, Ásia e África (...).

Minha vida prosseguiu sem maiores embaraços. Era o arquiteto da cidade e nela – todos sabiam – trabalhara desde os primeiros dias, honestamente, sem descanso, quase de graça (...).

A partir do governo Médici, porém, a reação resolveu me paralisar. Os problemas com o caso do aeroporto, e meu projeto foi recusado por ser circular. “A solução de um aeroporto deve ser extensível”, disse o diretor de Engenharia da Aeronáutica, brigadeiro Henrique Castro Neves. Extensível, já naquela época, era a solução superada que deveriam rejeitar. Circular, ao contrário, era a solução correta. Assim, foi construído, anos depois, em Paris, o aeroporto Charles De Gaulle, e no Brasil, pelos que me criticavam, o aeroporto do Galeão, no Rio.

Proteste, revoltado. Sem argumentos, mas com as forças do poder, a Aeronáutica colocou um cartaz na obra: “Aeroporto Militar”. E, novamente, voltei aos jornais, dizendo ser mentira, que um aeroporto militar não teria comércio, nem alfândega, nem restaurante etc (...).

E lá está, caro leitor, um aeroporto obsoleto, desarticulado, a comprometer a entrada principal da nova capital (...).

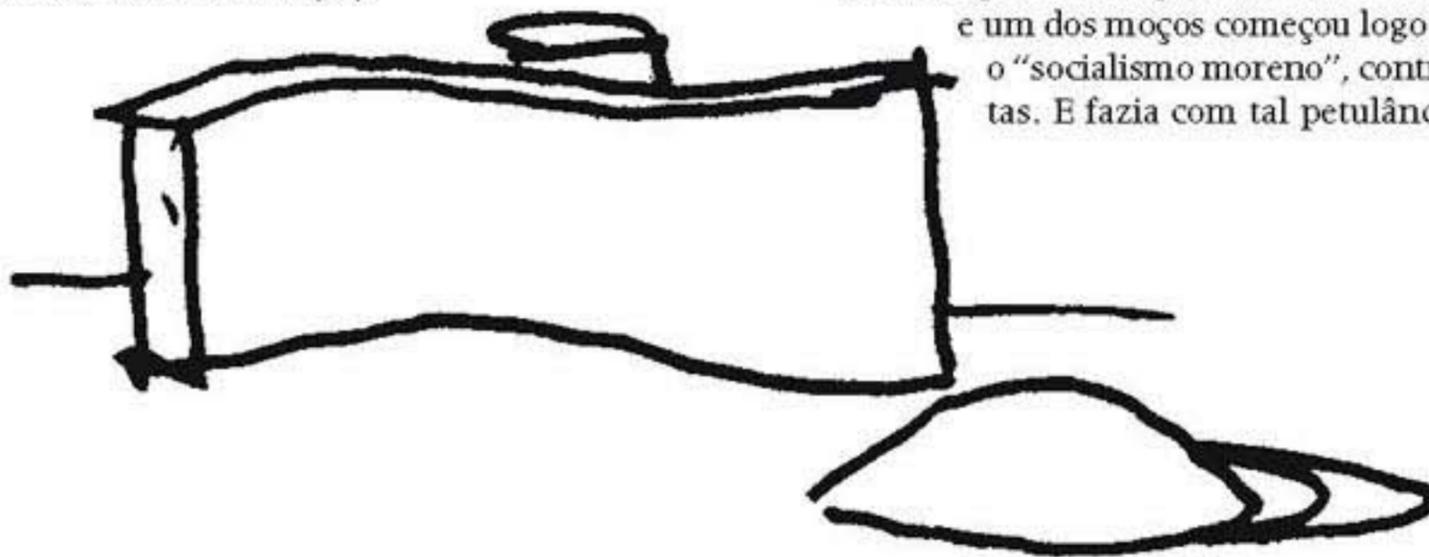
Já tinha comparecido à polícia política várias vezes. Até no tempo de JK, em plena construção de Brasília, para lá me convocaram.

E a pressão continuou. A universidade foi invadida, nossos colegas exonerados, e dela um dia, nos demitimos – cerca de 200 professores – em protesto contra tanta brutalidade (...).

E resolvi viajar para o exterior com as minhas mágoas e a minha arquitetura. Os que pretendiam me imobilizar deram-me sem querer, a maior oportunidade de minha vida: levar para o Velho Mundo o meu ofício de arquiteto, fazê-lo compreendido com suas formas mais leves e inesperadas.

Um soco num sujeito ordinário

Estava jantando no restaurante Nino's em Copacabana, quando chegaram dois casais. Gente jovem, e um dos moços começou logo a gritar contra o “socialismo moreno”, contra os comunistas. E fazia com tal petulância que parecia



a mim dirigir-se. Eu estava acompanhado. O que fazer? Já tinha 80 anos e ele, a metade da minha idade e quase dois metros de altura. Mas foi isso com certeza que me levou a reagir. Paguei a conta e, saindo da mesa como quem vai embora, fui até a porta e, daí voltando, sozinho, atravessei o salão e o agredi. Separaram. Levaram um soco e o sangue me corria pelo rosto.

No dia seguinte, meu primo Carlos Niemeyer, sem me consultar, invadiu o escritório do rapaz que, assustado, declarou que iria pedir garantias à polícia. Darcy Ribeiro se revoltou. Brizola me telefonou à noite, solidário.

Não pensava mais no assunto. Afinal meu nome não tinha sido mencionado. Sentia-me culpado, sem nenhum ódio guardado em relação ao que ocorrera. Nem mesmo compreendia como agi de forma tão impulsiva.

Dias após, conversando com no meu escritório com meu amigo João Saldanha, ele, ao ouvir a história, aconselhou: “Se for de revólver, atira para baixo, porque o tiro levanta a pontaria”.

Memorial da América Latina

Quando surgiu a idéia de se construir o Memorial da América Latina, em São Paulo, e me convidaram para projetá-lo, senti logo como seria importante para mim colaborar numa obra dessa natureza. Um apelo, uma mensagem de fé e solidariedade a todos os povos latino-americanos, convocando-os para que juntos, solidários, trocando experiências, lutassem melhor pelas reivindicações deste continente tão esquecido e ameaçado.

E lá está o Memorial já construído, todo branco, todo feito de técnica e fantasia, com suas vigas de 90 e 70 metros, suas finas e curvas placas de concreto, belo e monumental como exige a grandeza dessa iniciativa tão bem concebida por Orestes Quéricia.

Durante meses acompanhei atento sua construção. A obra me emocionava. Dera-lhe toda minha dedicação, mas alguma coisa ainda faltava, alguma coisa que me integrasse no sentido político do Memorial, para mim mais importante do que sua arquitetura.

E desenhei aquela grande mão de concreto, espalmada, com os dedos abertos em desespero, representando a América Latina, com o sangue a escorrer até o punho. Para explicar minha escultura, escrevi: “Suor, sangue e pobreza marcaram a história desta América Latina tão desarticulada e oprimida. Agora urge reajustá-la, uní-la, transformá-la num monobloco intocável, capaz de fazê-lo independente e feliz”.

E a mão foi construída com seus sete metros de

altura. Não representa uma provocação, mas uma denúncia e uma advertência. Lembra um passado de sombra e um futuro coberto de dúvidas e esperanças. E estas agora transformadas em sangue e revolta, com os Estados Unidos a invadirem o Panamá. Uma nação pequena e desprotegida, um crime deve provocar protesto de todos os países que se dizem democracias, de todos os homens que se di-

zem democratas, defensores dos povos oprimidos, da justiça e da liberdade.

Por outro lado, as razões apresentadas pelo governo dos Estados Unidos – defesa da democracia – tornaram-se ridículas ao lembrarmos como, deliberadamente, as esqueceu, ao apoiar, durante anos, as ditaduras da América Latina.

Cumpra reagir. Cumpra protestar. Cumpra não aceitar essa intervenção criminosa na nossa América Latina explorada e ofendida.

E a grande mão de concreto, que é o meu protesto antecipado, assume outra dimensão. Já não é uma simples escultura, mas um apelo para os que visitam o Memorial sentirem o drama que vivem nossos irmãos deste continente, ainda pobres, ainda subdesenvolvidos, mas já consciente dos seus direitos, das suas angústias e esperanças.

O povo e a luta pela moradia

“Às vezes, o acompanho [José Aparecido] nas suas idas às cidades-satélites e logo um grupo de moradores o cerca, aflito por velhas promessas – promessas centenárias – a implorar ajuda dos sucessivos governantes. Promessas humildes, mas fundamentais para os que lutam por subsistir, dentro dessa discriminação odiosa que o capitalismo instituiu.



Não reivindicam casa para morar, mas apenas um pedaço de terra, dessa terra que também lhes pertence e que nada representa num país imenso, um verdadeiro continente.

Passei a compreender, então, como nós arquitetos estávamos enganados quando pensávamos nos grandes complexos populares, nas casas pré-fabricadas, moduladas e econômicas, que a técnica atual oferece.

E senti dentro da realidade brasileira, que a miséria do nosso povo é maior, muito maior, tão grande que nossos irmãos mais pobres só reclamam um pequeno lote, onde possam construir seus míseros barracos (...).

“Teria vergonha se fosse um homem rico”

Duas coisas guardo com satisfação: Uma é esse desinteresse pelo dinheiro, que mantive por toda a vida; a outra, minha vontade de ajudar as pessoas, ser-lhes útil, dividir (...).

Gastei tudo, e, como ajudei muita gente, é tranquilo comigo mesmo que aceito esse retrocesso inevitável.

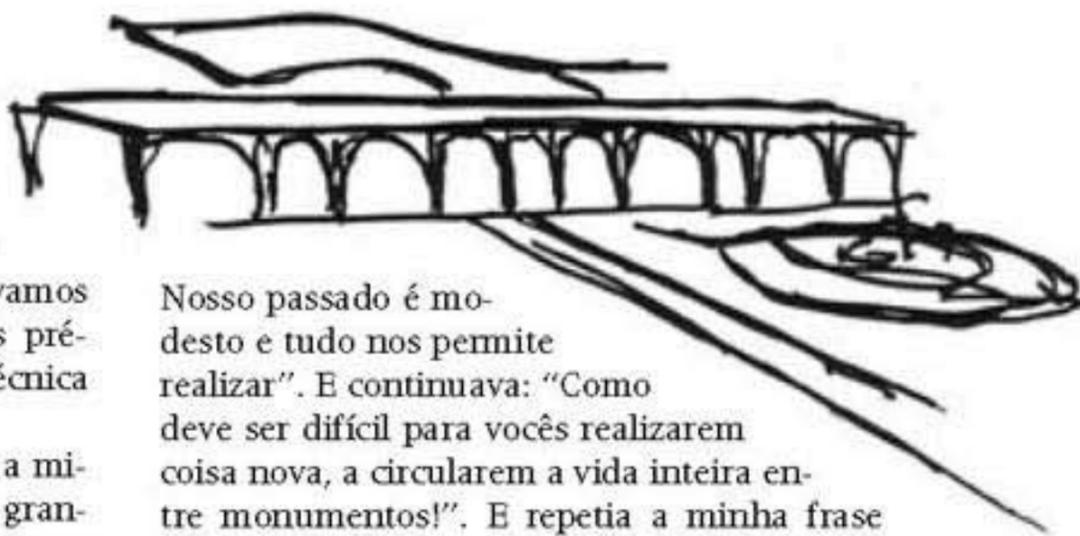
Infelizmente essa variação econômica – tempos de fartura e escassez – criou para mim compromissos inadiáveis, levando-me agora a pensar naquelas advertências que, se atendidas, tantas preocupações teriam me evitado.

Foi um vacilar de minutos. A certeza de que a todos atendi prontamente – como se o meu dinheiro também a eles pertencesse – afastou-me logo dessa espécie de autocrítica desnecessária (...).

A paixão pelo Brasil

“Brasil... Muitas vezes me senti jacobino ao defender meu país no exterior. Ao recusar as críticas, não raro justas, feitas muitas vezes num tom amigo e conselheiro. Mas, não sei por que nunca as torei. Lembro-me um dia, em Paris, da minha revolta quando alguém começou a criticar o Brasil, as despesas imensas que eram feitas, as obras gigantescas que surgiam quando a situação, diziam, exigia política mais econômica e realista. E não me contive, ponderando que tudo isso era natural – uma espécie de moléstia infantil, inevitável nos países em vias de desenvolvimento. E explicava que o Brasil era um continente. Um país jovem que tudo justifica. Uma força da natureza.

E, quando a conversa caminhava para o campo da cultura, eu explodia: “Como é fácil para nós, brasileiros, invadir o mundo da imaginação e da fantasia!



Nosso passado é modesto e tudo nos permite realizar”. E continuava: “Como deve ser difícil para vocês realizarem coisa nova, a circularem a vida inteira entre monumentos!”. E repetia a minha frase predileta: “Nossa tarefa é outra: criar hoje o passado de amanhã”.

Conclamação à juventude

(...)

Rele este texto, e me vem uma vontade de prosseguir com os meus comentários sobre os momentos difíceis que estamos vivendo no Brasil, a maneira insidiosa, mas permanente, como a reação procura desmerecer o governo atual, quando, como era esperado, tenta atender as camadas menos favorecidas ou, na política externa, recusa qualquer proposta norte-americana que comprometa a nossa soberania.

Ah, como gostaríamos de ter ao nosso lado, a lutar contra este mundo injusto em que vivemos, a juventude deste nosso país! Juntos protestando contra este quadro de violência e desigualdade social que o regime capitalista produz por toda a parte, preocupados com as ameaças que atingem o nosso país e toda a América Latina, apoiados nos exemplos heróicos de Simon Bolívar, José Martí, Luís Carlos Prestes e Fidel Castro!

Nesse dia os nossos irmãos jovens vão compreender como tudo mudou, como é justo dar à palavra pátria uma importância maior, diante deste clima de ódio e terror que o império de Bush dissemina pelo mundo.

Nossos agradecimentos à Editora Revan que gentilmente autorizou Princípios a reproduzir trechos dos livros de Oscar Niemeyer. Os inter-títulos não aspeados são da revista. O último trecho foi retirado do livro O ser e a vida (2007), os demais de As curvas do tempo (2000).

BIBLIOGRAFIA

NIEMEYER, Oscar. As curvas do tempo – memórias. Revan: São Paulo, 7ª edição, 2000.
_____. O ser e a vida. Revan: São Paulo, 2007.

Belas criaturas tornando o mu

Mais de quinhentos projetos criados, dos quais perto de duzentos espalhados por quinze países de vários continentes. No Brasil, a obra monumental de Brasília, e tantas outras em várias cidades. Segundo Darcy Ribeiro, ao longo do tempo Niemeyer foi “construindo um padrão oscárico, que hoje é um dos pendores da arquitetura mundial”.

Por sua vez, Eric Hobsbawm afirma: “impossível imaginar o Brasil do século XX sem Oscar Niemeyer. É impossível pensar na arquitetura do Século XX sem ele”.

Uma arquitetura de formas livres e leves, adversária do ângulo reto e amante das curvas. A imaginação

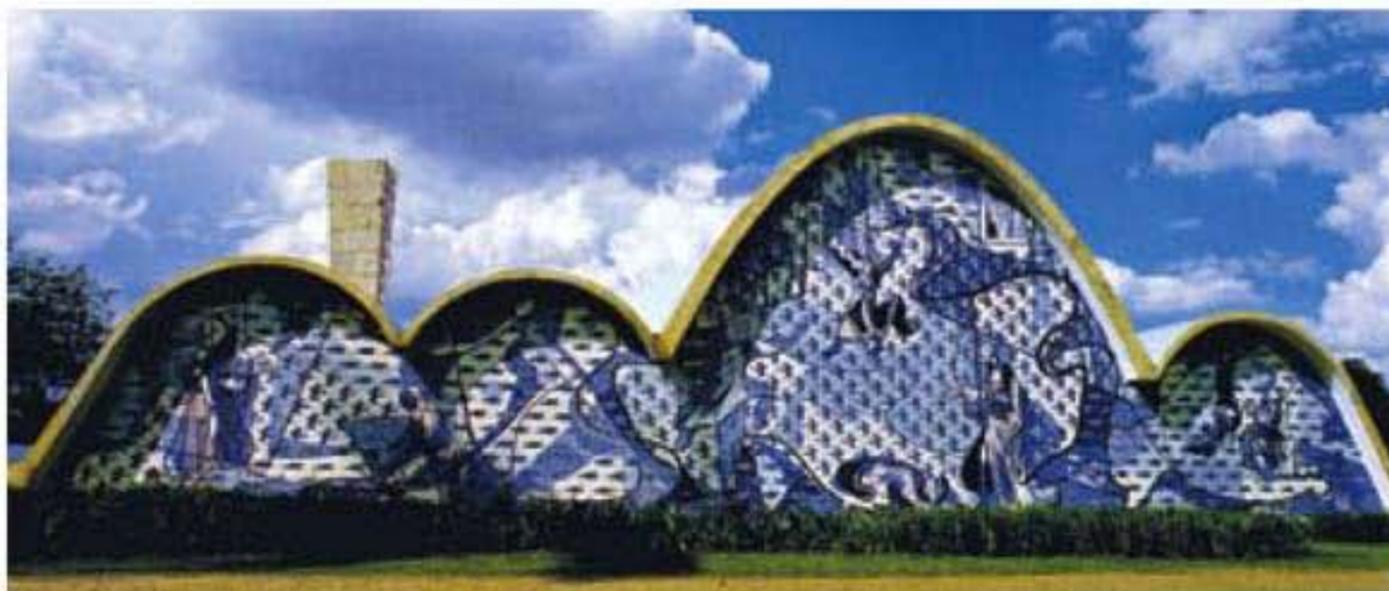


em concreto armado ndo mais bonito!

rebentando as grades da razão. Cavalos selvagens, as mãos rejeitam os caminhos sulcados e gastos pela mesmice. Em vez disso, as veredas desconhecidas a que ordena o faro da intuição!

Sua arquitetura fez brotar em concreto armado belas criaturas, tornando o mundo mais bonito. Princípios, numa seleção difícil de ser feita e que será sempre imperfeita, apresenta as fotografias de algumas obras do grande acervo criativo de Niemeyer, com pequenos textos nos quais o criador fala de suas criaturas.

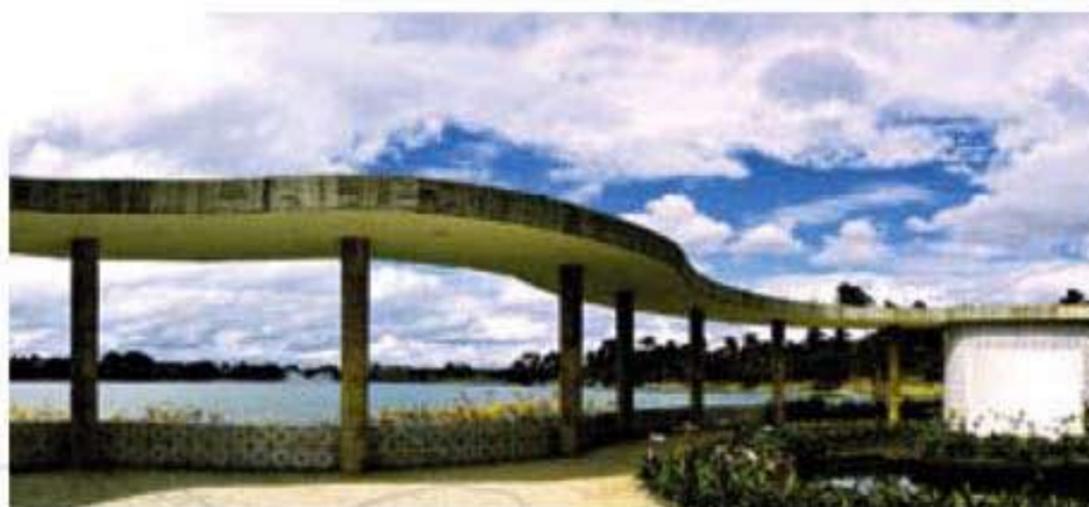




Conjunto da Pampulha

Belo Horizonte, 1940

“Na verdade era o elemento plástico da curva que me interessava. Indiferente à crítica e às insinuações dissimuladas, penetrei com toda força nesse mundo de novas formas, de lirismo e liberdade criadora que Pampulha abria à arquitetura moderna”.



Conjunto Ibirapuera

São Paulo, 1951

“O Conjunto é integrado pelos Palácios das Nações e Estados, da Indústria e das Artes. Além de um auditório em calota curva, há a imensa marquise, que se espraia entre as edificações e denota a liberdade assumida pela forma”.



Casa da Canoas

Rio de Janeiro, 1952

Por muitos anos esta foi sua própria residência e de sua família. Atualmente a Casa é um centro de referência de sua obra, aberta ao público, com uma exposição permanente dos principais trabalhos do arquiteto.

“Minha preocupação foi projetar esta residência com inteira liberdade, adaptando-a aos desníveis do terreno, sem modificá-lo. Criei-a em curvas, de modo a permitir que a vegetação penetrasse nela sem a separação ostensiva da linha reta”.



Catedral de Brasília

Brasília – DF, 1958

“Na Catedral evitei as soluções usuais das velhas catedrais escuras, lembrando o pecado. Ao contrário, fiz escura a galeria de acesso à nave, e esta toda iluminada, colorida, voltada com seus belos vitrais transparentes para espaços infinitos. Eu queria fazer uma catedral diferente. Fiz a galeria em sombra e a nave toda aberta para o espaço. E ela ficou bonita; era a procura da terra com espaços infinitos”.





Congresso Nacional

Brasília – DF, 1958

“Minha idéia era dar maior ênfase às cúpulas que hierarquicamente deviam caracterizar o Senado e a Câmara Federal, e mantendo a cobertura do prédio no nível das avenidas as deixaria soltas, mais destacadas, e a vista livre, passando entre elas a Esplanada até a Praça dos Três Poderes, na qual, visualmente o Congresso devia integra-se”.



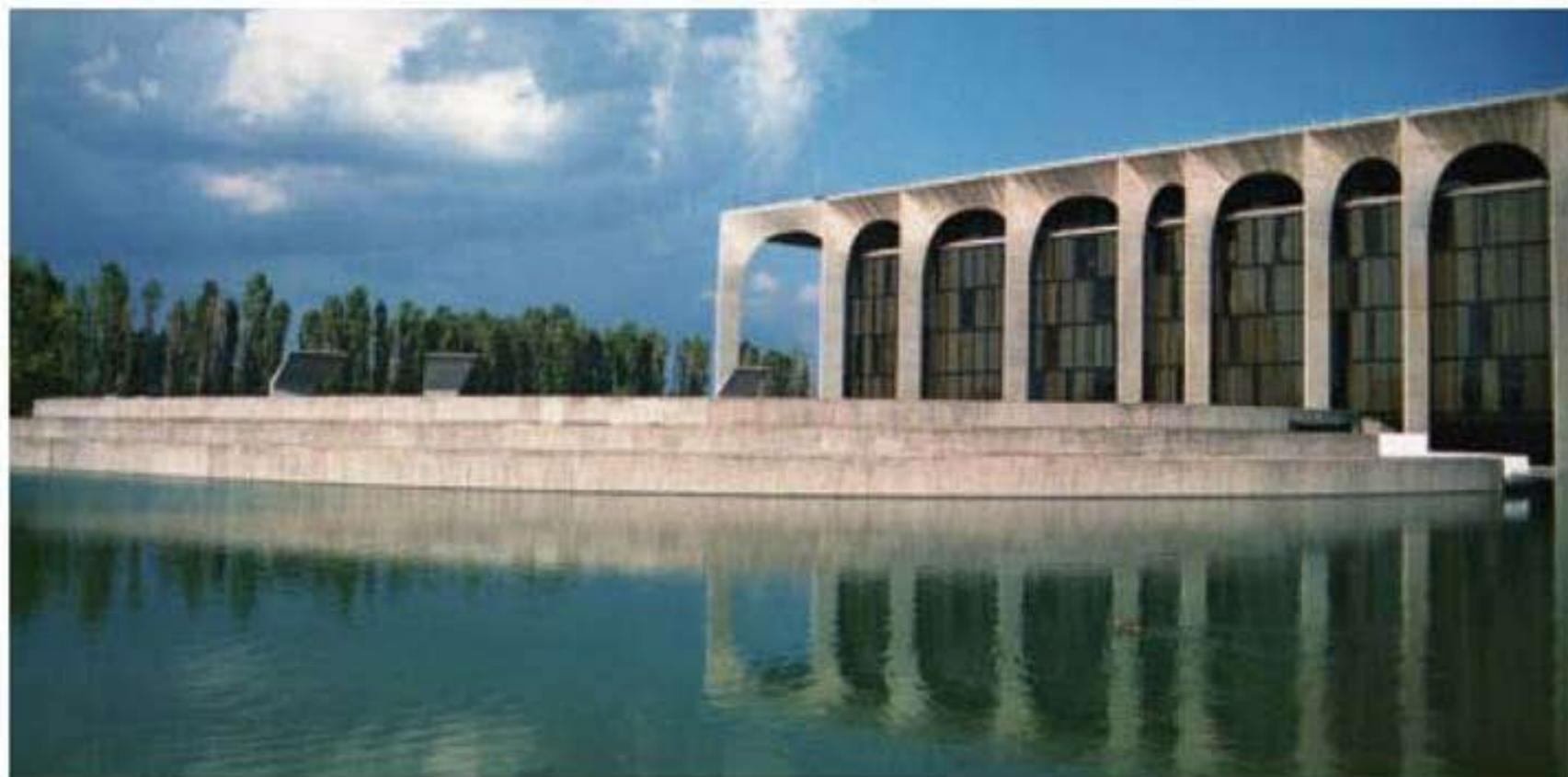
Sede do Partido

Comunista Francês

Paris – França, 1967

Localizado na Praça Colonne Fabien a Sede do Partido Comunista Francês foi uma das obras responsáveis pela projeção de Oscar Niemeyer no exterior. Na planta do prédio predominam as linhas curvas, o concreto aparente e as fachadas envidraçadas.

“Meu intuito era marcar um princípio importante da arquitetura, que nem sempre era bem entendido pela Europa”.



Editora Mondadori

Milão – Itália, 1968

“Na construção da sede da editora mostrei como é importante manter exteriormente um jogo harmonioso de volumes e espaços livres, mantendo as arcadas em vãos desiguais, no ritmo diferente – quase musical – que a caracteriza”.



Universidade de Constantine

Constantine – Argélia, 1969

“Nós instituímos na Argélia o que Darcy [Ribeiro] propunha ao Brasil há muito tempo – uma universidade mais livre, mais flexível, que pudesse acompanhar melhor as tendências dos estudantes”.

VIADUTO DO DIA

A PREFEITURA MOSTRA QUE SABE CONSTRUIR O FUTURO

QUANDO O TRABALHO É SÉRIO
O RESULTADO
APARECE





Centro Cultural Le Havre

Le Havre – França, 1972

“Não quis criar um contraste violento com a arquitetura; o local da construção correspondia a uma grande praça aberta para o mar. Quando projetei o Espaço Oscar Niemeyer, pedi que a praça fosse rebaixada quatro metros – fiz isso para protegê-la melhor dos ventos e do frio, tornando-a visível de cima pelos que passavam à sua volta. É uma característica que a faz diferente de todas as outras obras da Europa. O espanto faz parte da boa arquitetura”.

Fotos

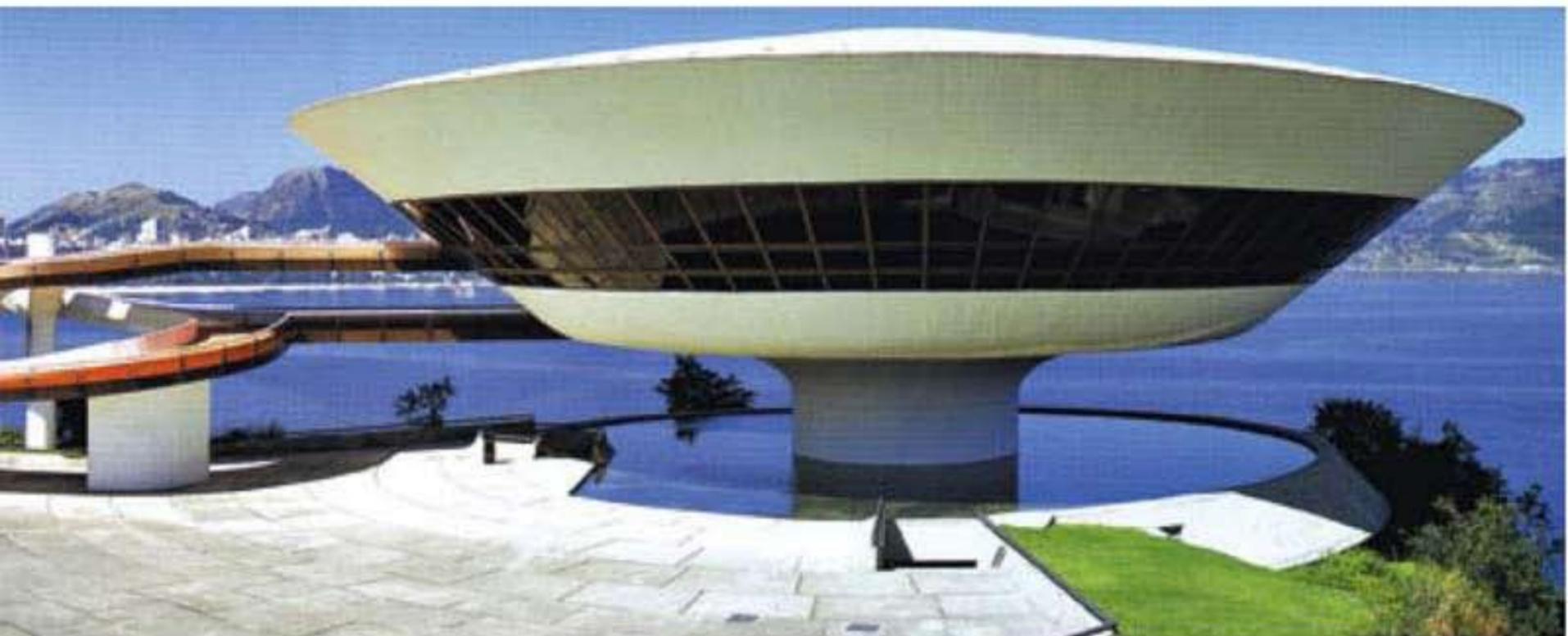
Kadu Niemeyer – Páginas 36 e 37. **Michel Moch** – Páginas 41 (*Sede do PC Francês*), 42 (*Universidade Constantin*) e 44 (*Le Havre*) **Luis Cláudio Lacerda e Rogério Randolph** – Páginas 38, 39 (*Pampulha, Ibirapuera, Canoas*), 40,41 (*Catedral de Brasília e Congresso Nacional*) 44 e 45 (*Memorial da América Latina e Museo de Arte Contemporânea de Niterói*).



Memorial da América Latina

São Paulo – 1989

“Minha preocupação foi fazê-lo tão livre e inovador que ele criaria desde a entrada a surpresa que uma obra de arte deve provocar. É uma obra cuja monumentalidade corresponde à grandeza de seus objetivos – aproximar os povos da América Latina, tão oprimida e explorada”.



Museu de Arte Contemporânea de Niterói

Niterói, 1991

No Museu de Arte Contemporânea de Niterói combinam-se a beleza natural da Baía de Guanabara, a originalidade dos traços de Niemeyer e a grandeza do acervo da Coleção João Sattamini.

“Quando comecei a desenhar este museu já tinha uma idéia a seguir. Uma forma circular e abstrata sobre a paisagem e o terreno livre de outras construções para realçá-la”.

Fontes

Oscar Niemeyer, Minha arquitetura Autor: Niemeyer, Oscar Editora REVAN LTDA

Oscar Niemeyer 360o Autor: Lacerda, Luiz Cláudio e Randolph, Rogerio Editora: Trezentos e sessenta Graus Produções

Site do filme *A Vida é um Sopro*: <http://www.avidaeumsopro.com.br/pt/home.php>

Arquitetura de Niemeyer, por Niemeyer



No livro *As curvas do tempo*, Niemeyer apresenta uma sinopse da trajetória de sua arquitetura. Desde o inaugural, com *Pampulha*, quando despreza "deliberadamente o ângulo reto, tão louvado, e a arquitetura racionalista, feita de régua e esquadro", passando pela obra monumental de Brasília, indo até os projetos realizados no exterior

Sempre acrescentei, nas minhas palestras, que não dava à arquitetura maior importância, e não havia nada de depreciativo nessas palavras. Comparava-a com outras mais ligadas à vida e ao homem, referia-me à luta política, à colaboração que todos nós devemos à sociedade, aos nossos irmãos mais desfavorecidos. O que poderia ser comparado à luta por um mundo melhor, sem classes, todos iguais?

Mesmo assim a arquitetura me ocupou demais, levando-me, como agora faço, a defender meus trabalhos, meus pontos de vista de arquiteto, a debater os problemas arquiteturais com um calor que a vida tão frágil e insignificante parece não justificar.

Sempre defendi minha arquitetura preferida: bela, leve, variada, criando surpresa. Palavras que, para alegria minha, encontrei depois num livro de Baudelaire: "*L'inattendu, l'irrégularité, la surprise et l'étonnement sont une partie essentielle et une caractéristique de la beauté*" ("O inesperado, a irregularidade, a sur-

presa e o espanto são uma parte essencial e uma característica da beleza").

Mas não vou descer a detalhes, vou apenas contar minha trajetória de arquiteto, minhas dúvidas, minhas revoltas, minha coragem profissional de fazer o que me agrada e emociona. Sem temor, indiferente a todas as regras preestabelecidas.

Em cinco momentos divido a minha arquitetura: primeiro, Pampulha; depois, de Pampulha a Brasília; depois ainda, minha atuação no exterior; e, finalmente, os últimos projetos que realizei.

Mas nunca comentei a maneira como essas diferentes fases foram influenciadas pelo que ocorria no mundo da arquitetura e o meu pensamento de arquiteto. As reações que meu trabalho provocava e a minha maneira de reagir. Hoje, revendo meus projetos, compreendo melhor por que, em todas aquelas fases, um sentimento de contestação está invariavelmente contido.

Em muitas ocasiões falei do problema da in-

formação genética e de como, a meu ver, ela atua em nossas reações, responsável que é pelas nossas qualidades e defeitos. Não devo me queixar desse ser oculto que dentro de nós existe, que a informação genética criou e tantas vezes nos domina. Mas já comentei como ele me envolve quando início um novo projeto, pegando-me pelo braço, levando-me em transe para os caminhos da fantasia, das formas novas e inusitadas, responsáveis pelo espetáculo arquitetural que preferimos.

Nem tampouco como ele participa dos meus entusiasmos e revoltas nesse longo diálogo que vamos mantendo pela vida afora, interferindo nas minhas reações e no meu trabalho, para este transferindo aqueles sentimentos, fazendo-o como que portador do meu entusiasmo ou do meu desprezo e protesto. Assim, se você examinar minha obra de arquiteto, verificará, nas diversas fases a que aludi, como nelas esse velho sócia atuou, transformando-as, por vezes, num desabafo diante dos equívocos que, a meu ver, envolviam a arquitetura.

E tudo começou quando iniciei os estudos de Pampulha – minha primeira fase –, desprezando deliberadamente o ângulo reto tão louvado e a arquitetura racionalista feita de régua e esquadro, para penetrar corajosamente nesse mundo de curvas e forma novas que o concreto armado oferece.

E foi no papel, ao desenhar esses projetos, que protestei contra essa arquitetura monótona e repetida, tão fácil de elaborar que se multiplicou rapidamente, dos Estados Unidos ao Japão.

E o fiz com a desenvoltura que meu sócia pedia, cobrindo a igreja de Pampulha de curvas variadas, e a marquise da Casa do Baile a se desenvolver, também em curvas, pela margem da pequena ilha. Era o protesto pretendido que o ambiente em que vivia exaltava com suas praias brancas, suas montanhas monumentais, suas velhas igrejas barrocas, suas belas mulheres bronzeadas.

Alguns, ainda presos às limitações funcionalistas da época, tentaram criticar Pampulha, mas se tratava de obra tão correta e criativa que justifica o comentário, já mencionado aqui, do meu colega francês, DeRoche: “Pampulha foi o grande entusiasmo da minha geração”.

Era o mundo de formas novas que se antepunha

aos equívocos de uma arquitetura que começava a se desvanecer.

De Pampulha a Brasília, minha arquitetura seguiu a mesma linha de liberdade plástica e invenção arquitetural e eu, atento à convivência de defendê-la das limitações da lógica construtiva.

Assim, se desenhava uma forma diferente, devia ter argumentos para explicá-la.

Quando projetei um bloco de curva, por exemplo, solto no terreno, junto apresentei croquis

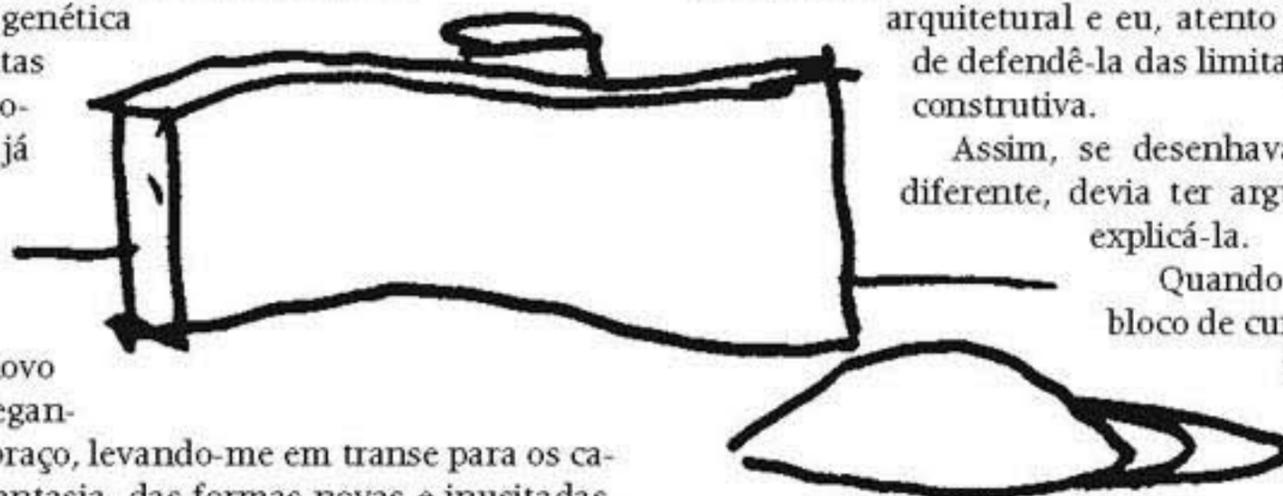
demonstrando que as curvas de nível existentes o sugeriram; quando desenhei as fachadas inclinadas, da mesma forma as expliquei como destinadas a proteger ou aproveitar a insolação encontrada; quando projetei um auditório, cuja forma poderia lembrar um mata-borrão, foi para problema de visibilidade interna que apelei; quando criei um sistema de montantes na forma de um “y”, reduzindo-os no térreo e multiplicando-os nos andares superiores, a razão que apresentei foi de economia; quando propus coberturas em curvas, com apoios inclinados nas extremidades, dei como justificativa o problema estrutural do empuxo; quando propus uma solução com curvas e retas, foi para diferenças de pé-direito que recorri.

Com isso, ia defendendo a minha arquitetura e as minhas fantasias, criando formas novas, elementos arquitetônicos que se adicionaram com o tempo ao vocabulário plástico de nossa arquitetura, com frequência usados pelos meus colegas, mas nem sempre na escala e apuro desejados.

E assim continuei, durante muitos anos, procurando a forma diferente e explicando-a depois, como convinha.

Durante esse período fiz três viagens ao exterior. A primeira, a convite do Lúcio Costa para com ele trabalhar no projeto do Pavilhão do Brasil, na Feira Internacional de Nova Iorque; a segunda, para a Venezuela, onde projetei um museu. Uma pirâmide invertida, que tinha na conformação do terreno sua explicação; a terceira, a Nova Iorque, onde participei de um concurso privado para a construção da sede da ONU, no qual meu projeto foi escolhido por unanimidade.

Confesso que, ao iniciar o meu trabalho em Brasília, já me sentia cansado de tantas explicações. Sabia ter experiência bastante para delas me libertar,



desinteressado das críticas inevitáveis que viriam suscitar meus projetos.

Como na época de Pampulha, um sentimento de protesto me possuía. Já não era a imposição do ângulo reto que me irritava, mas a preocupação obsessiva a favor da pureza arquitetônica, da lógica estrutural, da campanha sistemática contra a forma livre e criadora que me atraía, considerando-a com desprezo coisa gratuita e desnecessária. Falavam do “purismo” – da “máquina de habitar”, do “less is more”, do “funcionalismo” etc. – sem compreenderem que tudo isso se desvanecia diante da liberdade plástica que o concreto armado oferece. Era a arquitetura contemporânea a se perder nos seus repetidos cubos de vidro.

Imaginava então como, cansados de tanta repetição, seus seguidores optariam um dia por coisa diferente, desiludidos dos dogmas que tanto defendiam, convictos afinal de que a invenção deve prevalecer. E isso aconteceu agora, com eles, mais uma vez equivocados, a seguirem coniventes essa aventura do pós-modernismo, repetindo os mesmo edifícios, neles grudando antigos detalhes de uma velha e superada arquitetura. Era a “Gratuidade” que antes combatiam e agora aceitavam na sua forma mais simplória.

E lembrava como, terminada uma estrutura nada se sabia de arquitetura que a devia completar e que vinha depois como coisa secundária. Uma imposição do rigorismo técnico, um equívoco que os puristas, com suas estruturas medíocres, sempre aceitaram.

À arquitetura, antecipando-se aos problemas estruturais, caberia a meu ver essa tarefa, para, seguindo as fantasias do arquiteto e com o apuro da técnica, criar o espetáculo arquitetural que os temas atuais reclamam.

E decidi, nos palácios de Brasília essa seria a minha escolha, caracterizando-os pelas próprias estruturas, dentro das formas concebidas. Com isso, detalhes menores que compõem a arquitetura racionalista se diluiriam diante da presença dominadora das novas estruturas. Se examinarem o Congresso de Brasília ou os palácios nela realizados, verão que, terminadas suas estruturas, a arquitetura já estava presente.

E procurei especular no concreto armado, nos apoios principalmente, terminando-os em ponta, finos, finíssimos, e os palácios como que apenas tocando o chão.

Lembro com que prazer desenhei as colunas do Palácio da Alvorada, e com que prazer maior ainda as vi depois repetidas por toda parte. Era a surpresa arquitetural contrastando com a monotonia existente.

E recordo-me como com o mesmo empenho me detive diante dos Palácios do Planalto e do Supremo

na Praça dos Três Poderes. Afastando as colunas das fachadas, imaginando-me, diante da planta elaborada, a passar entre elas, procurando sentir os ângulos diferentes que poderiam provocar. E isso me levou a recusar o montante simples, funcional, que o problema estrutural exigia, preferindo, conscientemente, a forma nova desenhada, rindo com o meu sócia daquele “equívoco” que a mediocridade atuante, com prazer, descobriria.

Nada os demovia e não eram curiosos. Se o fossem, se lessem um pouco mais, como lhes teria feito bem, por exemplo, esta frase de Heidegger: “A razão é inimiga da imaginação”.

Um dia, sentado diante do Palácio dos Doges, surpreso com sua admirável leveza, encontrei naquela magnífica obra de Calendário o exemplo do que a minha arquitetura defendia. E ali mesmo, escrevi um pequeno texto, imaginando-me a conversar com o arquiteto racionalista. Diálogo simples e socrático, que gosto de mencionar e aqui vou transcrever:

- *O que você pensa deste palácio?*
- *Magnífico!*
- *E das suas colunas tão trabalhadas?*
- *Muito bonitas!*
- *Mas você, um funcionalista, não as preferiria mais simples e funcionais?*
- *É exato.*
- *Mas, se assim fosse, não existiria esse contraste esplêndido entre as colunas cheias de arabescos e a parede lisa que suportam.*
- *É verdade.*
- *Então você tem de concordar que quando uma forma cria beleza, tem na beleza sua própria justificativa.*

Meus projetos em Brasília continuaram a correr. O teatro, por exemplo, concebido em três dias, durante um carnaval.

Nunca reclamei. Se faltava tempo para pensar um pouco, tempo também faltava para as modificações indesejáveis.

A procura da solução diferente me dominava. Na catedral, por exemplo, evitei soluções usuais, as velhas catedrais escuras, lembrando pecado. E, ao contrário, fiz escura a galeria de acesso à nave e esta, toda iluminada, colorida, voltada com seus belos vitrais transparentes para os espaços infinitos.

Dos padres sempre tive compreensão e apoio, inclusive do Núncio Apostólico que, ao visitá-la, não conteve seu entusiasmo: “Esse arquiteto deve ser um santo para imaginar tão bem essa ligação esplêndida da nave com os céus e o Senhor”.



OLINDA. Há 25 anos, Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade. Hoje, um Patrimônio do povo.



Um patrimônio com 472 anos de vida, história, lutas e conquistas.

Um patrimônio que, em 2006, tornou-se a Primeira Capital Brasileira da Cultura.

Um patrimônio que, a cada dia, nós cuidamos com carinho, transparência, responsabilidade.

Ouvindo as ruas. Ouvindo as ladeiras. Ouvindo os cantos de Olinda. Ouvindo o povo.

Este, sim, o maior, mais rico e mais importante patrimônio da nossa Marim dos Caetés.



OLINDA
Patrimônio da Humanidade



**PREFEITURA
POPULAR**

Com a mesma preocupação de invenção arquitetural concebi os demais edifícios. O Congresso a exibir seus setores hierarquicamente principais nas grandes cúpulas contrastantes; o Ministério da Justiça a jorrar água, como um milagre, pela fachada de vidro; e o Panteão a enriquecer como um pássaro branco a Praça dos Três Poderes. Somente no Ministério do Exterior agi, diferente, desejoso de demonstrar como é fácil agradar a todos com uma solução correta, generosa mas corriqueira, dispensando maior compreensão e sensibilidade.

Agora, quando visito Brasília, sinto que o nosso esforço não foi à toa, que Brasília marcou um período heróico de trabalho e otimismo; que a minha arquitetura reflete bem o meu estado de espírito e a coragem de nela exibir o que intimamente mais me comovia. E, ainda, que ao elaborá-la soube respeitar o Plano Piloto de Lúcio Costa nos volumes e espaços livres, nas suas características tão bem concebidas de cidade acolhedora e monumental.

Durante 20 anos a ditadura militar ocupou nosso país. Ninguém se preocupou em desmerecer Brasília, mas um desinteresse, um desamor permanentes permitiram que muita coisa fosse desvirtuada. Refiro-me principalmente aos edifícios medíocres nela construídos, quebrando a unidade urbana pretendida.

Não tive alternativa senão ir para o exterior. Lá estão algumas das melhores obras que projetei. A sede do Partido Comunista Francês, a Bolsa de Trabalho em Bobigny, o Espaço Oscar Niemeyer, no Havre, a sede Fata, em Turim, a Mondadori, em Milão, as universidades de Constantine e Argel, na Argélia.

Nessa fase, a quinta da minha obra de arquiteto, prevaleceu o propósito de levar comigo não apenas a liberdade plástica da minha arquitetura, mas o progresso da engenharia do meu país. E procurei com carinho as soluções que cada projeto exigia, desejoso de definir com clareza meu trabalho de arquiteto.

Na sede do Partido Comunista Francês mostrei como é importante manter exteriormente um jogo harmonioso de volumes e espaços livres, o que explica ter localizado o grande hall da classe operária em subsolo; na Bolsa de Trabalho, como é possível fazer obra econômica, dando ao bloco principal maior economia, mas enriquecendo-o pelo contraste com as formas livres do auditório; no Espaço Oscar Niemeyer, no Havre, rebaixando a praça para protegê-la do frio e dos ventos permanentes no local, solução como outra não existe na Europa, criando nos edifícios superfícies curvas, suaves, cegas, quase abstratas. Obra que mereceu de Zevi, no Congresso do Cairo, este elogio inesperado: "Coloco a Praça do Havre entre as 10 me-

lhores obras da arquitetura contemporânea". Na sede Fata, suspendendo os cinco pavimentos nas vigas de cobertura, solução estrutural interessante que Massino Morandi, que a calculou, assim definiu: "Pela primeira vez deram-me a possibilidade de mostrar o que conheço do concreto armado". Na sede Mondadori, mantendo as arcadas em vãos desiguais, no ritmo diferente, quase musical que a caracteriza; na Argélia, os grandes espaços livres vãos de 50 metros, balanços de 25, uma arquitetura tão imponente que nela desaparecem as deficiências da mão-de-obra local.

Agora, em São Paulo, no Memorial da América Latina, minha arquitetura segue de forma mais radical o avanço da técnica construtiva. Nada de detalhes menores, apenas vigas de 70 a 90 metros e as cascas curvas. São os grandes espaços livres que o tema estabelecia. Uma obra cuja monumentalidade corresponde à grandeza dos seus objetivos. Aproximar os povos da América Latina tão oprimida e explorada.

Poucos projetos de caráter social realizei e confesso que, ao fazê-lo, sempre me senti como que conivente com o objetivo demagógico e paternalista que representam: enganar a classe operária que reclama melhores salários e as mesmas oportunidades.

Sempre recusei esse equívoco, essa idéia medíocre dos que insistem uma arquitetura "mais simples, mais ligado ao povo". Quando realizamos os CIEP's, sentimos com satisfação como as crianças pobres gostavam de freqüentá-los, como se isso lhes desse a esperança de que um dia poderiam usufruir o que até hoje só aos mais ricos é permitido. Para mim essa idéia da simplicidade arquitetural é pura demagogia, discriminação inaceitável e, às vezes, uma timidez que só falta de talento pode explicar.

Por outro lado, a monumentalidade nunca me atemorizou quando um tema mais forte a justifica. Afinal, o que ficou da arquitetura foram as obras monumentais, as que marcam o tempo e a evolução da técnica. As que, justas ou não, sob ponto de vista social, ainda nos comovem. É a beleza a se impor na sensibilidade do homem.

Ah!, como foram grandes os velhos mestres, os que criaram as cúpulas imensas, as voutes extraordinárias, as velhas catedrais!

Eis o que lhes devia dizer sobre a minha arquitetura feita de coragem e idealismo, mas consciente de que o importante é a vida, os amigos, e este mundo injusto que precisamos melhorar.

NIEMEYER, Oscar. As curvas do tempo – memórias. Páginas 265-276 - Revan: São Paulo, 7ª edição, 2000.

Um modernismo tropical, sensual e brasileiro

CAROLINA RUY



*Para além da influência
técnica e teórica da
arquitetura orgânica do
pós-guerra, Niemeyer soube
extrair da paisagem e do
modo de vida brasileiro
um estilo próprio que se
tornou referência universal
para a arquitetura e
para o pensamento
contemporâneo*

A arquitetura orgânica de “formas livres” que se contrapôs ao Estilo Internacional (International style – conceito criado pelo crítico Henry Russell Hitchcock na década de 1930, que traduz um conjunto de vertentes essencialmente européias e coloca que os preceitos da arquitetura moderna seguiam uma linha única e coesa) surgiu na década de 1940, pós-II Guerra, como desdobramento da arquitetura moderna.

Marcaram essa época os arquitetos Frank Lloyd Wright, estadunidense considerado como figura-chave da arquitetura orgânica; o finlandês Eero Saarinen, que desenvolveu uma linha de móveis vanguardistas; e Charles-Edouard Jeanneret-Gris, mais conhecido pelo pseudônimo de Le Corbusier, arquiteto, urbanista e pintor suíço considerado um dos mais importantes arquitetos do século XX.

Este último, fortemente impressionado pela América do Sul que visitou na ocasião em que elaborou projetos como a Ville Radieuse, de 1929, numa tentativa de remodelar o centro de Paris para o qual passou a adotar um estilo mais tropical em suas obras.

Ao conhecer o Rio de Janeiro vislumbrou, por exemplo – devido à disposição da cidade, entre o mar e o relevo escarpado de origem vulcânica –, a idéia de uma cidade-viaduto (cidade linear). As experiências de Le Corbusier na América do Sul mudaram profundamente sua sensibilidade artística.

Segundo David Underwood:

“(...) ao tentar livrar-se do imperialismo cultural do passado, e especialmente da hegemonia cultural francesa do século XIX, os arquitetos e patronos brasileiros se voltaram a um estrangeiro, re-avaliando a própria herança cultural como fonte de formas e sentidos. Le Corbusier, contrariando esta tendência, já se interessava pela imagem do Brasil, tanto em sua herança colonial, quanto em relação ao meio físico. Assim como Lucio Costa ele buscava um estilo autêntico brasileiro no processo de modernização artística do país, que se inaugurou em 1930 com a Era Vargas”.

A influência de Le Corbusier entre os arquitetos brasileiros modernos ficou clara na construção do edifício do Ministério da Educação e Saúde (atual Palácio Gustavo Capanema), entre 1936 e 1945, no Rio de Janeiro.

A idéia de construir aquele prédio vinha desde o início da década de 1930. O projeto feito na ocasião,

por uma equipe liderada por um arquiteto chamado Arquimedes Memória. Era arquitetonicamente muito conservador, diz José Maria Cançado, de *Os sapatos de Orfeu*, uma biografia do poeta Carlos Drummond de Andrade. O poeta, que era alto funcionário do Ministério da Educação e Cultura e um expoente do movimento modernista, chamou a atenção do Ministro Gustavo Capanema sobre a monstruosidade do edifício que seria construído que, em consequência, anulou concurso anterior e entregou o trabalho para dois jovens arquitetos, Oscar Niemeyer e Lúcio Costa. A resistência da direita foi grande, e o arquiteto Memória escreveu uma carta para o presidente da República, Getúlio Vargas, denunciando a existência de uma “célula comunista de modernistas” no ministério. Não deu certo, e o prédio construído – inaugurado em 1944 – tornou-se um marco do modernismo e da arquitetura brasileira.

O edifício foi elaborado, afinal, por um grupo de arquitetos liderado por Lucio Costa, do qual participaram Affonso Eduardo Reidy, Carlos Leão e Jorge Moreira, Ernani Vasconcellos e Oscar Niemeyer, todos afinados com as linhas-mestras do racionalismo arquitetônico e conhecedores da obra de Le Corbusier. O projeto realizado para o edifício refletiu a tentativa do grupo brasileiro de incorporar os preceitos racionais da arquitetura corbusiana: a adoção de formas simples e geométricas, o térreo com pilotis, os terraços-jardim, a fachada envidraçada, as aberturas horizontais, a integração dos espaços interno e externo, o aproveitamento da ventilação e luz naturais por meio do uso de lâminas móveis e o trabalho com volumes puros, a partir do cruzamento de um corpo horizontal e de um vertical, dando à construção o dinamismo e a leveza do conjunto, além de reforçar a integração entre arquitetura, paisagismo e artes plásticas.

A primeira idéia que Niemeyer fez da arquitetura está claramente fundamentada na definição acadêmica da arquitetura como uma arte, concebida independentemente de considerações técnicas e sociais. Contudo, a evolução de seu pensamento contou com a decisiva influência de indivíduos pioneiros que foram além dos limites da instrução formal, sobretudo de Lucio Costa e Le Corbusier.

Para Ferreira Gullar, não há dúvida de que a arquitetura de Niemeyer nasce da arquitetura do Le Corbusier, em seus elementos básicos. Mas, para o poeta, aquele, logo que aprende a lição, questiona e reinventa os dados fundamentais de seu mestre, chegando posteriormente a influenciá-lo.

A evolução de seu traço que exalta a plasticidade inerente da curva nativa ante a rígida postura retilínea do Estilo Internacional consolidou o estilo

distintamente brasileiro de Oscar Niemeyer. Segundo Underwood, foi ele quem deu o passo inicial no desenvolvimento do modernismo “plasticamente livre”, resultando, ao longo da evolução de sua obra, em uma arquitetura de inquestionável teor surrealista.

“A arquitetura de Brasília está enraizada em um projeto fundamentalmente surrealista: a tentativa de pôr em questão os objetos e as convenções do cotidiano e do lugar-comum por meio da deliberada justaposição desses objetos e convenções ao extraordinário e o maravilhoso. O complexo futurista do Congresso Nacional, com suas fantásticas inversões formais de figuras côncavas, convexas e retilíneas, extrai desse modo seu significado da comparação inevitável de suas ousadas formas com as lajes mundanas do Estilo Internacional dos prédios dos ministérios, que se alinham ao longo do eixo monumental. No entanto, os edifícios mais importantes em meio às funções ministeriais – Ministério da Justiça e Ministério das Relações Exteriores – retomam o tema clássico dos palácios – o que dignifica suas funções e faz com que sobressaiam na hierarquia de formas de Brasília”.

Niemeyer desenvolveu um estilo plasticamente livre e ricamente escultural, que explorava a composição e as implicações poéticas do ambiente tropical.

Tendo amadurecido como arquiteto Niemeyer rejeitou o lado racional de Le Corbusier em nome de um lado mais poético e emotivo, próximo do espírito brasileiro. Sua filosofia artística expõe, mais que Le Corbusier, as virtudes da natureza sobre a engenharia e a máquina, ressaltando, como afirma Underwood, as “lições do Rio”, em detrimento das “lições de Roma”. Logo depois dos primeiros trabalhos com Le Corbusier, Niemeyer se afastou do sistema formal e teórico corbusiano, negando a racionalidade dos cinco pontos básicos – pilotis, plantas livre, fachada livre, pano de vidro, terraço-jardim – para desenvolver o lado de maior apelo sensorial adequando-o ao cenário brasileiro em um contínuo diálogo com a topografia natural do Brasil.

Enquanto o racionalismo europeu buscou, em geral, a distância mais curta entre dois pontos – a linha reta – o Brasil e Niemeyer escolheram um caminho mais cenográfico. A sua arquitetura reflete o jeito brasileiro de agir por meandros, bem como o

estilo sinuoso e sensual e o modo não premeditado de lidar com a vida.

Com o pensamento livre da repressão religiosa, Niemeyer se inspira nas formas sensuais do corpo feminino e na paisagem natural do Rio de Janeiro. Essa visão fica clara em seu próprio depoimento:

“a arquitetura é meu hobby permanente mas acho que o homem nasceu para reproduzir, como os outros animais da terra. E é por isso que a mulher é seu objetivo principal. Ela é parte da minha vida e parte da minha arquitetura”.

Underwood descreve o estilo de arquitetura de Niemeyer como uma vigorosa celebração do tropical e do erótico, das paisagens mágicas e do sensual modo de vida do Rio de Janeiro. Para ele, a arquitetura de Niemeyer reflete a

“múltipla dicotomia da experiência brasileira”, projetando uma universalidade emotiva que poucos arquitetos puderam emitir. A liberdade de expressão, a ousadia e o apelo sensorial de suas obras confrontam-se com a arquitetura colonial e com a cultura do catolicismo, sendo esta uma das dicotomias de Niemeyer.

Isso não significa, entretanto, um desmerecimento da arquitetura portuguesa. O Grande Hotel de Ouro Preto, por exemplo, criado no início da década de 1940, em vez de manter a uniformidade das fachadas, contrasta com a paisagem típica colonial da cidade. Nas palavras do próprio Niemeyer: “a técnica de defender os monumentos não é copiar, é fazer o contraste. Todo mundo gosta da arquitetura colonial. Mas a gente sabe perfeitamente que ela é mais portuguesa que brasileira. Eu quando vou a Europa e passo por uma cidade antiga eu me sinto melhor. Passar por Portugal, naquelas velhas aldeias portuguesas, a gente parece estar no Brasil. Eu me lembro que na Europa, às vezes eles diziam: O passado arquitetônico de vocês é pobre, é mais português do que brasileiro. E eu dizia: isso é muito bom para nós, porque vocês vivem circulando entre monumentos, e nós estamos livres pra fazer hoje o passado de amanhã”.

A sua arquitetura reflete o jeito brasileiro de agir por meandros, bem como o estilo sinuoso e sensual e o modo não premeditado de lidar com a vida

Carolina Ruy é Secretária de Redação (interina) de Princípios

Entrevista com José Magalhães Júnior

Desafio contemporâneo da arquitetura: a relação entre o público e o privado

POR CAROLINA RUY

Considerada uma das maiores mostras de arquitetura a Bienal Internacional de Arquitetura (BIA) de São Paulo (que teve a 7ª edição entre novembro e dezembro na Fundação Bienal de São Paulo, no Parque do Ibirapuera, em São Paulo), colocou a arquitetura frente a frente com seu maior desafio contemporâneo: a relação entre o público e o privado. Para o arquiteto e curador da 7ª BIA, José Magalhães Júnior, está colocada para os arquitetos a necessidade de um debate sobre sociologia, cultura e economia. Levantar o tema da moradia, segundo ele, incentiva a elaboração de políticas de desenvolvimento urbano no Brasil. “Projetos urbanos são necessários para se estabelecer a relação entre o público e o privado”, destaca o coordenador da 7ª BIA.

Princípios – Como foi a escolha deste tema para a Bienal de arquitetura?

Magalhães – A escolha do tema “relação entre o público e o privado” para a 7ª BIA (Bienal Internacional de Arquitetura) de São Paulo se deu a partir da idéia de se discutir todas as relações que permeiam esses dois pólos, o público e o privado.

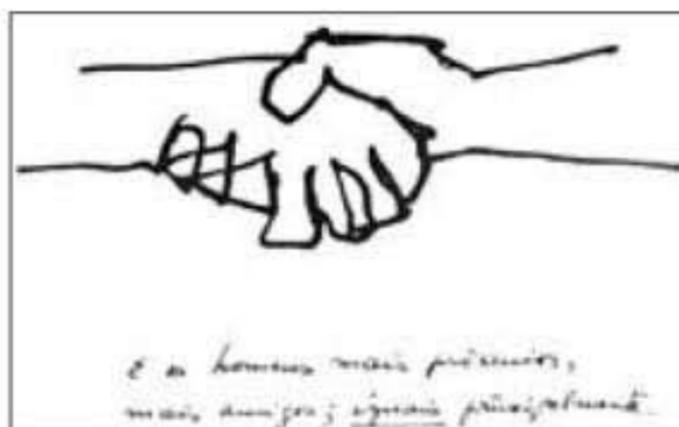
Para debater a relação entre o público e o privado no Brasil é importante buscarmos as raízes da Constituição de 1988, ainda vigente, chamada por Ulysses Guimarães de Constituição cidadã. Ela aborda o interesse público e também estabelece o direito à propriedade privada, colocando limites a estes direitos. Evidentemente, para se fazer planejamentos e projetos urbanos deve-se lidar com a matéria-prima do planejamento que é a terra, e se esta terra é totalmente privada torna-se muito complicado fazer qualquer intervenção.

O Estado possui algumas parcelas do território, mas além de haver poucos territórios públicos ou estatais, estão diminuindo. A Constituição, ao estabelecer limites, determina o que chamei de interesse público. Desta forma, temos a chamada função social da propriedade. É necessário que determinadas propriedades, por sua situação ou tamanho, respondam ao interesse público. Numa propriedade com áreas ambientais importantes em seu interior para o equilíbrio ecológico – como florestas, rios – é fundamental a existência nessas áreas de um equilíbrio com esse espaço sob domínio do proprietário. E essa condição é defendida constitucionalmente de forma muito clara. Para fazer planejamento urbano é necessário que se possa jogar com essas duas situações e, na medida do possível, encontrar um ponto de equilíbrio entre elas. Para isso a Constituição previa – e foi instituído – o chamado Estatuto da Cidade, que coloca todas essas questões de que tratei de uma forma ordenada, e estabelece princípios e instrumentos para que se possa fazer política urbana.

Nesse contexto todo, gostaríamos de discutir na Bienal de arquitetura essas questões de uma forma ampla. De um lado, trabalhar com aspectos que dizem respeito a nossa vida cotidiana do cidadão: uma calçada bem feita e bem dimensionada, por exemplo, pode ser um elemento de qualificação para a cidade – isso faz parte desse chamado espaço público. Estamos discutindo aqui a importância e a falta desses espaços. Para isso foram montados diversos

segmentos de exposição que procuram contemplar as peculiaridades da questão além do que os trabalhos dos arquitetos pelo mundo afora. Os arquitetos brasileiros que estão expondo aqui vieram de todas as partes do Brasil. Em cada uma delas a arquitetura assume um estilo que deve combinar com o local, o clima, a cultura, o folclore de cada lugar etc. Queremos mostrar a diversidade de atuação do arquiteto.

Estamos fazendo duas homenagens: uma a Paulo Mendes da Rocha, ganhador do Prêmio Pritzker de 2006; e outra, chegando então ao objeto maior de nossa intenção, a obra de Oscar Niemeyer, representada por duas exposições: uma na marquise e outra na parte interna do pavilhão.



Desenho de Niemeyer

Princípios – Para você, as pessoas utilizam o espaço público, como praças e parques etc?

Magalhães – Todos nós que vivemos em cidades sabemos que passamos por um momento em que as questões voltadas à segurança estão na pauta das

preocupações. Ao andar de automóvel as pessoas se fecham totalmente, ao colocarem vidros escuros de forma a se isolar o máximo possível buscando a sensação de segurança. No entanto, para mim, dentro do automóvel numa via, cada um deve se sentir muito sozinho, porque não se comunica nem do ponto de vista visual.

Por outro lado, o espaço público – por exemplo, as calçadas onde podemos andar a pé e encontrar pessoas – não é tratado devidamente, tomando-se espaço que chega a ser desagradável para convivência. Muitas barreiras arquitetônicas nos espaços públicos limitam a possibilidade do ir e vir. Além disso, as praças públicas e os parques encontram-se geralmente cercados por grades. Lembro-me que no Parque do Ibirapuera podia-se percorrer a partir da Avenida República do Líbano, andar protegido por uma marquise desenhada com uma simplicidade muito grande, mas generosa, entrar no Parque e chegar ao outro lado dele atravessando-o. Hoje, não, para entrar no Ibirapuera é preciso passar por alguns dos seus portões, que são controlados e ficam abertos durante o dia.

Esses limites estão permeados por essas circunstâncias impostas pela sociedade atual. Existe um exagero e um apelo a tais aspectos de segurança. Certas áreas da cidade não são tão inseguras assim, apesar de se alardear o contrário. As áreas consideradas mais seguras, que dão uma sensação de confort

to, são aquelas onde há uma densidade razoável de população que vive, trabalha e circula – como o centro da cidade de São Paulo, na maior parte do dia.

Segundo o arquiteto Edgard Graeff, um mestre nosso – que morreu há muitos anos –, o espaço urbano é o espaço da solidariedade, o lugar em que você pode encontrar seus próximos. É o que deveria ser. O que se procura é reafirmar a necessidade de espaços urbanos generosos. Por outro lado, assistimos ao “engradamento” de parques e edifícios.

O que temos que fazer? É a pergunta para que possamos resgatar a melhoria do espaço urbano. No meu ponto de vista, a resposta é estabelecer projetos urbanos por partes da cidade que possam contemplar uma série de condicionantes. Por exemplo, se existe um centro para o qual possa ser levado o maior número de habitantes começa a haver a necessidade de uma série de outros equipamentos para complementar essa vida urbana: o pequeno comércio, a farmácia, escolas, postos de saúde etc. Este conjunto de equipamentos faz desse centro um lugar urbano com qualidade para se viver.

Essa é a condição que me parece importante hoje em dia. Contudo, existem certas áreas da cidade, verdadeiras cidades marginais com ocupações irregulares e o predomínio da economia informal. A cada dia observamos que a incorporação efetiva desses lugares às regiões melhor estruturadas se faz necessária.

Houve uma expansão muito grande, são áreas extremamente consolidadas, não dá para reverter. É necessário equipar a população e os lugares. Muitas vezes essa ação significa intervir no lugar já feito, que necessita de melhoria. Hoje, assistimos na periferia a uma produção de habitações com um nível de construção até muito bom. Aqueles operários que durante a semana constroem as outras estruturas da cidade, os grandes edifícios, e em mutirão, no fim de semana fazem sua própria casa. Existe muita criatividade neste processo. Aí há um fenômeno – muito discutido por nós – que é a laje, por exemplo, feita de concreto armado. Ela se transforma, por falta de outro local, em espaço de convivência. Usa-se como área de serviço, como espaço para criança brincar e no fim de semana vira o espaço do churrasco, do lazer.

Por outro lado, algumas áreas têm de ser removidas mesmo. As ocupações em áreas totalmente instáveis, à margem de córregos, sujeitas à inundação etc. Então, há necessidade de projetos levando em consideração as áreas que devem ser desabrigadas. Claro, há planejamento urbano, mas essas coisas precisam de uma intervenção mais efetiva. Há muito trabalho pela frente. Por isso, na verdade, esse tipo de cidade e de ocupação é um desafio para nós. Os arquitetos têm de entrar nesse traba-

lho com muita força, voltando seu trabalho cada dia mais para essa chamada cidade informal.

Princípios – *A arquitetura pode associar a técnica à ação social? O uso do concreto armado, na arquitetura, por exemplo, permite a construção de espaços amplos com materiais simples?*

Magalhães – No Brasil temos a tradição de uso desse material, facilmente manipulável. Na medida em que estiver corretamente dimensionado ele pode ser usado por operários sem grande qualificação.

Claro, a obra do Niemeyer está calcada em cima de toda essa situação. Foi possível construir desde Pampulha a Brasília até obras mais novas dele, a partir desse material. O concreto armado permite liberdade de criação, permite vencer vãos de apoios, dar expressividade às edificações, porque ser extremamente moldável. A técnica de execução do concreto armado pode ser considerada democrática. Entretanto, com o advento da indústria metalúrgica as estruturas metálicas estão a cada dia chegando a um patamar de possibilidade de utilização versátil sem ser um material caro. Pode-se combinar os dois materiais: a estrutura metálica e o concreto. Essas técnicas dependem do que se pretende fazer.

Princípios – *No seu ponto de vista, qual a maior contribuição do arquiteto Oscar Niemeyer não só para a arquitetura, mas para a sociedade?*

Magalhães – Ao fazer suas obras, públicas ou privadas, Niemeyer sempre encontra uma forma de tal edifício dialogar de uma maneira democrática com o entorno, dando as condições de usufruir dos edifícios com liberdade. Em alguns deles, ele trabalha com térreos abertos, como linguagem de liberar as massas arquiteturais do solo e liberar o solo para outros usos – da convivência, da possibilidade do encontro e do diálogo –, que seria o espaço da solidariedade. Esse traço está presente em toda a obra de Oscar Niemeyer, desde as primeiras nos edifícios construídos no Parque da Pampulha, passando por Brasília, em todas as obras que ele fez fora do país em função do auto-exílio a que foi submetido, no Memorial da América Latina, até seus projetos atuais.

Nós temos, na referência do Oscar Niemeyer, uma série de pressupostos que fazem parte dessa linguagem da arquitetura contemporânea. Ele coloca sempre a beleza de forma com que a arquitetura possa emocionar, e ao mesmo tempo signifique a possibilidade de diálogo entre todos nós.

Ano nacional Oscar Niemeyer

INÁCIO ARRUDA



No Brasil e no exterior foram realizadas muitas homenagens ao centenário de Niemeyer. Em nosso país várias instituições da República, universidades, entidades e movimentos representativos dos

arquitetos, como a Bienal de Arquitetura, entre outros, celebraram o aniversário. O presidente Lula e o ministro da Cultura, Gilberto Gil, condecoraram-no com a Ordem do Mérito Cultural. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) decidiu pelo tombamento de 35 monumentos de Niemeyer. Por iniciativa do senador Inácio Arruda, PCdoB/CE, o Congresso Nacional aprovou a lei que institui 2007 como o "Ano Oscar Niemeyer" e programou uma sessão especial do Senado em homenagem ao arquiteto.

Publicamos o texto do senador Inácio Arruda que apresenta as razões de sua iniciativa.

O arquiteto e comunista Oscar Niemeyer é uma das mais expressivas personalidades brasileiras do século XX e rompe o século XXI na qualidade de protagonista de um fato raro: completa cem anos de uma existência fértil em realizações no dia 15 de dezembro de 2007.

Oscar Niemeyer Soares Filho nasceu no dia 15 de dezembro de 1907 no Rio de Janeiro, no bairro de Laranjeiras, na Rua Passos Manuel – que posteriormente recebeu o nome de seu avô: Ribeiro de Almeida, à época ministro do Supremo Tribunal Federal.

Aos quinze anos, em 1922, matriculou-se no Colégio dos Barnabitas Santo Antônio Maria Zaccaria, onde concluiu, em 1928, o curso secundário, casando-se em seguida com Armita Baldo.

Em 1929, ingressou na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, formando-se engenheiro e arquiteto em 1934. No ano seguinte, durante a efervescência política da Aliança Nacional Libertadora (ANL) e do Levante de 1935, iniciou sua vida profissional no escritório de Lúcio Costa e Carlos Leão, onde conheceu Le Corbusier e Gustavo Capanema – do qual se aproximou com intensidade chegando a participar da equipe do projeto do Ministério da Educação e Saúde.

Em 1938 realizou seu primeiro trabalho individual: o edifício da Associação Beneficente Obra do Berço, no Rio de Janeiro. Em 1939, projetou em parceria com Lúcio Costa o Pavilhão do Brasil na Feira Mundial de Nova Iorque, onde recebeu a Medalha da Cidade. Pela via do seu relacionamento com Gustavo Capanema, conheceu, em 1940, Juscelino Kubitschek, então prefeito de Belo Horizonte, projetando a seu convite o conjunto da Pampulha.

Em 1945 ingressou no Partido Comunista do Brasil, com o qual já contribuía como simpatizante. Em 1946 foi convidado a ministrar um curso na Universidade de Yale, nos EUA, mas teve seu visto de entrada cancelado. Entretanto, em 1947, obteve o visto de permissão de entrada e seguiu para Nova Iorque, onde desenvolveu o projeto da sede da ONU.

Seu reconhecimento como arquiteto foi marcado por sucessivos acontecimentos: em 1950 foi publicado nos EUA, o livro *The Work of Oscar Niemeyer*, de Stamo Papadaki; em 1951 projetou os conjuntos Ibirapuera e COPAN, em São Paulo; em 1954 viajou pela primeira vez à Europa para participar do projeto de reconstrução de Berlim; em 1955 fundou a revista *Módulo*, no Rio de Janeiro, e assumiu a chefia do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da NOVACAP, encarregada da construção de Brasília; em 1956 recebeu a incumbência de organizar o concurso para escolha do Plano-Piloto de Brasília e fez parte da sua comissão

julgadora. Dedicou-se em seguida, a pedido de JK, aos projetos do Palácio da Alvorada, em Brasília, e dos principais prédios da nova capital da República.

Em 1961, após a inauguração da Novacap, publicou o trabalho *Minha experiência em Brasília* e foi nomeado coordenador da Escola de Arquitetura da recém-criada UnB; em 1962 foi ao Líbano para realizar o projeto da Feira Internacional e Permanente; em 1963 foi nomeado membro honorário do Instituto Americano de Arquitetos dos Estados Unidos e recebeu o prêmio Lênin da Paz, em solenidade na UnB; em 1964, quando viajava a trabalho para Israel, foi colhido pela notícia do golpe militar no Brasil e, em seu retorno, no mês de novembro, intimado para prestar depoimento no DOPS.

Em 1965, Niemeyer retirou-se da Universidade de Brasília ao lado de outros 200 professores, em protesto contra a política universitária e de restrições às liberdades democráticas promovida pelo regime militar. Em seguida, viaja a Paris para a exposição de sua obra no Museu do Louvre. Em 1966 publicou seu livro *Quase memórias: Viagens*.

Em 1967, impedido pela ditadura de trabalhar no Brasil, decidiu se instalar em Paris, ligando-se mais profundamente às realizações internacionais: em 1968 projetou a sede da Editora Mondadori, na Itália, e desenvolveu diversos projetos para a Argélia, dentre os quais, em 1969, o da Universidade de Constantine.

Em 1970, em protesto contra a guerra do Vietnã, desligou-se da Academia Americana de Artes e Ciências; em 1972-73, abriu, em Paris, seu escritório nos Champs Elysées, de onde acompanhou a exposição sobre sua obra na Europa; em 1972 recebeu uma medalha da Academia Polonesa em Varsóvia; em 1975, projetou a sede da Fata Engeneering, na Itália; e voltou a publicar a revista *Módulo*.

Em 1978 Niemeyer enfatizou novamente sua atuação pública no Brasil, fundando o Centro Brasil Democrático (CEBRADE), tornando-se seu primeiro presidente. Em 1983 aconteceu uma retrospectiva de sua obra, no MAM-RJ. Em 1985, depois de uma longa temporada, voltou a desenvolver projetos para Brasília. Em 1987-88 recebeu o Prêmio Pritzker de Arquitetura, dos Estados Unidos e realizou o projeto do Memorial da América Latina, em São Paulo; em 1991 projetou o MAC de Niterói; em 1993 publicou o trabalho *Conversa de Arquiteto*; em 1994 projetou o Museu O Homem e seu Universo, em Brasília, e a Torre da Embratel, no Rio de Janeiro; em 1995 projetou o Monumento em Comemoração ao Centenário de Belo Horizonte, e recebeu o título de Doutor Honoris Causa das universidades de São Paulo e de Minas Gerais; em 1996 projetou o Monumento Eldorado Memória, doado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), e recebeu o Prêmio Leão de

Ouro da Bienal de Veneza por ocasião da VI Mostra Internacional de Arquitetura.

Em 1997, em homenagem ao seu aniversário, realizaram-se diversas mostras no Brasil. Niemeyer iniciou, então, os estudos para o Caminho Niemeyer, em Niterói, no Rio de Janeiro; e os projetos do Museu de Arte Moderna de Brasília; da sede da empresa TECNET (Tecnologia e o Paço Municipal de Americana), em São Paulo; e do Centro de Convenções do Riocentro, no Rio de Janeiro.

Em 1998, no Pavilhão Manoel da Nóbrega (Parque do Ibirapuera, em São Paulo), foi realizada a exposição retrospectiva sobre sua obra

(Oscar Niemeyer 90 Anos); recebeu a Royal Gold Medal do Royal Institute of British Architects (RIBA); iniciou os estudos para os projetos do Centro Cultural de Santa Helena, no Paraná; do Complexo arquitetônico Memorial e Palácio Legislativo Ulysses Guimarães, em Rio Claro; da Escola de Música Guiomar Novaes, em São João da Boavista, em São Paulo; do Memorial Darcy Ribeiro no Sambódromo, no Rio de Janeiro; do Memorial Maria Aragão, em São Luis

do Maranhão; do Monumento Marco de Touros; do Presépio de Natal, em Natal, no Rio Grande do Norte; do Complexo Arquitetônico Memorial e Palácio Legislativo Ulysses Guimarães, em Rio Claro, São Paulo; do Memorial Carlos Drummond de Andrade, em Itabira, Minas Gerais; do Memorial Paranaense da Coluna Prestes, em Santa Helena, Paraná.

Em 1999 projetou, entre outros, o novo Teatro no Parque do Ibirapuera em São Paulo; o Setor Cultural de Brasília; o Centro Administrativo de Betim, em Minas Gerais; o Monumento Comemorativo aos 500 Anos do Descobrimento do Brasil em São Vicente (SP). Realizaram-se também, neste ano, as seguintes exposições: a Escultura de Oscar Niemeyer, no Museu de Arte Contemporânea de Niterói; Oscar Niemeyer 90 Anos, no Riocentro (RJ), que, depois, seguiu para Buenos Aires, Argentina e Brasília.

Em 2000, Niemeyer projetou o Módulo Educação Integrada (MEI), creches populares incorporadas aos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs); o Centro Administrativo de Goiânia, Goiás; o Memorial Cassiano Ricardo em São José dos Campos, São Paulo; a sede da UNE na Praia do Flamengo, no Rio de Janeiro; Auditório em Ravello, na Itália; Jardim

Botânico em Petrópolis; o Centro Cultural e Esportivo João Saldanha, em Marica (RJ). Ainda nesse ano, no Rio de Janeiro, foi lançado o documentário Oscar Niemeyer um arquiteto engajado em seu século, do cineasta belga Marc-Henri Wajnberg.

Em 2001 projetou a Residência em Oslo, Noruega; Acqua City Palace Moscou, Rússia; o Auditório e Salão de Exposições da Faculdade Cândido Mendes, no Rio de Janeiro; o anexo do hotel Copacabana Palace no Rio de Janeiro; o Centro de Memória do DOI-CODI, em São Paulo; o Museu do Cinema, em Niterói; o Museu Arte, Arquitetura, Cidade, em Curitiba, Paraná; o Hospital Veterinário da Universidade do

Norte Fluminense (UENF), em Campos (RJ). No mesmo ano recebeu a Medalha da Ordem da Solidariedade do Conselho de Estado da República de Cuba; a Medalha do Mérito Darcy Ribeiro do Conselho Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro; o Prêmio UNESCO 2001, na categoria Cultura; o Título de Grande Oficial da Ordem do Mérito Docente e Cultural Gabriela Mistral, do Ministério da Educação do Chile e de Arquiteto do Século XX, do Conselho Superior do Instituto

de Arquitetos do Brasil. Realizou-se também, em sua homenagem, a exposição Oscar Niemeyer 90 anos, no Pavilhão de Portugal do Parque das Nações, em Lisboa.

Em 2002, projetou o Centro Cultural e Esportivo da Escola de Samba Unidos de Vila Isabel, no Rio de Janeiro; e realizou-se a exposição Oscar Niemeyer 90 anos, na Galerie Nationale du Jeu de Paume em Paris, França.

Recentemente foram inaugurados a Biblioteca Nacional e o Museu Nacional – dois projetos, integrantes do Complexo Cultural da República, que idealizou.

Nos últimos anos Niemeyer prosseguiu em sua trajetória febril de realizações, reafirmando sua condição de arquiteto do mundo. Seu reconhecimento em vida justifica-se por si diante do Brasil e dos povos e países que brindou com seus traços de ímpar genialidade. Mais do que qualquer outra coisa, portanto, é essa a mais viva homenagem que se pode prestar ao mais pulsante dos brasileiros que iluminam o novo milênio.

Sala das Sessões, março de 2007

Este Projeto integra a justificativa apresentada pelo Senador Inácio Arruda para instituir, através de seu Projeto de lei, o Ano Oscar Niemeyer.

Senador Inácio Arruda PCdoB/Ceará

Nos últimos anos Niemeyer prosseguiu em sua trajetória febril de realizações, reafirmando sua condição de arquiteto do mundo. Seu reconhecimento em vida justifica-se por si diante do Brasil e dos povos e países que brindou com seus traços de ímpar genialidade

Depoimentos e testem

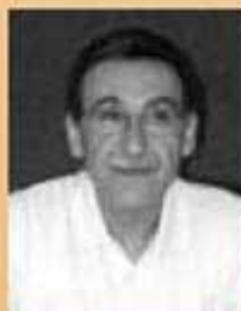
Intelectuais, políticos, personalidades do Brasil e do exterior, ressaltam o legado da arquitetura de Niemeyer ao patrimônio cultural do mundo, sublinham sua fidelidade aos ideais políticos que abraçou desde a juventude e valorizam seu compromisso com as grandes causas libertárias da humanidade



"Temos de ter muito orgulho de viver num País que tem como filho Oscar Niemeyer"

*Luis Inácio Lula da Silva
Presidente do Brasil*

"Nas comemorações dos cem anos de vida do brasileiro Oscar Niemeyer, o Partido Comunista do Brasil destaca, entre seus muitos méritos, o fato de sua obra ter projetado o Brasil de forma marcante. Um país se torna forte com a riqueza produzida por seu povo, mas também pela contribuição indelével de seus talentos, como o de Niemeyer. Devemos exaltar ainda sua coerência e o



compromisso com o povo, com os oprimidos e com a causa do comunismo e da liberdade".

*Renato Rabelo
Presidente do Partido Comunista do Brasil
- PCdoB*

"Niemeyer é orgulho para todos nós pelo que projetou aqui e fora do Brasil na nossa arte contemporânea"

*Aldo Rebelo
Deputado Federal PCdoB/SP*

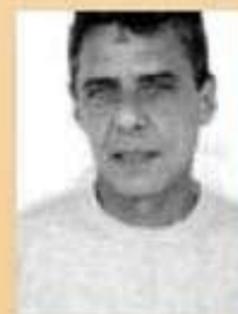


*Le Corbusier
Arquiteto*

"Estou feliz em poder dizer-lhe quanto admiro seu talento inventivo e sua maneira de entender a arquitetura. Você sabe, verdadeiramente, exprimir essa plena liberdade em tudo o que a arquitetura moderna oferece. Bravo!"

"A casa do Oscar era o sonho da família. Havia o terreno para os lados da Iguatemi, havia o anteprojeto, presente do próprio, havia a promessa de que um belo dia iríamos morar na casa do Oscar. Cresci cheio de impaciência porque meu pai, embora fosse dono do Museu do Ipiranga, nunca juntava dinheiro para construir a casa do Oscar. Pois bem, internaram-me num ginásio em Cataguases, projeto do Oscar. Vivi seis meses naquele casarão do Oscar. Achei pouco. Decidi-me a ser Oscar eu mesmo. Depois larguei a arquitetura e virei aprendiz do Tom Jobim. Quando a música sai boa, penso que parece música do Tom Jobim. Música do Tom, na minha cabeça, é a casa do Oscar".

*Chico Buarque
Escritor e compositor*



unhos

“Uma das definições básicas da nova arquitetura do começo do século XX é exatamente a exclusão das outras artes. A parede e o painel são belos em si mesmos, em sua proporção e funcionalidade. Nisso vem o Oscar e bota azulejo e mural. Então ele inclui o artista, o que é uma rebeldia dele”.



Ferreira Gullar
Poeta e crítico de arte



“É sabido que Oscar Niemeyer odeia o capitalismo e odeia o ângulo reto. Contra o ângulo reto, que ofende o espaço, ele tem feito uma arquitetura leve, livre e sensual, muito parecida com a paisagem das montanhas do Rio de Janeiro. São montanhas que parecem corpos de mulheres deitadas, desenhadas por deus, no dia em que deus achou que era Niemeyer”.

“Acho que Oscar Niemeyer pertence a uma geração extremamente importante no Brasil, que até certo ponto reconstruiu, tanto em sua própria mente quanto em benefício público, a idéia do que poderia ser o novo Brasil. Esta geração, que é extraordinariamente interessante, teve grande influência nas artes, na literatura e na criação de uma imagem própria na história do país. Tom Jobim, por exemplo, começou como arquiteto e desistiu para se tornar músico. De certa forma o Brasil do futuro é a imagem criada pela geração da década de 30”.

Eduardo Galeano
Escritor

“Coloco a Praça do Havre entre as dez melhores obras da arquitetura contemporânea”.



Bruno Zevi
Historiador

Eric Hobsbawm
Historiador



“Trata-se de ser fiel a princípios, e não de táticas ou estratégias de conquista de poder. Trata-se de princípios, e não podemos renunciar a eles. Oscar Niemeyer não renunciou e eu não o felicito por não ter renunciado. Não lhe agradeço porque simplesmente é uma expressão de sua própria humanidade. Eu creio que é uma pessoa que está em paz consigo mesmo. E estar em paz consigo mesmo não é fácil porque vivemos num mundo de tensões e contradições. No fundo, vivemos em um temporal. Manter o rumo no meio deste temporal, com ventos que sopram de todos os lados, isso o Oscar conseguiu”.

José Saramago
Escritor

“O elemento arquitetural mais importante, desde as colunas gregas, é as colunas do Palácio da Alvorada”.

André Malraux
Escritor e ex-ministro da cultura da França



“Poucos gênios na rica história da arquitetura lograram transmitir sua imagem estética com plenitude. Oscar Niemeyer inclui-se entre eles, ao lado de Fídias e Michelangelo”.

Celso Furtado
Economista



“Nunca vi, em tempo algum, nada de tão ousado como a liberdade plástica que Oscar se dá como arquiteto, e a coragem com que ele cria as coisas mais inesperadas, como se fizesse obra trivial,

ínculta. Por este caminho é que, ao longo das décadas, ele foi construindo um padrão oscárico, que hoje é um dos pendores da arquitetura mundial. Não é impossível que, amanhã, se fale de arquitetura oscárica como um substantivo comum. Que ninguém se engane pensando que Oscar é um arquiteto brasileiro, inspirado nas curvas de nossas belas mulheres e de nossas majestosas montanhas. Qual! Nada disso. Oscar é a realização até o limite da capacidade humana de criar beleza”.

Darcy Ribeiro
Escritor e antropólogo



“Os gigantescos trabalhos arquitetônicos de Brasília, por si só bastariam para colocar Niemeyer entre os maiores artistas de todos os tempos, mas, no entanto, representam apenas uma parcela de sua obra imensa, comparável em volume àquela de Picasso”.

Joaquim Cardozo
Engenheiro e poeta



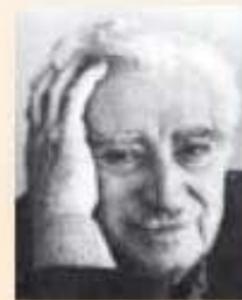
“As ‘colunas’ do Alvorada viraram o marco nacional do desenvolvimento: marco dos caminhões pelas estradas do Brasil, marco de lojas, de feiras, e padarias, de favelas e de residências finas. Bem, as multidões são

a imagem dos supermercados, mas o orgulho popular é outra coisa: é a história de uma nação”.

Lina Bo Bardi
Arquiteta

“No mundo da arte atual, não sei de mestre de humanismo e de paz maior que Oscar Niemeyer. Eu o coloco ao lado de dois outros grandes de nosso tempo: Charles Chaplin e Pablo Picasso. Cada um deles

com seu instrumento de preservar a paz no mundo. Creio que todos nós, escritores e artistas brasileiros, sentimo-nos orgulhosos de Oscar, de sermos se seu tempo e de seu país”.



Jorge Amado
Escritor

“A grandeza artística, como a celebridade, não perturbaram, em Oscar Niemeyer, os



hábitos simples, que em tudo regulam sua vida. É, realmente, o homem do cotidiano, do comum, que sabe apreciar os prazeres simples, que tanto acompanha um jogo de futebol quanto ao andamento de uma tocata de música popu-

lar, que não usa gravata e senta no chão. Nada, no plano formal, o seduz ou o atrai. Nem julga os outros pelo que, neles, pertence à autoridade ou à notoriedade, nem o deslumbram títulos e riquezas. As pessoas valem pelo que são, e só nessa dimensão as aceita e estima (...) Não renegará os amigos, mas particularmente os companheiros. Quanto mais a reação se enfurece na repressão, mais se julga ele obrigado a protestar. Estará sempre, quaisquer sejam as circunstâncias, ao lado dos oprimidos, dos perseguidos dos torturados; ao lado dos miseráveis, dos desprotegidos, dos trabalhadores. A sua fidelidade une, como luminoso fio, a beleza leve dos palácios que ajudou a construir à miséria dura dos casebres das favelas. Sua obra visa ao futuro, quando os contrastes da sociedade e as injustiças e maldades oriundas da desigualdade social estiverem superadas. Mas não espera que isso venha senão do esforço, do trabalho e da luta dos homens. Não se julga jamais desobrigado de participar. Está sempre onde sua fidelidade o obriga. Nesse sentido, sua vida é uma grande lição política – uma lição de que, hoje mais do que nunca, estamos necessitados. E que o Brasil bem merece”.

Nelson Werneck Sodré
Historiador e escritor

Cartas

Querido Oscar,

Contaram-me há tempos em Guadalajara, no México (e não sei se será certo uma vez que na Península Ibérica nunca o tinha ouvido), que é costume dos ciganos brindarem nas suas festas com estas palavras lacônicas: “Há motivo”. Nada mais. Suponho que se não mencionam o dito motivo será por se presumir que todos os presentes o conhecem, e no caso, sempre possível, de não existir coincidência total quanto ao objeto da saudação, as duas palavras, ainda que por razões diferentes, acabarão por significar o mesmo: cada conviva, no momento de levantar o copo, sabe a quem está a destinar os seus votos.

Escrevendo esta carta, também eu penso ao dirigir-me a ti, caro amigo, e companheiro: “Há motivo”. Pensando outra vez, porém, acho que deverei pôr no plural a saudação: “Há motivos”, e dizê-lo em voz bem alta para que se ouça. Há o motivo dos teus 90 anos, a celebração de uma vida longa e de fértil trabalho, muitas velas no bolo, ou uma só que as represente todas. Quando a soprares, estarei a olhar, em espírito, por cima do teu ombro, e quando receberes os abraços dos amigos presentes espero que dê também pelo meu, um abraço de espírito que só o espírito pode notar. E os motivos? Os outros motivos são a tua inteireza de caráter, a tua dignidade pessoal, que são mais do que exemplo ostensivo, discreta lição de todos os dias, como é natural nos seres que se respeitam tanto a si mesmos como aos seus semelhantes. Alguém disse um dia que uma bela vida pode valer tanto quanto uma bela obra. Tenho o privilégio de conhecer, admirar, estimar e respeitar um homem – Oscar Niemeyer –, a referência humana e cultural inseparável de quanto o Brasil teve e tem de melhor, em quem magnificamente se juntaram a obra e a vida, admiráveis uma e outra, edificadoras uma e outra. Há pois motivos, não um só motivo, estes que foram e continuam a ser-nos propostos por um arquiteto genial, por um cidadão responsável, por uma pessoa humaníssima. A quem saúdo e agradeço. Porque há motivo.

*De todo o coração,
José Saramago (s/d)*

Querido Niemeyer,

Tuas palavras em *O ser e a vida* lembram-me Martí, quando escreveu *El Ismaelillo* para crianças e adolescentes. Tens meu pleno apoio em tua árdua batalha para estimular o hábito de ler. Dizes que, sem a leitura, o jovem sai da escola sem conhecer a vida.

Ler é uma couraça contra todo tipo de manipulação. Mobiliza as consciências, nosso principal instrumento de luta diante do poder devastador das armas modernas que o império possui; desenvolve a mente e fortalece a inteligência, do mesmo modo que caminhar fortalece os músculos das pernas; estimula o sentido crítico e é um antídoto contra os instintos egoístas do ser humano.

Nossa luta contra o analfabetismo foi apenas o ponto de partida para que não se perdesse nenhum talento e para que não existissem seres humanos excluídos da possibilidade de conquistar por si mesmos a mais plena liberdade. Jamais dissemos ao povo cubano “creia”, mas sim “leia”.

Sem cultura não há liberdade nem salvação possível. Como te escrevi antes, só uma consciência maior nos manterá firmes em nossa vontade de lutar pelas idéias mais justas e pela sobrevivência da espécie humana.

Muitas felicitações por teu aniversário. Que muitas pessoas, como tu, vivam e desfrutem mais de 100 anos.

Teu amigo,

*Fidel Castro Ruz
(Havana, 10 de outubro de 2007)*

Fontes:

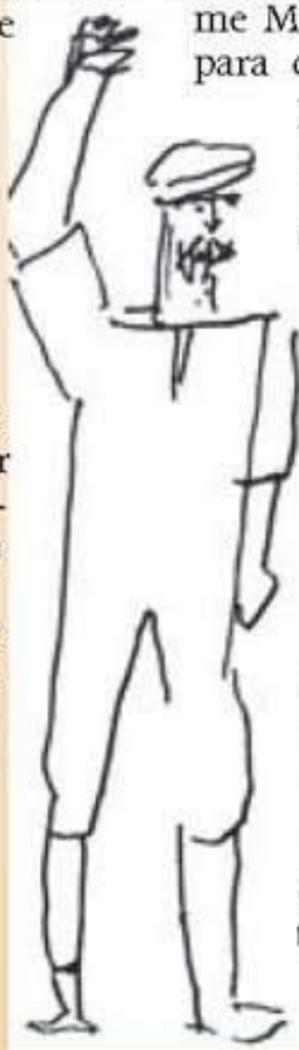
filme

Oscar Niemeyer, *A Vida é um Sopro*, Maciel, Fabiano, 2007.

livros

NIEMEYER, Oscar. *O Ser e a Vida*, Revan, 2007.

NIEMEYER, Oscar. *Minha Arquitetura*.



A Causa da Revolução de Outubro vive e triunfa

GUENNADI ZYUGANOV

Em outubro último, em Minsk, Belarus, realizou-se mais uma edição do Encontro Internacional dos Partidos Comunistas e de trabalhadores, que teve como tema a atualidade dos ideais da Revolução Russa de 1917. Guennadi Zyuganov, principal dirigente do Partido Comunista da Federação Russa, em seu pronunciamento na abertura dos trabalhos deste evento, ressaltou a vitalidade dos ideais da Revolução de Outubro,

o legado da União Soviética, e os desafios atuais da luta revolucionária, em seu país e no mundo



O sete de novembro de 1917 é um marco no calendário de eventos do século XX: esse dia viu a Grande Revolução Socialista de Outubro que abriu caminhos para que toda a humanidade pudesse conhecer uma sociedade sem guerras, violência e opressão. Essa sociedade, nascida na Rússia, é, hoje, a meta que muitos povos tentam alcançar. Na vida de todos os países o novo século mostrará os brilhantes ideais em nome dos quais nossos pais, avós e bisavós se juntaram à revolução.

Revoluções não são encomendadas. A Revolução de Outubro não foi uma “experiência de desempregados”, mas a única real oportunidade para a Rússia sobreviver como nação-estado perante sua situação de colapso militar, político e econômico; de desintegração territorial e total impotência social frente ao bloco impositor da burguesia e dos latifundiários.

A Revolução de fevereiro de 1917 – uma grande surpresa para a maioria das forças políticas – marcou o ponto alto, e não o começo da crise do velho sistema social e político da Rússia. Se alguém olhar para os pontos-chave na vida de quaisquer povos ou Estados, verá que em 1917 eles estavam todos em profunda crise ou tinham sido completamente destruídos.

A Revolução de Outubro causou o surgimento do movimento revolucionário por todo o mundo. “Mãos à obra, Rússia Soviética!” se tornou o slogan de uma campanha massiva das forças progressivas pelo mundo da jovem república. Enquanto o governo burguês tentava estrangular a revolução, o proletariado internacional apoiava os povos da Rússia na luta contra a agressão do capital e dos invasores. Alguns países assistiram a heróicas tentativas de estabelecer o poder ao povo trabalhador. A Revolução de outubro de 1917 foi um catalizador do empenho pela libertação nacional no Leste – na China, Índia, Mongólia, Turquia e países africanos.

Uma reviravolta na História

A questão era as várias opções para se alcançar os objetivos. Lênin, por exemplo, estava longe de negar a possibilidade da “burocracia

reacionária” restaurar um governo forte, a economia do país e sua reabilitação econômica.

Mas ele invariavelmente repetia que os bolcheviques estavam advogando em nome do “revolucionário-democrático” modo de resolver os problemas como um caminho que ia de encontro aos interesses da maioria da população e estava baseado em canalizar a iniciativa e criatividade das grandes massas populares.

Todas as classes e castas sociais produzem poderosos cérebros habilidosos e previdentes. Como a crise crescia, todos os políticos que possuíam algum conhecimento da situação ficaram alertas

para as medidas urgentes que eram inevitavelmente necessárias. Na véspera do levante de Petrogrado, um dos líderes mencheviques, Dan, foi ao Palácio de Inverno e, em nome de vários membros do Conselho Provisório da República da Rússia (o então chamado Pré-Parlamento), tentou persuadir Kerensky a imediatamente começar a tratar os assuntos de paz e

terras através de decretos do Governo Provisório. Kerensky declinou dessa sugestão.

Em outras palavras, a possibilidade de a burocracia-reacionária encontrar um atalho para a transformação seria a “revolução vinda de cima”, que tinha como seu principal proponente e incorporador Stolypin – àquela época, essas possibilidades foram completamente exauridas na Rússia. As classes dominantes da antiga Rússia tiveram a chance de resolver essas questões à sua própria maneira, mas elas falharam no modo de agir e tiveram de sair de cena.

O velho Estado desapareceria junto com elas

O poder poderia somente ser conseguido através da livre competição entre as várias forças políticas de arrebanhar o apoio da maioria da população, ou seja, essencialmente, superar ou minimizar o hiato social.

Os soviets tiveram sucesso nessa empreitada, isso é um fato histórico. Houve tentativas de outras forças para fazê-los retroagir através das forças armadas em curso na Guerra Civil, mas não foram coroadas com sucesso, e isso foi mais uma prova do caráter legítimo do Governo Soviete.

A primeira geração de soviéticos cresceu bem educada, forte, saudável e patriótica. Isso bateu de frente com a mais poderosa máquina de guerra no mundo, o exército fascista

O Grande Outubro salvou o Estado da Rússia

A Revolução de Outubro marcou o começo da nova reintegração do Estado da Rússia.

É moda, hoje em dia, acusar os bolcheviques e Lênin de deliberadamente “dividirem o único e indivisível” país em pequenas repúblicas nacionais. Mas essa divisão não ocorreu em 1922, mas no verão de 1917. A Polônia, por exemplo, foi declarada independente pelo Governo Provisório logo depois da Revolução de fevereiro de 1917. Na Ucrânia, o Central Rada, liderado por Vinnitchenko fez o mesmo que Kravtchuk faria em 1991. E assim foi por toda parte, dos Bálcãs ao Turquistão. Não foi em consequência da Revolução de Outubro que o império Russo deixou de existir como uma comunidade de povos. Nesse contexto coube a Lênin resolver o problema de restaurar a unidade do império Russo como um Estado-nação. Ele chegou e propôs uma fórmula de união das repúblicas afins que inclusive já existiam àquela época.

A consequência da Revolução de Outubro e da Guerra Civil foi o triunfo do modo revolucionário-democrático de salvar e reintegrar a Rússia sobre o modo reacionário-burocrático.

Foi uma única concatenação de circunstâncias que forçou a Rússia a ser a primeira a tomar o caminho do desenvolvimento socialista a despeito do fato de vários “pré-requisitos para o socialismo”, especialmente no campo econômico, ainda não estarem amadurecidos.

O país estava salvo. A construção de uma nova sociedade havia começado. A primeira preocupação do Governo Soviético foi tornar a educação acessível a todos os cidadãos. Escolas, institutos e universidades tornaram-se acessíveis às pessoas mais brilhantes, não às mais ricas. O povo soviético tornou-se o de maior nível educacional e com o melhor nível de leitura em todo o mundo.

O grandioso plano GOELRO proveu o país de uma moderna e poderosa indústria, mudando drasticamente a vida das pessoas e a tecnologia industrial. Indústrias modernas, que não existiam na Rússia Czarista, foram criadas dentro de um curto espaço de tempo. O país estava apto a produzir, independentemente, tudo o que necessitava para o desenvolvimento e o progresso e para defender a si mesmo de agressões externas.

O direito ao trabalho não foi garantido por palavras vazias, mas pela criação de novos postos de trabalho, e o direito ao descanso, através do repasse de palácios e vilas dos endinheirados e oligarcas para o povo.

Novas cidades espalharam-se pelo país, a mar-

cha do progresso fazia a construção civil crescer e as pessoas se mudavam dos acampamentos dos trabalhadores e dos porões para modernos apartamentos.

Teatros e salas de concerto tornaram-se acessíveis para todos, e todos puderam mostrar seus talentos e habilidades nos Palácios de Cultura e nos clubes locais.

A única classe privilegiada era a das crianças. A primeira geração de soviéticos cresceu bem educada, forte, saudável e patriótica. Isso bateu de frente com a mais poderosa máquina de guerra no mundo, o exército fascista que empurrava seus suprimentos de armas e comida, tecnologia e recursos para toda a Europa. A Grande Vitória tornou-se um triunfo e a mais poderosa prova do poder do sistema Soviético. A bandeira vermelha com a estrela, a foice e o martelo foi hasteada por sobre todo o então vencido Reichstag.

Nos anos do pós-guerra o Governo soviético libertou o país dos desarranjos da economia em um breve espaço de tempo. Foi o primeiro entre os países a lutar na guerra pela abolição do racionamento de comida. Ele protegeu o país e o mundo de um perigo mortal criando um escudo contra mísseis nucleares. Ele direcionou a energia atômica para fins pacíficos criando a primeira usina nuclear e o primeiro navio movido a energia nuclear. Apenas 12 anos após o fim de uma devastadora guerra lançou-se o primeiro homem ao espaço, abrindo o caminho da humanidade para as estrelas. Educação e saúde gratuitas, o incremento da construção civil, a estabilidade dos preços, a robustez moral da sociedade e um alto nível cultural – esses valores fundamentais contribuíram para o crescimento de uma população onde todos se sentiam seguros sobre o amanhã e sobre o futuro de seus filhos.

Os povos das Terras dos Soviéticos viviam em amizade e harmonia. Houve milhões de casamentos inter-étnicos e a herança cultural e as tradições de cada povo foram cultivadas. O poder da União Soviética nascido com a Revolução de Outubro tornou possível preservar a paz na Terra contendo as ambições dos imperialistas e prevenindo o estabelecimento de uma ditadura da “democracia da bomba”.

Mas um sistema social de justiça e oportunidades iguais, a fraternidade dos povos e a criação de trabalhos não estava no coração de todos. Os inimigos do socialismo e do sistema soviético, que temporariamente esconderam suas garras e seu desejo de viver do trabalho alheio, estavam infiltrados nas altas cúpulas do poder no país. Com demagogia e conversa vã, mentiras deslavadas e falsas promessas desproveram o povo de todas as suas conquistas. Apelando para o lado mais baixo da natureza humana, o desejo

de sempre ter mais e mais, e ter mais do que os outros, eles destruíram o país e provocaram guerras e conflitos entre os povos. O desenvolvimento da Rússia foi retroagido em muitas décadas.

No limite do abismo histórico

Durante os governos Yeltsin-Putin a Rússia perdeu sua economia, defesa, potencial e informação científico-cultural de que precisava para perseguir uma política que vai de encontro a posições e interesses nacionais. Ela perdeu aliados que estariam prontos a apoiá-la em todo o mundo. Nunca antes na história recente, a Rússia esteve tão fraca e tão isolada como está hoje. Estamos pagando o preço pela política antipopular perseguida por Yeltsin desde 1991 e continuada por Putin, que se apóia no dócil Partido Unido da Rússia.

O partido no poder está caminhando para o ditatorialismo. Os direitos civis estão sendo pisoteados sob a falsa esperança do “fortalecimento da estrutura vertical.” O Conselho Federal tornou-se apenas figurativo. Cidadãos têm sido privados do direito de eleger os líderes de suas regiões. Os governadores indicados por Moscou se identificam mais com os interesses e estruturas comerciais de Moscou do que com os interesses do povo de sua própria região. O governo despreza o diálogo com a sociedade.

O terror foi introduzido. A mídia está entrando numa verdadeira guerra contra a opinião pública. Como resultado, o povo empobrecido cada vez menos acredita em palavras, mas em efetivas ações. Embora a reforma liberal tenha falhado, muitos estão prestes a votar na “estabilidade” de Putin. Eles se esqueceram do submarino Kursk que afundou, ou da prejudicada estação espacial Mir, esqueceram das tragédias de Nord Ost e Beslan. Esqueceram do declínio da população, que só encontra parâmetros dentro das perdas sofridas pela Rússia durante a Primeira Guerra Mundial. Eles se esqueceram do crescimento do analfabetismo entre as crianças russas e das mudanças de opinião a respeito do materialismo.

Essa perversa estrutura é sustentada pelas “injeções” do narcotráfico e pelas rédeas da OMON.

Não é por acaso que o Ocidente recebeu com uma dose de cinismo o discurso de Putin em Mu-

nique e em outros encontros. Deixe-o falar para agradar os eleitores russos, que desejam ardentemente a volta dos tempos da Grande Rússia e da União Soviética. Na verdade, o Kremlin nada pode fazer para mudar a atual posição de humilhação do país. Então Washington e Bruxelas acreditam que a Rússia vai continuar aprovando a linha deles. A maioria dos projetos anunciados por Putin e pela Rússia Unida demorará muitos anos para ser implementada. E por falta de bom senso e a forma caótica de implementação, é improvável que eles façam muito para dar mais força às posições internacionais da Rússia. Todos esses projetos muito provavelmente serão uma ferramenta conveniente

para dividir o orçamento e o fundo de estabilização, mais do que tirar o país de sua profunda crise sistêmica. Obviamente, a maior parte do dinheiro já destinado para esses projetos será simplesmente roubada pelos “verdadeiros donos” e pelo corrupto funcionalismo público.

Estamos sendo postos de lado e discriminados. No Oriente, o rolo compressor da OTAN, atuando

do lado a lado com a União Européia, está avançando contra a Rússia. O Japão está “flutuando” sobre o nosso Extremo Leste e continua reclamando territórios, não apenas as quatro ilhas Kuril do Sul, mas dá indicações de tempos em tempos de que vai partir para cima de outras concessões.

A situação no sul é tudo, menos calma. A guerra está ardendo no Iraque e no Afeganistão, e não há sinal de término. Aparentemente os conflitos naquela região, longe de diminuir, vão continuar sua escalada. E podem se espalhar para Irã e Síria. A questão Palestina parece estar se agravando.

Por trás de todo o desenvolvimento no Oeste, Leste e Sul, estão os Estados Unidos. Sua liderança parece controlar o mundo, ou seja, dominar o mundo sob o pretexto de lutar contra o terrorismo e impor o estilo americano de democracia, exportar o modo americano de viver pela força, violando normas e princípios de leis internacionais. O mais repugnante é que essa política imperialista escancarada de roubar outras pessoas e países, chantagear e agredir, é encoberta por uma conversa crédula de direitos humanos, valores democráticos e mesmo da palavra e providência Divinas.

Estamos pagando o preço pela política antipopular perseguida por Yeltsin desde 1991 e continuada por Putin, que se apóia no dócil Partido Unido da Rússia

Existe tal força

Existe uma saída para o impasse a que os “democratas” levaram o país? Sim, existe. É oferecida pelas idéias, valores e experiência do Grande Outubro.

A gigante China, inicialmente inspirada pelo sucesso e pelas conquistas da nossa revolução, está se empenhando muito. Tem sido a mais crescente economia nos últimos 28 anos. A fraternal Bielorrússia, nossa “vizinha de porta” e um país próximo a nós como nenhum outro em termos de destino e mentalidade. A sábia e previdente liderança do presidente Alexander Lukashenko levou ao país sua experiência de “reformador”. A república é pequena, mas um em cada oito tratores no mundo hoje foi feito na Bielorrússia. Um em cada três caminhões pesados foi produzido em Belaz. Geladeiras feitas em Minsk e fogões feitos em Brest são conhecidos no mundo todo. Todos os negócios constituídos durante o período soviético estão trabalhando à toda capacidade. A qualidade dos produtos da Bielorrússia nem se compara àqueles fabricados na Rússia capitalista, obcecada com lucros e falsificando tudo: do pão à vodka.

A pequena Bielorrússia e a enorme China são muito diferentes, mas elas têm algo em comum: o poder do povo, exercido em favor do povo e não do capital. E esse é o maior legado da Grande Revolução Socialista de Outubro, cujos 90 anos estamos comemorando.

E, ainda, na Bielorrússia não há gás, ou petróleo, ou ouro, ou diamantes. Pode perguntar aos habitantes da Rússia da fronteira com a Bielorrússia onde a vida é melhor. Eles lhe dirão: a vida é melhor na Bielorrússia. Isso é um indício do regime de pressão da Rússia, que está claramente procurando trapaçar Lukashenko e evitando cumprir os acordos de criação de uma União-Estado.

Exigimos um fim para essa situação. Chega de chantagear Minsk. Chega de encrascar com a Bielorrússia sobre quem deveria ser o presidente e quem deveria ser o vice-presidente, com os olhos em cima das fábricas da Bielorrússia. Se há um acordo para criar uma União-Estado, façam o favor de cumpri-lo. Façam o favor de criar um único corpo de governo para governar aquele Estado integrando defesa, política externa, serviços de alfândega, criando leis uniformes. Os sonhos do Oriente estão separando a Bielorrússia da Rússia, encobrendo o governo lá e incluindo a Bielorrússia na OTAN e na União Européia.

Todos esses planos devem ser detidos e a Bielorrússia deve ser protegida do Ocidente. Para o PCFR (Partido Comunista da Federação Russa), a criação de uma União-Estado deve ser um assunto imediato da política externa russa. Afinal de contas é uma

chave para assegurar a segurança e os interesses geopolíticos da Rússia.

No século XXI o mundo está se voltando para a esquerda, as idéias da Grande Revolução de Outubro estão sendo revisitadas e entendidas mais profundamente pelas novas gerações. Há um crescente sobre-aviso de que o “capitalismo selvagem” é a derrocada da humanidade.

Toda experiência de Lênin para o desenvolvimento pacífico da revolução tem sido muito estudada pelo Partido Comunista da Federação Russa e forma a base das suas atuais estratégias e táticas.

Hoje, como em 1917, nosso país está novamente encarando o desafio de sobreviver como Estado-Nação, a necessidade de adotar medidas complexas para as quais não há alternativas. Nós estamos constantemente falando sobre elas, que são muito bem conhecidas.

Acima de tudo existe a necessidade de mudança de curso no âmbito social e econômico, a fim de estimular a produção interna, restaurar os direitos de posse dos trabalhadores e os direitos sociais da classe trabalhadora.

Depois, a necessidade de estabelecer uma forma soviética de controle pelo povo de cima a baixo, para assegurar que o poder executivo seja controlado pelo legislativo.

Finalmente, será a restauração de uma posição internacional independente e a genuína soberania da Rússia, que clama por medidas práticas para criar um único Estado-Nação.

Resumindo, os desafios encarados hoje pelo país são os mesmos de 90 anos atrás. Mas há algumas diferenças. Enquanto a revolução socialista de 1917 pode ser levada adiante, por meios pacíficos ou não, hoje se faz necessária a preservação dos direitos civis e a paz interétnica internacional para que a Rússia sobreviva e ressurgir como Estado-Nação.

A revolução socialista só se manterá de pé se aglutinar forças para romper o círculo vicioso que surgiu e tentar suplantar os elementos e métodos burgueses pela pura convicção. Devemos tentar conter o caos que tomou conta da edificação da civilização pouco a pouco, com ordem. Não a ordem confinada em uma barraca primitiva, mas uma ordem que acomode totalmente todas as diversidades e cores da vida real, como reflexo do ideal humano de harmonia.

Esse aspecto do legado de Lênin tem sido lembrado nas últimas décadas, mas há uma parte inalienável da doutrina de Lênin da revolução social da sua prática revolucionária. Sim, ele podia ser resolutivo, direto e implacável, e ele sabia que havia períodos em que a violência revolucionária teria de ser aplicada, por conta do fardo que o povo carregava, e que a

sociedade tinha de ser salva do desastre. Mas ele estava consciente, mais que qualquer outro revolucionário de seu tempo, do perigo sinistro do hábito da violência, mesmo que a princípio ela seja cometida por uma causa justa... Do perigo de imperceptivelmente ela se tornar um incontrolável elemento antipopular que poderia provocar uma reação em cadeia de crueldades. Lênin fala a respeito usando termos que não deixam dúvidas em suas últimas cartas endereçadas ao Congresso do partido.

Os ideais e os feitos de Outubro vivem e triunfam novamente

Anticomunistas na Rússia e na Europa estão aflitos por esconder que as idéias do socialismo exercem um excepcional e favorável impacto nos destinos de muitos países que apenas meio século atrás eram colônias ou semicolônias.

O sucesso da China de hoje é indiscutível. E mais que isso, eles são escolhidos por excelência. Mas algo que se deve lembrar é que 60 anos atrás (um curto período para a medida de tempo da história) o país estava fragmentado e o povo chinês, com suas ricas tradições, retrocedendo vários milhares de anos, como quando viviam sob o feudalismo. O Partido Comunista foi a força modernizadora que tornou o país um líder mundial.

Processo similar acontece no Vietnã, que nos passados anos 1960-70 foi atingido por uma pesada investida militar do imperialismo americano. Alguns processos interessantes acontecem no Laos liderados por forças de esquerda. Na Índia o Partido Comunista é membro da força de coalizão liderante. O presidente do Parlamento Nacional da Índia é comunista.

De qualquer forma isso mostra o grau de influência dos nossos camaradas num dos mais poderosos países do mundo.

Nossos camaradas mundo afora, especialmente na Ásia, estão encontrando novas e efetivas formas de construir uma sociedade socialista.

É um momento de atitude criativa do socialismo. É um momento de troca de idéias mútuas entre partidos trabalhando em diferentes condições. Os comunistas da China e do Vietnã têm tratado de forma criativa a experiência soviética abarcando os elementos mais valiosos e rechaçando aqueles que

não se mostraram bons. Em contrapartida, estamos estudando cuidadosamente a experiência de nossos amigos para adaptá-las à condição em que a Rússia se encontra após as reformas de mercado.

Perto de 40% da população mundial vivem em países em que o Partido Comunista lidera ou faz parte do governo. Quase metade da população da Terra conscientemente optou pelo socialismo. Isso é prova irrefutável da importância das idéias socialistas. O sucesso de nossos amigos mostra que o socialismo não é o passado, mas o futuro da humanidade.

É isso que mostramos e, firme e claramente, trazemos para o povo na celebração do 90º aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro em Minsk e Moscou, junto com outras 12 delegações de partidos-

irmãos de diversas partes do mundo, reafirmando que o futuro, o século XXI, é socialismo, o objetivo para o qual dedicamos todos nossos esforços, conhecimento e fé.

Eu os parabeno, caros camaradas que descobriram um novo caminho para a humanidade. É duro e solitário o caminho para o ressurgimento e a grandeza da Rússia, para a prosperidade e o bem-estar de seu povo.

Nesse ano de jubileu, vamos começar as eleições sob a bandeira vermelha do Grande Outubro, sob a bandeira vermelha da Grande Vitória.

Eles têm seus bilhões e nós temos milhões ao nosso lado. Nossa unidade é nossa força.

A causa de Outubro triunfa, o povo triunfará.

Temos políticos experientes e excelentes profissionais em nossos quadros. Eles querem trabalhar e eles sabem como trabalhar, e eles são capazes de ressuscitar o país. Justiça social, igualdade de oportunidades, fraternidade entre as pessoas, trabalho livre, o cuidado com as crianças e os idosos, esses são nossos valores básicos. Nós podemos e devemos reviver e desenvolver ainda mais tudo de melhor que já tivemos nas últimas nove décadas da nossa história. Juntos, com a soma de nossos esforços, podemos conseguir uma vida melhor para nós mesmos e nossas crianças. Juntos nós triunfaremos!

*Guennady Zyuganov é presidente do CC CPRF
Traduzido por Iara de Rossi e Mariana Venturini*

No século XXI o mundo está se voltando para a esquerda, as idéias da Grande Revolução de Outubro estão sendo revisitadas e entendidas mais profundamente pelas novas gerações

A geopolítica e as fontes energéticas

JOSÉ DIVANILTON PEREIRA SILVA

Neste artigo abordamos a crise energética mundial e o despontar do Brasil – em que pese a atual orientação macroeconômica – como Nação em melhores condições de diversificar as fontes de matriz energética e de mantê-la sob controle, a serviço de uma política de Estado

A geopolítica mundial atual, além de outros fatores, tem apresentado como característica uma relativa multipolaridade, em que pólos de crescimento contra-hegemônicos vêm influenciando o ritmo das atividades econômicas sobre o planeta. E nesse cenário, a disputa pela base material energética é um dos aspectos que mais tem impulsionado o quadro político mundial de instabilidade e conflitos.

Dessa forma – e cada vez mais em perspectiva, já que o petróleo é escasso e finito –, o controle de fontes energéticas por parte dos novos pólos emergentes torna-se a principal garantia de consolidação dos Estados nacionais soberanos, sobretudo ao fortalecê-los como contratendências ao hegemonismo norte-americano.

O mundo está sedento por mais energia

As atividades econômicas em todo o mundo, ao manter como matriz energética prevacente as fontes não-renováveis, e com forte preponderância do petróleo (ver figura 2), impõem aos países um grande desafio por novas descobertas. A busca pelo seu domínio tem provocado inúmeros enfrentamentos bélicos patrocinados pelo dependente império estadunidense.

Ao mesmo tempo em que se intensifica a agonia em torno das fontes não-renováveis, cresce no mundo a corrida por fontes alternativas – as renováveis –, buscando fugir da dependência fóssil. Essa nova diretriz impõe-se em função da luta contra escassez, mas também motivada pelo positivo e crescente movimento de conscientização dos povos pela preservação ambiental do planeta, reafirmando-se atualmente como uma bandeira internacional do pensamento progressista mundial.

A disputa geopolítica hoje estabelecida no mundo e o conseqüente ritmo de suas atividades econômicas vão determinando de forma mais nítida que o domí-

nio sobre as fontes energéticas é parte integrante da agenda da segurança econômica e nacional, e como tal, deve ser conduzida como política de Estado, relativizando, portanto, que devam ser tratadas como meras commodities.

Estrutura da Oferta de Energia no Mundo, OCDE e Brasil (em %)

Região	Renovável	Não-Renovável	Total
Mundial	13,3	86,7	100,0
OCDE	6,0	94,0	100,0
Brasil	44,7	55,3	100,0

Fonte: MME, 2006

Figura 1



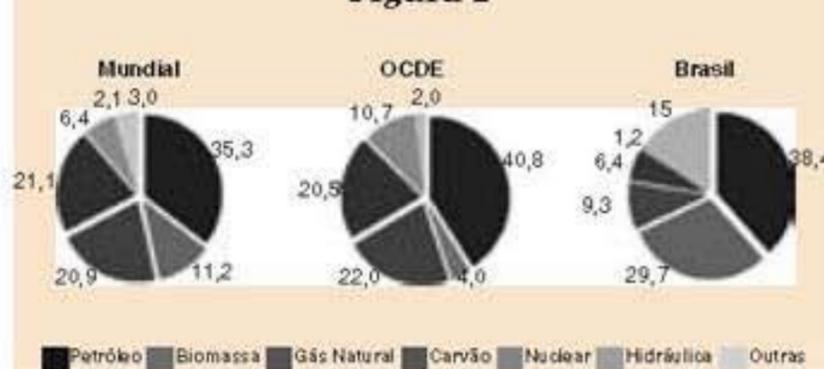
Fonte: Ministério das Minas e Energia, 2006

Matriz Energética no Mundo, OCDE e Brasil (em %)

Fonte	Mundial	OCDE	Brasil
Petróleo	35,3	40,8	38,4
Biomassa	11,2	4,0	29,7
Gás Natural	20,9	22,0	9,3
Carvão	21,1	20,5	6,4
Nuclear	6,4	10,7	1,2
Hidráulica	2,1	2,0	15,0
Outras	3,0	0,0	0,0

Fonte: MME, 2006

Figura 2



O Brasil é fonte da energia renovável e tem reservas não-renováveis

A localização geográfica do Brasil o coloca como um dos maiores retentores da maior fonte natural energética do planeta, o sol. Seu clima e sua grande disponibilidade de terra e água o vocaciona a tornar-se o grande produtor e dominador técnico-científico da produção de energia renovável.

As reservas de petróleo e gás do País – atualmente em 14 bilhões de barris de petróleo – devem crescer-se de algo em torno de 40% a 60% com a recente descoberta fronteiriça da maior província petrolífera do Brasil, que se estende pelas Bacias de Espírito Santo, Campos e Santos. A isto deve se somar algo em torno de 350 bilhões de m³ de gás – o que pode constituir patamar de relativo conforto também nas fontes não renováveis.

Observando a figura 2, comprovamos a realidade desse potencial, sobretudo na condição do País de diversificar, de forma sustentável, as fontes da configuração atual de sua matriz energética.

Atualmente esse patrimônio leva o Brasil a constituir-se como a grande potência energética no mundo, se credenciando como país de ponta na produção energética a partir da biomassa.

Os não-renováveis

Conforme a figura 1, o Brasil ainda está dependente de forma preponderante das fontes não-renováveis, pois 55,30% da matriz nacional advém delas, e em especial do petróleo. Mesmo assim, este é um percentual menor em comparação ao quadro mundial.

As reservas brasileiras de petróleo e gás, acima citadas, devem nos colocar, em breve, na condição de grande produtor mundial de petróleo. Uma conquista que, ao propiciar relativa auto-suficiência, deverá permitir a expansão da capacidade produtiva e impulsionar o desenvolvimento nacional, atuando como indutora de nossa economia.

A fragilidade atual do Brasil está em sua incapacidade momentânea de atender a todas as demandas de gás. A participação do gás natural na oferta interna de energia era de 7,7% em 2003, devendo chegar a 15% em 2015, respondendo a uma elevação de demanda que cresce a 10% a.a. nos últimos anos.

Esse ritmo obedece a uma diversificação necessária em nossa matriz energética no campo dos fósseis menos poluentes, mas, sobretudo, origina-se na crise energética produzida pela era FHC em 2001, com o “apagão”. A gestão neoliberal conduziu um ambicioso e escuso projeto de geração de energia a partir do gás natural, no qual estimulou a construção de duas dezenas de térmicas. Hoje, contamos com um

parque de 26 (o projeto original de FHC era de 49), e isso nos levou ao aumento do consumo do gás natural em 67%, entre 2000 e 2003.

O governo neoliberal exigiu que a modalidade contratual adotada pela Petrobras para aqueles empreendimentos garantisse o pagamento mensal, mesmo quando essas térmicas não funcionassem. Foi um prejuízo aos cofres da empresa em tomo de US\$ 1,5 bilhão, obrigando a estatal a parar com essa sangria e tomar-se majoritária no negócio.

Em estudo recente, contabilizou-se que se as 26 usinas forem acionadas simultaneamente, consumiriam 46 milhões de m³/dia de gás natural. Sem essas usinas, o Brasil consome hoje 34 milhões de m³/dia.

Outra fragilidade estratégica decorrente da política anterior foi a dependência exclusiva de uma única fonte abastecedora: a Bolívia. Interesses “não republicanos” na construção do gasoduto Brasil-Bolívia contribuíram para essa decisão.

Objetivando a superação dessa situação, o atual governo, através da Petrobras, constituiu o PLAN-GAS (Programa de Antecipação de Produção de Gás Nacional), que prevê bilhões de dólares em investimentos estratégicos. A recém descoberta em Santos tende também, em médio prazo, a corrigir a atual desproporção entre o consumo e a oferta.

O petróleo e seus marcos regulatórios

Na figura 1, a constatação de que o emprego de 86,7% das fontes não-renováveis pelo mundo e, destes, 56,20% advêm de petróleo e gás – e no Brasil, essas mesmas fontes correspondem a 47,7% dos 55,30% dos não-renováveis – nos obriga a analisar o controle e o domínio desses bens finitos com maior rigor.

O recente anúncio da aferição, somente na acumulação de Tupi, dentro da maior província petrolífera descoberta no Brasil, além de elevar o tamanho de nossas reservas, consolida no mundo a capacidade técnico-científica de nosso país, pois até hoje somente a Petrobras conseguiu atravessar uma camada de sal com 2000m, chegando a uma nova fronteira exploratória: a camada geológica denominada pré-sal.

Nossas reservas de 14 bilhões de barris estão quase totalmente situadas acima (camada pós-sal). A extensão da camada do pré-sal descoberta parte

do estado do Espírito Santo até o de Santa Catarina, com uma extensão de 800 km e uma largura de 200 km.

Decorrente desse acontecimento, acrescente-se aos ganhos técnico-científico-geológicos – por si só já imensos –, a oportunidade de pautar, em um outro patamar, o debate sobre o marco regulatório das atividades petrolíferas no Brasil. Para mim, através de dados aqui já revelados, o debate não deveria se desenvolver somente percorrendo a história dessa atividade no Brasil e/ou no mundo, ou a luz apenas de seu ritmo e da sua pujança produtiva atual. Considero central para quem recai o controle e o domínio dessa fonte esgotável, que ainda faz o mundo dele depender para poder funcionar.

Dessa forma, não considero o petróleo uma simples mercadoria, mas uma fonte estratégica sobre a qual o Estado deve exercer forte controle e domínio. As modificações ocorridas em suas legislações obedeceram mais a uma correlação de força desfavorável em favor dessa concepção (embora hoje já em recuperação na América Latina), do que a uma alteração conceitual de que o petróleo não exerça mais a centralidade econômica para a consolidação das nações soberanas. Limitação financeira para investimento e dependência tecnológica específica influenciam também algumas flexões.

Não devemos correr riscos sobre o controle de nossas reservas energéticas, sobretudo as não-renováveis. Imaginem o impacto que teríamos caso a província recém descoberta pela Petrobras tivesse sido leiloada e repassada ao controle estrangeiro. Para mim, esta é a hora para uma grande reflexão coletiva.

O Brasil e as fontes renováveis: vocação pela biomassa

Conforme se pode verificar na figura 2, nosso país emprega 44,7% de fontes renováveis em sua matriz energética. Esse valor nos coloca em posição diferenciada, quantitativa e qualitativamente, no panorama mundial. Com a crise energética já vislumbrada pelo mundo, os olhares – inclusive dos países desenvolvidos – voltam-se para esse enorme potencial natural brasileiro.

Nosso parque hidráulico, mesmo influenciado

O domínio sobre as fontes energéticas é parte integrante da agenda da segurança econômica e nacional, e como tal, deve ser conduzido como política de Estado

pela sazonalidade, nos dá grande segurança na obtenção de energia barata e limpa. Ainda nessa modalidade, com previsão de crescimento no mercado mundial a uma taxa de 15% ao ano, contamos até mesmo com o potencial de desenvolvimento da energia eólica que, por intermédio da Petrobras, possui um projeto-piloto na cidade de Macau-RN, além do grupo Neo Energia, que já explora comercialmente, também no estado potiguar, essa fonte alternativa.

Os recentes anúncios de investimentos previstos no PAC também, corretamente, vêm na direção de fomentar a participação da fonte nuclear em nossa matriz energética, buscando posicionar o país nos patamares do padrão internacional. Mas é na produção de biocombustíveis que reside nossa maior potencialidade alternativa aos insumos não-renováveis, colocando o país, em perspectiva, como grande produtor e exportador, além de seu domínio tecnológico.

O Pró-álcool é um programa brasileiro de sucesso que utiliza matéria-prima, tecnologia, equipamentos e infra-estrutura totalmente nacionais, e que fez do Brasil um pioneiro em retirar o chumbo da gasolina. Essa primazia está atraindo interesses internacionais, pois além de o país ser o maior produtor mundial, tem as melhores condições para sua manutenção e ampliação. Não por acaso, os Estados Unidos buscaram parceria para tentar interferir nesse processo.

Por meio da Petrobras, o país já entra na segunda geração de biocombustíveis: o bioetanol. Este programa, desenvolvido na unidade experimental do Centro de Pesquisas e Desenvolvimento da Petrobras (CENPES), produz o etanol a partir de resíduos agroindustriais, utilizando bagaço de cana-de-açúcar, por ser o resíduo agroindustrial mais expressivo no país.

Já o biodiesel é um dos programas com maior potencial pela capacidade de inclusão social, além de sua importante contribuição à diversificação de nossa matriz energética e ao impulsionamento da atividade econômica em regiões menos desenvolvidas.

Logo após o anúncio sobre a acumulação petrolífera de Tupi, o presidente Lula reafirmou sua firme determinação em prosseguir investindo no biodiesel. Já temos 40 usinas produzindo 1,640 bilhões de li-

tros de biodiesel por ano, 21 unidades em processo de autorização e mais seis usinas em construção.

Os programas de biocombustíveis em desenvolvimento no Brasil colocam o país em condições de integrar-se de forma soberana no seleto grupo de nações que também já investem pesadamente nessa fonte energética alternativa. Estados Unidos, China e União Européia preparam-se para, em curto prazo, utilizar, em proporções consideráveis, os biocombustíveis como insumo em seus próprios meios de transportes.

Quem dirige e quem controla

Diante da crise que o mundo atravessa, decorrente em grande parte da escassez de insumos energéticos, o Brasil, com seu enorme potencial de recursos naturais, além de suas reservas de não-renováveis, é um grande emergente que precisa exercer um forte protagonismo na disputa pelas fontes alternativas renováveis no mundo.

Concluo, afirmando precisarmos garantir a manutenção da rota percorrida pelo Brasil, mas não como simples política de governo. Mais do que isso. Precisamos assegurar que esses programas e projetos sejam elevados à categoria de contínua política de Estado.

Nesse sentido, a execução de tal política não deveria ficar restrita a uma diretoria de uma empresa estatal que necessita de

reformulação ou a eventuais parcerias. É necessário que o Comitê Nacional de Política Energética (CNPE) rediscuta a estrutura atual da Petrobras e fortaleça o seu sistema, colocando-o em condições de desenvolver, em patamar mais elevado, a luta estratégica por fontes energéticas renováveis.

Fontes:

PETROBRAS

Resoluções do 2º seminário FUP/Petrobras.

Ministério das Minas e Energia.

Revista Princípios, artigos de Haroldo Lima e

Dilermando Toni.

José Divanilton Pereira Silva, dirigente sindical da Federação Única dos Petroleiros e do Sindicato dos Petroleiros do RN, membro do comitê central do Partido Comunista do Brasil (PCdoB).

O Pró-álcool é um programa brasileiro de sucesso que utiliza matéria-prima, tecnologia, equipamentos e infra-estrutura totalmente nacionais

Para que o Araguaia não seja esquecido



Audatório em São Domingos do Araguaia

Em setembro, uma audiência pública da Comissão de Anistia, em São Domingos do Araguaia,

ouviu 141 pessoas. Em comum, os relatos de sofrimento, de perdas e de humilhações que as Forças Armadas brasileiras impuseram aos camponeses simples da região. Mais do que um ato de reparação, a sessão foi um passo no resgate de nossa história

PRISCILA LOBREGATTE

Quando se fala em Araguaia vem à mente mais que um espaço geograficamente demarcado pelas proximidades do rio homônimo, que nasce na serra dos Caiapó e desagua no rio Tocantins. Araguaia é toda uma região que, numa faixa especial – entre Marabá, no sul do Pará, e Xambioá, norte do Tocantins –, ganhou caráter mítico, como a imaginária Macondo, de Gabriel Garcia Márquez. Ali, 69 jovens militantes e camponeses resolveram lutar por um país livre, democrático e justo, numa época de arbítrio e censura.

Por isso, ir à região mesmo depois de 30 anos da Guerrilha do Araguaia tem um significado especial. É como pisar num terreno meio mágico, meio temido, onde ainda pairam, ao mesmo tempo, a esperança e o descrédito, a beleza e a dor. Abandonadas em um Brasil profundo e por muitos anos esquecidas,

comunidades inteiras parecem ter parado no tempo, entre ruas de terra e casebres de madeira, vivendo uma vida simples e cheia de dificuldades. “O mundo era tão recente que muitas coisas careciam de nome e para mencioná-las se precisava apontar com o dedo”. A definição de Macondo por Márquez cai bem para a região. Ali, não se sabe se o mundo começa ou termina tamanha a precariedade da vida.

Nos anos 1980, o sul do Pará viveu o apogeu do Garimpo da Serra Pelada e a alta atividade de extração de madeira. Hoje, entre Marabá e São Domingos do Araguaia, por exemplo, a Amazônia definha. E junto com ela, uma população pobre que ainda espera por melhores condições de vida.

A região ficou estigmatizada. É terra de ninguém, lugar de disputas agrárias, de mortes e de silêncio. Os moradores ainda temem falar sobre as ações do Exército na região entre 1972 e 1974, com ações que

se estenderam ainda nos anos 1980, quando os camponeses eram vigiados por militares. Há quem assegure até hoje ser observado. O território é também zona de influência de um dos nomes mais temidos dos anos de chumbo: o major Sebastião de Moura, conhecido como Curió, tão poderoso por aquelas bandas que fundou sua cidade, Curionópolis, em 1988. O Estado brasileiro, tradicionalmente submetido aos desmandos da classe dominante e avesso às manifestações populares, demorou – e muito – para se dobrar à realidade: ali, na região do Araguaia, o povo ainda sofre, lembra e chora pelos acontecimentos daqueles anos. E nunca tiveram um reconhecimento oficial. Pela primeira vez em nossa história recente, o país, por meio de seu Ministério da Justiça, foi a São Domingos do Araguaia ouvir o que os moradores têm para contar. A primeira audiência pública feita pela Comissão de Anistia, realizada em 22 e 23 de setembro, terá desdobramentos. No primeiro semestre de 2008, os conselheiros devem voltar ao local para colher mais informações. Em seguida, os casos começarão a ser julgados. O propósito do órgão é levar justiça a quem nunca a teve e ressarcir os prejudicados pela ação das Forças Armadas na década de 1970.

Para Paulo Abrão, presidente da Comissão de Anistia, órgão ligado ao Ministério da Justiça, a audiência tem uma característica especial em relação às demais. “Fomos até a comunidade. A prática democrática do Estado brasileiro é de que os tribunais julguem seus processos dentro de quatro paredes, fechados em palácios, dentro de seus prédios suntuosos. E fazem pouca investigação junto à população, a interessada efetivamente”. Isso, disse ele, “é um exemplo de democratização do acesso à Justiça no Brasil”.

Fim do silêncio

Ir ao Araguaia ouvir centenas de camponeses – mais de 140 nesta primeira oitiva – é mais do que indenizá-los pelos prejuízos morais, pessoais e materiais que sofreram. Os registros são elementos que ajudarão a reconstituir um período ainda envolto na penumbra imposta pelo autoritarismo. E pode ajudar na busca dos restos mortais de 68 vítimas do extermínio, ainda tratadas como “desaparecidos políticos”.

O reconhecimento do Estado brasileiro de que houve atrocidades é, na opinião de Renato Rabelo, presidente do PCdoB, “um exemplo de resgate da memória histórica brasileira, sobretudo quando essa memória é a das lutas populares. É preciso considerar primeiramente que, na época, a ditadura fez todo um trabalho de silenciar as testemunhas e vítimas. Não havia registro oficial dos casos. Esta era a pos-

tura do regime: um silêncio completo para que não transparecesse nada”.

Já para o professor Romualdo Pessoa Campos Filho, do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás e autor do livro *Guerrilha do Araguaia – A esquerda em armas* (Cegraf-UFG, 1997), foi justamente o “estranho silêncio dos militares” e a “diversidade de opiniões sobre o que foi a Guerrilha do Araguaia” que o fizeram se debruçar sobre o assunto em meados dos anos 1980.

Ao mergulhar no universo do Araguaia para poder construir sua tese, Campos Filho conheceu de perto a realidade da população local e constatou que de fato, os “paulistas”, como eram conhecidos os guerrilheiros, não puderam mobilizar politicamente os camponeses para a luta contra os militares. “Os destacamentos tinham sido organizados, a comissão militar havia sido escolhida e já se iniciara a preparação para conhecimento da mata, mas o trabalho político com a população só foi começar quando houve uma trégua após a segunda campanha dos militares, entre outubro de 1972 e outubro de 1973”, disse.

Então, explica Campos Filho, os militantes elaboraram a União pela Liberdade e pelo Direito dos Povos (ULDP), com 21 pontos relativos às necessidades da população do Sul do Pará e outras mais genéricas contra o regime militar. Os comunistas não tiveram dificuldade de se entrosar com os povoados e logo conquistaram a amizade dos moradores. “Essa relação terminou por envolver indiretamente aquelas pessoas com o movimento. A truculência dos militares, quando chegam à região, e a tentativa de identificar os guerrilheiros como criminosos (terroristas, bandidos e estupradores) fez com que a população desconfiasse não dos comunistas, que se tornaram seus amigos, mas da ação das tropas do governo”.

Em relato aos conselheiros, Raimundo Nonato dos Santos, o Peixinho, 70 anos, lembrou que os guerrilheiros, dos quais era vizinho, “eram um povo bom. A gente não tinha hospital aqui e quando tinha malária eles davam o remédio certo. Faziam mutirão e ajudavam na roça”.

De acordo com Campos Filho, “o silêncio dos que sabiam de alguma coisa tornou-os alvo da ação repressiva dos militares, assim como os que não sabiam e não conseguiam explicar suas amizades com os guerrilheiros”.

Coroa de Cristo

A crueldade dos militares era ilimitada e atingiu os militantes, seus parentes e moradores da região, tratados de maneira brutal sob torturas físicas e psicológicas. Um dos que compareceram à sessão com a

Comissão de Anistia para contar sua história foi

Antônio Alves de Souza, o Precatão, 69 anos, torturado com a coroa de Cristo. O instrumento, um aro de aço, era posto na cabeça dos prisioneiros e apertado com parafusos, de maneira a comprimir o crânio, provocando dores insuportáveis. Os militares chegaram à casa do camponês num fim de tarde de 1972, atrás da guerrilheira Dina (Dinalva Oliveira Teixeira). “Queriam que eu fosse com eles porque era vizinho dela. Eu disse que ela tinha saído. Foi até Esperancinha, para ajudar uma mulher que tinha sofrido um aborto”, conta Precatão.

Dias depois de ter sido expulso de sua própria casa pelos militares, Precatão foi preso porque suspeitavam de que o camponês estivesse acobertando os guerrilheiros. “Me amarraram, me deram muito tapa e pontapé e me levaram para a base”, diz. “Tam me puxando por uma corda que amarraram em meu pescoço e depois me prenderam num pé de coco. Fiquei ali das 10 da manhã até as 5 da tarde. Me deixaram em cima de um

formigueiro, eu era picado, e de vez em quando vinham me dar uns tapas”.

Quando Precatão finalmente foi levado para dentro, a tortura continuou. “Começaram a me bater de novo, a me dar choque e a me afogar na água. Nessa altura, encontrei outros companheiros também machucados. Eles resolveram usar a coroa de Cristo em mim e apertavam minha cabeça. Parecia que ela ia estourar”. Até hoje, Precatão sente fortes dores na cabeça e no peito.

Seu Frederico

Outro caso para confirmar a crueza dos militares é o de Seu Frederico Lopes. Hoje, o camponês tem seqüelas mentais. Quem contou sua história foi Dona Adalgisa Moraes da Silva, sua esposa. “Os militares chegaram a minha casa perguntando pelo meu marido. Eu disse que ele estava na casa da minha cunhada, mas eles achavam que estava se escondendo”, recorda Dona Adalgisa.

Ela lembra que prenderam o marido na fazenda Fortaleza, onde viviam, e o levaram para a Bacaba, local próximo a São Domingos, às margens da Transamazônica, onde os presos ficavam concentrados. “Judiam muito. Ele foi chutado e dependurado pelo saco”, conta a esposa.

Mas não parou por aí o sofrimento de Seu Frederico. “Deram choque na cabeça do meu pai e por isso ele enlouqueceu. Chegou a me perseguir achan-

do que eu era o marido da minha mãe”, disse o filho José Moraes da Silva, conhecido como Zé da Onça, hoje presidente da Associação dos Torturados da Guerrilha do Araguaia, fundada em 2005.

Depois de passar 60 dias preso, Frederico foi levado a Belém, para receber tratamento psicológico. “Os torturados nunca mais recuperaram o que perderam”, lamenta Zé da Onça.



Seu Frederico Lopes que também sofreu torturas

Anistia injusta e contraditória

Questionado sobre a demora de a União chegar aos camponeses, Romualdo Pessoa Campos Filho argumenta que, “historicamente, o Brasil sempre procurou resolver suas contradições – principalmente aquelas que envolveram lutas mais radicalizadas e por isso tiveram reações mais brutais – de maneira concilia-

tória. Esta é uma das características que a elite política brasileira conseguiu manter desde os tempos coloniais, inclusive omitindo ou explicando de forma reducionista a quantidade e profundidade desses conflitos”.

Como reflexo desse tipo de concepção atrasada de Estado, a lei de Anistia acabou isentando torturadores, abrandando assim os atos da ditadura militar. Segundo o professor, os militares, “acobertados por uma mídia como sempre subserviente aos interesses conservadores, contaram com o convencimento da sociedade brasileira de que seria revanchismo tentar punir os responsáveis por atrocidades. Diante disso, igualou absurdamente as atitudes dos militantes das várias organizações políticas que viviam forçosamente na clandestinidade com a truculência e covardia dos atos praticados nos porões dos órgãos repressivos”.

Também tem sido prática da elite brasileira criminalizar os movimentos e levantes populares e progressistas, de maneira que até hoje há quem tente desqualificar os méritos da Guerrilha do Araguaia. “O julgamento de todas as lutas populares sempre parte de uma ótica ideológica e política. Não existe neutralidade, sobretudo quando envolve um período histórico de luta política muito acirrada”, diz Renato Rabelo. Para ele, pegar em armas “era uma forma de resistência e muita gente achava que deveríamos simplesmente aceitar aquela situação”. Segundo ele, “toda nação, para crescer e construir seu destino depende muito de sua memória. Se a memória for excomungada, o futuro estará comprometido”.

Priscila Lobregatte é jornalista e repórter do jornal A Classe Operária

Edvar Bonotto: breve e intensa vida em prol do socialismo

ADALBERTO MONTEIRO



Edvar Bonotto, na Universidade, obteve o título de doutor em Direito, fruto do seu fecundo labor intelectual. No PCdoB, seu partido, ganhou o carinho e o respeito, sendo um destacado quadro da equipe de trabalho do Comitê Central. Culto e simples, trabalhava muito e era refratário à ribalta. Na redação da revista Princípios, pouco se ouvia sua voz, mas era constante o rumor de seu cérebro trabalhando e a batida de seus dedos no teclado. Na revista, na Escola do Partido, no Instituto Maurício Grabois,

dedicou-se intensamente para criar e fazer circular informações, idéias, conhecimento, teoria, ciência para alimentar o movimento transformador

Filho de Mário Bonotto e Edith Anita Peruchi, descendentes de imigrantes italianos, Edvar Luiz Bonotto era o caçula de 9 irmãos. Nasceu em 27 de novembro de 1964, no município gaúcho de Serafina Correia, mas sua infância e parte da juventude se passaram em Chapecó, principal município do oeste de Santa Catarina. A saga de sua família camponesa foi de muito trabalho e grandes dificuldades, mas ao final vitoriosa. Desde cedo, ele destacou-se nos estudos, sendo por várias vezes o primeiro da turma. Aos dezesseis, dezessete anos, já lecionava em escolas da região.

Em 1982, instala-se em Florianópolis para iniciar sua formação universitária. Na Federal de Santa Catarina, estuda Física, todavia sem concluir o curso. Nesse período, com cerca de vinte anos se torna um ativista do movimento estudantil e se filia ao Partido Comunista do Brasil, PCdoB. Sua origem humilde, seu próprio testemunho da fibra e do sofrimento dos pobres do campo, seu encanto pela ciência, o levaram a abraçar a bandeira do socialismo.

Em 1983, volta para Chapecó, trazendo na bagagem livros marxistas e documentos e jornais do Partido. Tinha uma missão a cumprir: fundar o Partido

na região. A tarefa foi realizada com êxito e entusiasmo. Junto com seus companheiros e companheiras, fortalece o movimento estudantil universitário e secundarista da cidade. É eleito presidente do Diretório Central dos Estudantes, da Fundest, hoje, Universidade de Chapecó, matriculado no curso de Pedagogia. Um barracão nos fundos da casa dos pais é transformado na sede oficiosa do Partido. A família Bonotto, a começar de seu pai e de sua mãe, lhe dá apoio e cobertura. Jovens lá se reuniam para estudar, debater teoria e traçar os planos de ação política. Aqui, já aparece a marca da militância de Edvar: estudo e ação, ciência e revolução. Em Chapecó, a tarefa é cumprida. A terra recebeu bem a semente e o Partido cresceu com solidez. (Atualmente, o PCdoB é forte no município, tem presença em vários setores da sociedade e no movimento social e tem dois vereadores na Câmara Municipal.)

Dever cumprido, em 1987 ele muda-se para a capital do Maranhão, São Luiz. Lá, gradua-se em Direito pela Universidade Federal. Tem intensa participação no movimento estudantil e ajuda a fortalecer o Partido. Nesse período, faz o Curso Panorâmico, de 30 dias, da Escola Nacional de Formação do PCdoB, em Brasília.

O comunista Edvar Bonotto

Quando Edvar Bonotto chegou a São Paulo, em meados da década de 1990, imediatamente procurou os editores da revista *Princípios* com a firme intenção de juntar-se à (pequena) equipe responsável pela elaboração da revista teórica e de informação do Partido Comunista do Brasil.

Era então um jovem advogado, recém-formado. Quem o conheceu naquela época pode perceber duas características marcantes daquele rapaz que procurava o Partido com uma enorme disposição de aprender a árdua tarefa de produzir e publicar textos.

A primeira delas a sua firme dedicação ao Partido. Enfrentava, com humor elevado e ânimo firme, todas as tarefas a ele atribuídas. Como bom comunista, sempre foi muito franco e, nas discussões entre os camaradas, defendia com firmeza e delicadeza sua opinião. Muitas vezes, de forma obstinada. Mas, depois que o coletivo chegava a uma conclusão, elas passavam a ser as teses defendidas por Edvar, mesmo que contrariassem aquelas que, antes, havia defendido com denodo. Era a manifestação, na prática, do espírito de partido que, nele, era muito vivo.

A outra característica que já podia ser percebida desde os primeiros tempos em que Edvar chegou a São Paulo era sua enorme curiosidade intelectual. Confirmando o lema que Marx costumava repetir, nada do que era humano lhe era estranho. A formação jurídica já apontava o interesse por um grande campo marcado pela luta pelos direitos e pela justiça. Mas Edvar ia além e era comum vê-lo às voltas com a psicologia dialética do soviético Vigotsky, quase uma paixão para ele. Ou pelos áridos caminhos da filosofia e da ciência contemporânea. Seus interesses iam desde a geografia (e ele prezava a amizade com os professores Aziz Ab'Saber e o falecido Milton Santos); a teoria do caos e os meandros da matemática (e, aqui, foi um discípulo de Newton Costa); a leitura e a tentativa de compreensão de nossa história econômica, a partir da leitura de um autor como Ignácio Rangel; as dificuldades da física, que faziam parte de suas leituras; ou os meandros da dialética, que buscava compreender em profundidade indo direto à fonte enfrentando das dificuldades da leitura de Hegel aos finos comentários de Lênin.

Este era o mundo de Edvar – o partido e o estudo da teoria. E que, na prática, traduziam-se no trabalho consciencioso, metódico, eficaz, que realizou. Tendo-se juntado à equipe de *Princípios*, logo tornou-se o secretário de redação da revista, passo importante numa trajetória dentro do Partido que o levou

Nesse tempo, ele participa e ajuda a criar movimentos e entidades que viriam a se constituir no embrião da atuação do Partido junto à jovem intelectualidade e, em particular, aos pós-graduandos: Centro de Estudos Honestino Guimarães; movimentos de Jovens Cientistas na SBPC; e Associação Nacional de Pós-Graduandos, esta última em conjunto com o também saudoso José Augusto Mochel.

Em 1993, ele transfere-se para a cidade de São Paulo com o objetivo de dar seqüência aos seus planos de formação intelectual e acadêmica. Vincula-se de pronto à estrutura do Partido, atuando no distrital do Centro. Em 1996, conclui o mestrado em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, com a dissertação: *Lógica e dialética – Ensaio Exploratório em ideologia Jurídica*.

Em 1997, passa a integrar a Comissão Editorial da revista *Princípios* e assume a secretaria de redação dessa publicação teórica e política fundada e dirigida à época por João Amazonas e editada por Olival Freire. Atua, também, na Comissão Editorial do jornal *A Classe Operária*. Participa como organizador na publicação de vários livros, entre eles, *Os desafios do Socialismo no Século XXI*, de João Amazonas. Integrou, ainda, a co-

missão de redação da história do PCdoB. Em 1998, inicia o doutorado em Direito, também pela PUC-SP. Em 2003 obtém o título de doutor em Direito com a tese: *A possibilidade de desenvolvimento do Estado nacional e os direitos fundamentais*.

Desde 2002, Edvar era membro da Comissão de Formação e Propaganda do Comitê Central do PCdoB, nos anos anteriores fez parte da Comissão de Comunicação. Atualmente, ele exercia as seguintes funções: diretor Administrativo e Financeiro do Instituto Maurício Grabois; membro da Comissão Editorial e secretário de redação da revista *Princípios* e professor da Escola Nacional de Formação do PCdoB.

Sua vida curta impediu seu florescimento por inteiro, todavia foi uma existência breve e intensa, com importantes contribuições à luta do povo brasileiro, à causa nacional e, sobretudo, ao PCdoB e ao socialismo, bandeiras abraçadas na juventude e às quais dedicou seu talento, sua inteligência, sua competência, sua vida.

Adalberto Monteiro, Presidente do Instituto Maurício Grabois e membro do Secretariado do Partido Comunista do Brasil (PCdoB)

a tornar-se membro ativo da Comissão Nacional de Formação e Propaganda, do quadro de diretores do Instituto Maurício Grabois e militante e professor da Escola Nacional do PCdoB. Tudo isso entremeado com outras tarefas, que iam desde o trabalho de revisão (meticulosa) do jornal *A Classe Operária*, a que se dedicou durante largo tempo; à leitura prévia dos textos enviados pelos colunistas do Vermelho para publicação no diário eletrônico dos comunistas, até a participação na organização dos cursos da Escola Nacional e de seminários e outros encontros semelhantes organizados pelo partido.

Os dirigentes comunistas que puderam visitar a família de Edvar Bonotto, nas circunstâncias tristes do encerramento de sua vida, puderam compreender melhor aquelas características já conhecidas daqueles que conviveram com ele.

O carinho, emoção e tristeza de seus familiares e de seus amigos na cidade catarinense de Chapecó demonstraram as raízes de uma ação comunista que vinha desde o final da década de 1970. Ainda muito jovem, Edvar foi um ativo militante de grupos de jovens da igreja católica daquele município e, nesta condição, tornou-se comunista, sendo o principal impulsionador da fundação do PCdoB nesse município do oeste de Santa Catarina. As reuniões que levaram à organização partidária local foram realizadas nos fundos da casa em que residia com sua famí-

lia, com pleno apoio dos pais e irmãos que, muito católicos, viam com naturalidade a afirmação dos valores humanísticos e socialistas que, em sua visão de trabalhadores, não colidiam com a ética a que estavam acostumados, baseada numa leitura progressista do Evangelho.

Um partido como o PCdoB é construído assim, reunindo lideranças populares, atraindo trabalhadores, organizando a vontade coletiva daqueles que lutam por um mundo justo e progressista. Edvar Bonotto foi um desses lutadores. Deixou a vida no auge de sua existência, aos 42 anos de idade, uma época que, na vida, é plena de promessas de realizações. Mas não foi autor de uma obra inacabada: deixou a marca de seu esforço pela construção do partido e da busca pelo socialismo, num período extremamente adverso como foram as décadas atuais, marcadas pelo conservadorismo, pelo individualismo e pela descrença generalizada em projetos avançados. Ele foi um dos que, pelo que escreveu e ensinou, e pelo duro trabalho que enfrentou, foi um dos heróis da resistência. Vai fazer muita falta para seus camaradas!

A Comissão Editorial de Princípios:

Adalberto Monteiro
Augusto Buonicore
José Carlos Ruy
Pedro de Oliveira
Sérgio Barroso

Aconteceu Longe Demais

A luta pela terra dos posseiros entre Formoso e Trombas

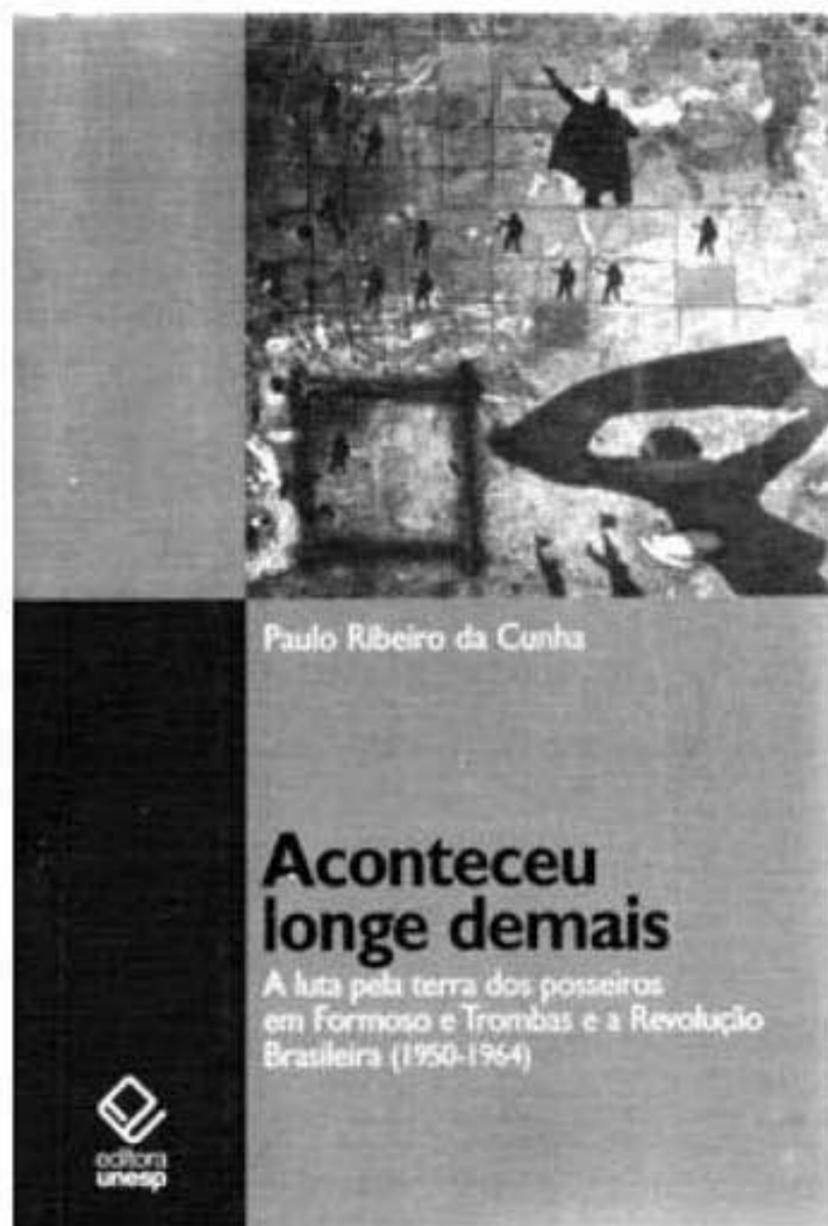
PAULO EDUARDO A. C. CRUZ

Em *Aconteceu Longe Demais, A luta pela terra dos posseiros em Formoso e Trombas e a Revolução Brasileira (1950-1964)*, Editora UNESP, 2007, Paulo Cunha traz à tona

a história de homens e mulheres do campo que se rebelaram contra o poder dominante em Goiás e, sob orientação comunista, levantaram a bandeira do direito à terra aos que dela efetivamente tiram seu sustento e a honram com o suor de seu trabalho.

O que se passou no interior goiano naqueles tempos? A luta pela terra era o que movia um punhado de camponeses e o que os levava ao embate. Em Goiás, entre os anos 1950 e 1960, direito ao trabalho e à terra era combatido pelos fazendeiros com “repressão pura e simples”, como diz Cunha, “queimando roças, espancando os moradores e seviciando suas mulheres e filhos”. Mais de cinquenta anos depois, nada muda, ou a outra ação comum, que era a de partir para a “grilagem” de terras (semelhante ao que acontece hoje em várias partes da Amazônia), argumentando serem os “legítimos proprietários, prática que se tornou comum no Estado de Goiás”.

Naquele momento, o Brasil Central começava a ser encarado



como um novo pólo de desenvolvimento: abertura da Belém-Brasília, a construção da nova capital do país e um programa federal de instalação de colônias agrícolas, e com porções extensas de terra prontas para serem cultivadas. A realidade se mostra dura. No livro, Paulo Cunha demonstra que *pari passu* com a construção do Partido Comunista em Goiás – com lideranças como Gregório Bezerra, Ângelo Arroyo e Antônio Granja –, há a tentativa de se erigir uma política mais densa e robusta sobre o modo da atuação que os comunistas deveriam ter no campo. Deve-se levar em conta que no início da década de 1950 ocorre a revolta de Porecatu, no Paraná, movimento com origens semelhantes à de Formoso e Trombas e que auxilia, em muito, neste *tour-de-force*, na busca de uma inserção no campesinato. Em 1954, relata Cunha, o dirigente Calil Cheide “(...) responsável pelas atividades do partido comunista no campo (...) afirmou que as massas só podiam ser cooptadas se o Partido tivesse um programa agrário radical”. O período para as organizações sindicais rurais também era alvissareiro, ocorreram na época a 1ª Conferência Nacional dos Trabalhadores Agrícolas e (em 1954) o Congresso Nordestino de Trabalhadores Rurais e a fundação da ULTAB (União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil), embrião da CONTAG.

Mas em Formoso e Trombas, a situação não estava muito propícia para novidades...

A partir de um núcleo na cidade de Ceres (que chegou a organizar um congresso regional de trabalhadores agrícolas), os posseiros foram avançando rumo ao norte do estado de Goiás, desbravando e fugindo das precárias condições dadas pelo governo federal. No livro está demonstrado que a partir da constatação da correta e acertada política campestre dos dirigentes goianos, estes se tomaram peça importante dessa política em nível nacional, sendo indicados pelo comitê central para dirigir atividades, “incorporados às estruturas partidárias e organizações de luta no campo (...)”. O que ocorria em Formoso e Trombas já era dado como o “ponto de onde eclodiria a revolução no País”.

A ocupação da região de Formoso e Trombas é analisada no terceiro e quarto capítulos do livro, onde Cunha mostra a processo de organização dos posseiros e, respectivamente, os impasses e estratégias do movimento. É peculiar que, num momento em que se fala em internacionalização da terra brasileira (aquisição por parte de multinacionais e de investidores estrangeiros, de extensas porções de terra visando ao latifúndio monocultor) Cunha levante um episódio ocorrido na época, na região de Porangatu, de grilagem de terras, no

qual se associaram latifundiários, grileiros, advogados, juizes políticos e empresas americanas.

No primeiro momento analisado (cap. 3), o livro discorre sobre a implantação e resistência da ocupação na região, destacando as figuras de José Firmino (em Formoso) e de José Porfírio (em Trombas). A luta na região é reforçada pela fundação da Associação dos Lavradores de Formoso e, paralelamente, há reações em maior número e peso. No livro são relatados os meios pelos quais as lideranças comunistas se organizaram na defesa de seus direitos e territórios. Mesmo diante do conluio reacionário, a disposição na luta pela posse da terra, quer por meios legais ou pela força das armas, é a marca dos posseiros e posseiras do norte goiano.

No quarto capítulo, Paulo Cunha demonstra que, passada a luta mais feroz, começa outra na qual se iniciam as articulações para a resolução do problema fundiário na região, ação esta interrompida pelo golpe de 1964. No momento do golpe, diz Cunha, cogitou-se, em um grupo de comunistas da capital federal, “(...) de seguir com armas para a região de Formoso e dali iniciar o contragolpe.”. O golpe de 1964 serviu também para desmobilizar as lideranças da região – que se empenhavam em negociações para a consolidação da ocupação – e, posteriormente, derrotar – com tortura, prisão e morte – os líderes da revolta de Formoso e Trombas.

Paulo Cunha sinaliza que a ocupação da região de Formoso e Trombas pode ter representado, para o Partido Comunista do Brasil, o início de um processo de amadurecimento, após uma séria depressão, que culminou na formatação de uma política comunista para o campo. A experiência enriquecedora em Formoso e Trombas agregou aos comunistas a atitude e a ação dos homens e mulheres do campo em sua rica trajetória de lutas.

Não foi em vão a luta dos posseiros goianos, iniciou-se naquele momento a tradição de luta e desejo pela posse da terra no centro-oeste brasileiro perpetuando, como está no livro, na fala de Carlos Pereira: “fica o meu testemunho e continua o do povo. E a memória do povo é do tamanho do mundo...”.

Paulo Eduardo A. C. Cruz é Sociólogo e mestrando em Ciências Sociais pela Unesp

BIBLIOGRAFIA

CUNHA, Paulo Ribeiro da. *Aconteceu longe demais – A luta pela terra dos posseiros em Formoso e Trombas e a Revolução Brasileira (1950-1964)*. Editora Unesp: São Paulo, 2007.



Nem toda a mídia

é marrom. Visite

www.vermelho.org.br

"Não é o ângulo reto que me atrai, nem a linha reta, dura, inflexível, criada pelo homem.

O que me atrai é a curva livre e sensual. A curva que encontro nas montanhas de meu país, na mulher preferida, nas nuvens do céu e nas ondas do mar.

De curvas é feito todo o universo. O universo curvo de Einstein."

Oscar Niemeyer

